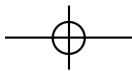
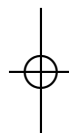
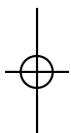


EXPLOÇÃO

Romance da etnologia



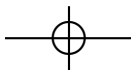
copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2017
tradução© Marcelo Backes
título original Explosion, Roman der Ethnologie
edição consultada Kay, Ronald. Frankfurt: Fischer Verlag, 2006
primeira edição 1993
edição Jorge Sallum
assistência editorial José Eduardo S. Góes
ISBN 978-85-1135-140-8
corpo editorial Adriano Scatolin,
Antônio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.



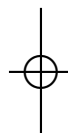
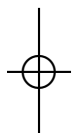
EXPLOÇÃO

Romance da etnologia

Hubert Fichte

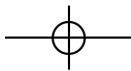
Marcelo Backes (*tradução*)

1ª edição



hedra

São Paulo_2017



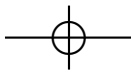


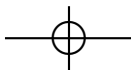
Sumário

I. AS BONECAS E OS ENXUTOS	7
1.	8
2.	9
3.	18
4.	21
5.	24
6.	28
7.	31
8.	36
9.	46
10.	50
11.	57
12.	60
13.	68
14.	70
15.	80
16.	98
17.	100
18.	106
19.	109
20.	112
21.	121
22.	122
23.	123
II. LA DOUBLE MÉPRISE	124
1.	125
2.	129

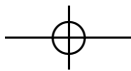
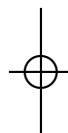
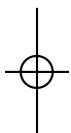


3.	140
4.	146
5.	155
6.	167
7.	171
8.	178
9.	186





I. As bonecas e os enxutos



1.

Um véu de espuma do mar.

Dez metros de altura.

Pareceu a Jäcki. O sol o atravessava.

Os arranha-céus soçobravam.

Os carros buzonavam.

A onda se abateu, indo abaixo.

A seguinte borrifou alto, entre os prédios.

Essa era Copacabana – uma rua principal entupida, cheia de fumaça de escapamento, que tinha o nome da virgem Maria, africanos nus e molhados, índios nus e brilhosos, portugueses nus e cobertos de pérolas de suor, microssungas e fios-dentais estufados, pranchas de surfe na neblina azul, negra. Entre os ônibus uivava a canção de um epígono de Aznavour, cantando a sinceridade e a floresta virgem

E, ao final de cada garganta de rua, as torres iluminadas de espuma do mar que duravam um segundo.

2.

Para Jäcki aquela viagem começara com toda a cara de uma mancada e tanto.

Junto de Irma ele parecia a si mesmo como o japonês no filme em que o papa deverá ser assassinado.

Eles participavam de uma viagem organizada.

A Ah, o país distante, a Orplid¹, a Baudelaire²

Água condensada na parte externa dos potinhos de sorvete.

Jäcki com certeza não escreveria um romance sobre isso.

Ele também não queria descobrir o que quer que fosse, como em Portugal, desmascarar, ele não queria levar a língua até si mesmo no Brasil.

Jäcki tinha algum dinheiro sobrando. Pela primeira vez na vida.

Ele escrevera um *best-seller*.

Sobre um boteco, no qual os *beatniks* alemães se encontravam há dez anos.

Os vagabundos que burlavam a norma.³

O boteco já fechara há tempo.

Nostalgia, como se diz hoje em dia

1. Todas as principais expressões, os principais nomes e as referências tipicamente alemãs e particulares ao universo de Hubert Fichte deverão ser buscados no Glossário, ao final da obra. (N. do T.)

2. A pontuação de Hubert Fichte é assaz peculiar, assim como suas quebras de parágrafo, seu uso das maiúsculas no início da frase e a organização voluntariamente fragmentária de seu texto. A presente tradução segue a configuração do original à risca, a não ser quando é perceptível de modo nítido um erro de grafia ou de construção. Parte do livro foi ditada por Hubert Fichte ao final da vida e posteriormente transcrita, o que também certamente explica alguns dos lapsos desta obra genial, perturbadora e tantas vezes impertinente, inclusive no melhor dos sentidos. Mais indicações a respeito do processo de estabelecimento do texto poderão ser encontradas na “Nota Editorial”, ao final do romance, e ao longo do próprio romance, em que Fichte também explica seu método aqui e ali. (N. do T.)

3. Fichte usa *Gammler*, no original (ver mais no GLOSSÁRIO). (N. do T.)

E Jäcki tentara escrever um romance volumoso a partir de visitas, palavras, biografias, metáforas, fantasias

Algo esforçado, solitário, experimental.

Ele teria ficado contente se tivesse conseguido abater ainda uma parte honrosa de seu adiantamento pago pela Rowohlt com a venda de exemplares – quer dizer, 7 mil exemplares, digamos a 2,50 o exemplar, portanto exatamente 20 mil marcos alemães; ele teria ganho 12 X 800 X 3.

Mas ainda lhe sobrava alguma coisa.

Esteve meio ano na lista de *best-sellers* da revista Spiegel.

Inclusive um crítico como Marcel Reich-Ranicki se atreveu a um elogio meio forçado do romance de Jäcki, ao tentar fazê-lo sangrar com milhares de setas, como de praxe, dizendo que ele não respeitava a ortografia, que a gramática era defeituosa, para ao fim, ainda assim, chegar a um bramido positivo bem típico na intelectualidade alemã.

Raddatz telefonou a Jens para saber quando seria publicada sua defesa do livro, e Jens escreveu uma réplica a Reich-Ranicki na qual louvava o romance de Jäcki, o romance daquele que ainda há alguns anos ele quisera assassinar como Manfred Hausmann, como romance de um novo tempo, no tempo, como nova ciência do homem, louvando de quebra o filólogo antigo, os conhecimentos de Ésquilo de Jäcki – mas isso já foi de Dulu

Raddatz mentiu ou falou a verdade quando telefonou a Jäcki dizendo que o professor Jens alguns dias depois, e só por causa daquilo que acontecera, havia feito uma ligação e reivindicado uma cátedra para Reich-Ranicki junto a Rowohlt⁴.

O romance de Jäcki foi publicado em maio de 1968.

E ele por certo era revolucionário, a seu modo.

Anarco.

Gay.

Um hino à matéria.

Embora também não refutasse incondicionalmente as convenções revolucionárias tradicionais.

O livro de Jäcki não chegou a desencadear a revolução anárquica

4. Provavelmente Fichte se refira a Rowohlt (Harry Rowohlt, ver mais no GLOSSÁRIO), o dono da editora de mesmo nome, ainda um jovem editor à época, mas pode também se referir à editora como um todo. (N. do T.)

Seu impulso revolucionário por certo foi ignorado, graças a Deus, em favor do *best-seller*.

O livro complicado, muitas vezes quase ilegível, soçobrou ao sabor da onda.

Todo *best-seller*, seja a Bíblia, Iliada, ou Joyce teve algo de original e ancestral, algo Helga Feddersen e Inge Meysel.

E isso faltava à “Palette”⁵.

Ela não ia ao encontro de ninguém.

Mas o incompreensível poderia ser mal compreendido no âmbito de alguma modas literárias e sociológicas

conforme aliás acontece com a maior parte das obras vanguardistas

E na verdade nem sequer se tratava de um *best-seller* de verdade...

a partir de 400 mil exemplares Heinrich Böll ou Günter Grass ou Siegfried Lenz ou Heinz Konsalik, edição mundial de 2 milhões Thomas Mann, Jimmy Baldwin, avião alugado, suíte no Ritz, St. Paul de Vence, apenas um *best-seller outsider*, jamais mais do que o segundo lugar na lista da Spiegel, ao final das contas 23 mil exemplares vendidos, e, com os direitos internacionais, exatamente 20 mil marcos.

O que se faz com 20 mil marcos pouco depois da revolução de Maio de 68 e da invasão dos russos na Tchecoslováquia?

- Pagar a entrada de um apartamento?
- Enfim. Um apartamento próprio.
- Uma gravura de Picasso?
- Gastar em bobagens? Roupas? Utensílios de cozinha? Histórias da arte? Ostras?
- Será que seria inadequado?
- Presentes para amigos, tia Hilde, mamãe?
- Isso com certeza.
- Uma viagem!
- Uma viagem, que nunca mais vamos poder fazer de novo!
- Para onde?

5. Título do romance, inspirado no nome de um conhecido bar de Hamburgo. *Palette* significa “palette” (de transporte) ou “grande variedade”, “grande miscelânea” de coisas. Ver mais no GLOSSÁRIO. (N. do T.)

- Ao Brasil!
- Três meses no Brasil.
- Uma eternidade de Brasil.
- Com a Touropa.

O Brasil era, para Jäcki, o país cujos marinheiros não se mostravam dispostos a abrir mão de sexo na viagem ao Velho Mundo.

Na “Palette”, no “Sahara” se cochichava acerca de orgias nas entrepontes brasileiras.

Era uma época na qual Jäcki visitava os navios marroquinos no porto congelado

Isso lhe parecia a utopia de um Novo Mundo.

Afro-américa.

Rápida e rasteiramente, os membros de prostitutas brasileiras, índios, africanos, portugueses, todos misturados, enfileirados como lesmas do mar na geada severa das gruas e estivadores hamburgueses.

Jäcki se preparou de jeito para a viagem organizada da Touropa com um mapa dobrável do Rio.

Guide Bleu e assim por diante.

Affonso Grisolli havia sido convidado pela Internationes e delirava com o teatro brasileiro.

Brecht e Strindberg

Teorias. Futurismo. Estranhamento. Crueldade.

Um deputado escreveu um livro sobre a tortura.

Os generais quiseram levá-lo ao tribunal.

Não deu certo por causa da imunidade parlamentar.

Os generais que quiseram suspender a imunidade parlamentar do deputado que escreveu um livro sobre a tortura dos generais fracassaram.

Ou quem fracassou foi a libertação e os generais enfraqueceram a imunidade parlamentar?

Entre mapas dobráveis e guias de viagem, uma frase breve cambaleou ao encontro de Jäcki.

Algo como:

Religião dos escravos.

ou:

Ritos de sangue da raça afro-ameríndia

e talvez:

Transe.

Os corpos dos mestiços café-com-leite, mulatos, se contorcendo inconscientes.

A mestiçagem racial

Cadinho do amálgama

E também se falava de um fotógrafo europeu.

Que havia escrito, e ilustrado com suas fotografias, obras referenciais acerca das religiões sincréticas.

Isso incomodava Jäcki.

Um francês que havia sido rico no passado.

Que desistiu de sua família e de sua posição para percorrer, fotografando, a América do Sul, há quarenta anos – ou então há vinte.

E que havia trazido de volta à África as pedras da deusa Iemanjá da Baía de Todos os Santos, a Roma Negra com tantas igrejas quantos dias tem o ano.

Como?

Quinta-feira, 2.1.69

A última imagem da mãe através de duas vidraças.

Ela não consegue mais descobrir onde está Jäcki.

Reverberações do caminho.

Ela olha para a direção errada e acha que outro homem é o filho.

É para ele que ela acena.

Em Zurique, o aeroporto está coberto de neve.

Aviões a jato e a senhora Holle.

Os Clipper sobre pneus são puxados por um trator para a pista de decolagem como patos de brinquedo.

Como se fossem aparelhos agrícolas, são puxados por tratores para adubar com esterco por exemplo campos nevados no pântano.

Então Jäcki reconhece Marrakesh.

Agadir.

O Saara
O Saara durante horas.
O aeroporto de Dakar.
O cheiro é de Jardim Botânico, praça de Santo Estêvão.
O pântano quente de Dithmarschen.
Cimento como em uma encenação de Wagner feita por Wieland.
O presidente poeta Senghor o inaugurou – segundo a placa de bronze –
em 1966.
Jäcki fez uma leitura pública da “Palette” no Star-Club.
O garçom passava a perna na conta, devagar e com toda a exatidão.
Irma e Jäcki deixam as ceroulas de inverno de Hamburgo no banheiro de
cimento do aeroporto de Dakar.
A ceroula de Jäcki está português-africanamente imaculada.
Mesmo assim, ele sente algo como vergonha por causa da peça de roupa
usada que se enrola como um delito sexual ao lado da pia.
Jäcki dá um marco ao guarda do banheiro.
O guarda do banheiro diz:
Muito obrigado.
E não estou traduzindo.
Em alemão.
Os viajantes vão, tresnoitados e estressados, pelas pistas dos holofotes em
direção à aeronave que cintila em meio à noite.
Um metálico ganso selvagem entre os continentes.
Soltura sinistra.
Voar ao Novo Mundo, pensa Jäcki –
Será que todos sentem aquilo como um nascimento?
No nascimento se pode despençar.
É o medo que muda o andar de Irma?
Ele não observava o andar dela há tempo.
Mas agora, à luz dos holofotes, diante do gigantesco pássaro metálico, ele
não mais lhe parecia passarinhar como antigamente, há quase dez anos,
quando ele se fora junto com ela
Passarinhar, hesitante, como se estivesse confuso.

O grou, *la grue*, e algo metálico, a grua.

Um ir para cima cada vez mais embotado com a segunda sacola de fotografia, a mais pesada é Jäcki quem carrega.

Quase se esquecendo de si mesma ao ter de seguir adiante

Depois de levantar voo em meio ao pântano e ao deserto, as pantomimas das aeromoças com os coletes salva-vidas.

– Estamos sobrevoando o oceano.

O medo que não cessa.

Irma dorme.

Com as pantufas do voo ultramarino e uma máscara para dormir de inspiração veneziana.

Comprimidos de valeriana.

Só água

Como se em terra as fanfarronices fossem mais suaves.

Até o sonho adentro: quedas.

Mas ainda nadar.

E o tubarão

A dois.

À esquerda, a aurora.

Nuvens de nhoque em torvelinho.

Isso é o estrangeiro.

Embaixo, floresta nativa.

Pães de açúcar.

O Rio de Janeiro, novo para a Alemanha, estava no prospecto da Touropa.

Com o gesto de cardeais abençoando, dois funcionários do aeroporto desinfetam, ar condicionado desligado, os bagageiros acima da cabeça durante quinze minutos e o piso debaixo dos pés, as anáguas, as meias.

Isso para que todo e qualquer mosquito malvado vindo da costa africana e dos pântanos de Dakar não consiga escapar do avião e chegar ali, à costa americana, aos pântanos do Rio.

38 graus Celsius penetram, vindos de fora, ultrapassando o metal e chegando à roupa de inverno.

E DDT

A Touropa Scharnow não consegue se tornar senhora da situação em meio à confusão das bagagens.

Clientes da Neckermann somem num instante em direção ao hotel.

O parceiro nacional da companhia de viagens empurra Irma e Jäcki, por 54 marcos cada, no ônibus do *citytour*, com a bagagem de mão e o sobretudo de inverno, porque o Copacabana Palace ainda não foi limpo da leva anterior de turistas.

– Provavelmente o táxi custasse, individualmente, apenas um terço disso.

– Mas a Touropa tem de fazer alguma coisa

– No voo mal pode haver alguma gordura.

O Pão de Açúcar parece exatamente igual ao Pão de Açúcar

Megacidade abaixo.

Skylines. Encostas tropicais.

Coroadas pelas vísceras das favelas.

Quatro autoestradas de quatro faixas.

Gaviões, lagartixas gigantes, floresta-virgem litorânea.

Inscrições:

– A luta armada é a solução.

– Viva os vietcongues.

– Ditadura de Cuba.

– Fora Estados Unidos

Para dentro do ônibus.

Os parques das embaixadas.

Por cima deles, como jardins suspensos

– Essas são as assim chamadas favelas

– Cinquenta mil pobres vivem nesses lugares miseráveis do Rio.

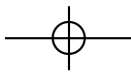
– Isso é péssimo.

– Mas muitos não querem outra coisa, porque lá não precisam pagar aluguel.

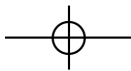
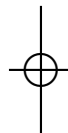
– O senhor pode muito bem descer e bater algumas fotos.

– Esta é a mundialmente famosa praia de Copacabana

Um homem uniformizado ensina a uma brigada de garotos vestidos de verde como se deve marchar.



- Este é o Copacabana Palace.
- Não é um hotel. É uma lenda.



3.

Irma e Jäcki podem ler jornal.

Irma não consegue viver sem o jornal do lugar em que está, todos os dias. Em Hamburgo, ela não fica sem o Abendblatt, por mais vergonhoso que isso possa ser desde Maio de 1968.

Em Oporto¹ não fica sem o jornal do Porto, e no Rio não fica sem o Globo e o Jornal do Brasil.

Irma e Jäcki conseguem ler jornais brasileiros.

E Jäcki, que abre mão com tranquilidade do Abendblatt, mas não consegue viver sem o Le Monde, está sentado sobre a cama do nobre hotel e lê que os Rolling Stones também estão hospedados no Copacabana Palace, junto com ele, porque querem participar do sacrifício a Iemanjá nas praias do Rio.

– Quem é Iemanjá e que sacrifícios são esses?

Jäcki lê que Henry Ford II é esperado para o carnaval

Jäcki lê que Perez Jimenez, o antigo ditador, que sumiu com o caixa nacional da Venezuela, é esperado no Copacabana Palace, onde alugou um apartamento por 10 mil marcos alemães ao dia.

Jäcki o vê, uma pequena caixa de aço na mão, passar pelas portas giratórias do Hotel Copacabana Palace.

Jäcki vai pegar a tesoura no banheiro.

Jäcki começa a recortar o jornal, como no passado recortou as fotos de Irma

Rolling Stones, Perez Jimenez, Henry Ford II.

Mas não para voltar a juntar as imagens em assim chamadas colagens surrealistas

Fotos que tornam o interior visível exteriormente

1. Nome pelo qual a cidade do Porto também é conhecido, por exemplo em inglês. (N. do T.)

Ilustrações para palavras,

Mas sim palavras, artigos, que ele pretende colecionar, a fim de que Peter Ladiges as possa transformar em ondas radiofônicas que mapeiam o mundo exterior.

Newsreel, era o nome que Dos Passos dava a isso

Uma foto, de mil fiapos contraditórios

Para seus programas de rádio.

A verdade.

Jäcki lê a respeito dos bairros miseráveis, as favelas

Ele já havia pesquisado a respeito em Hamburgo, durante os preparativos para a viagem, no Arquivo da Economia Mundial, no Arquivo da Spiegel Favela.

Vem de um morro no Rio de Janeiro.

Morro da Favela, onde há quarenta, cinquenta anos, os sem-teto se estabeleceram

As primeiras favelas foram descritas por um certo Aluísio Azevedo.

O Cortiço, foi esse o título que Aluísio Azevedo deu a seu romance.

Uma favela no Rio, assim que a república foi proclamada.

Mas Jäcki logo esquecerá o nome de Aluísio Azevedo.

Na cama do Copacabana Palace, Jäcki recorta um artigo do Globo sobre o Morro da Providência.

– *Hügel* é morro em português.

– Mas morro também pode ser pedreira, *Steinbruch*.

– E *Vorsehung* quer dizer Providência.

– No dia 29 de dezembro de 1968 um deslizamento de terra levou 100 casas da Favela do Morro da Providência, deixando apenas uma pedreira para trás.

45 pessoas foram mortas.

Sobretudo crianças –

Na cama do Copacabana Palace, Jäcki recorta um artigo do Globo:

Duplo assassinato de homossexuais.

Alarme na Praça Tiradentes.

Uma residência comunitária decadente na Rua Gonçalves Lêdo² 11, junto à Praça Tiradentes, foi cenário de um latrocínio bárbaro no amanhecer do dia de ontem. Os homossexuais Arnaldo Benedito de Oliveira, 42, chamado “Marilu”, e João Pereira da Cruz, 34, proprietário de hotel, chamado “Marta”, foram mortos enquanto dormiam por golpes de faca no baixo-ventre. O suspeito é um soldado, conhecido pelo nome de Cavalcanti ou “O pálido”, que assassinou os dois homossexuais para se apropriar de cerca de cem cruzeiros e das joias de suas vítimas.

2. Hubert Fichte grafa “Gonçalvez Ledo”, no original. Os pequenos erros de ortografia não serão mais mencionados, a não ser em casos específicos. (N. do T.)

4.

Anoiteceu.

Ainda há pouco, surfistas cintilantes, iluminados pelo sol, na praia.

Mal um vento mais fresco, e agora já é noite.

O cheiro de bolor africano misturado aos gases dos engarrafamentos do Novo Mundo

Na praia, velas são acesas.

As crianças ou os comerciantes abriram valas na areia e botaram velas dentro, e elas cintilam até as fachadas dos arranha-céus de Copacabana

Como se acenassem.

As chamas na escuridão.

Nada atrai tanto

São sinais, invocações

Sombras de negros se ajoelham diante delas

Uma negra de vestido branco – Jäcki elabora o complicado:

– uma afro-brasileira de vestido branco.

apresenta uma dança diante de uma cruz de velas acesas

perdida na areia que tremeluz em violeta-escuro.

Ao fundo, o negror da praia se confunde com o mar ainda mais negro.

Céu. Nenhuma nuvem pode ser vista.

Ali, mais uma luz de vela, adiante mais uma, ameaçada pela costa que parece infinita a Jäcki

Jäcki deixa Irma sozinha.

As chamas das velas o sugam.

Diante do hotel, a Touropa inteira cai de seu corpo.

Sala de leitura, Pão de Açúcar, tapetes de banho

O calor gruda em sua pele.

Jäcki não consegue explicar, mas lhe parece que o calor aumenta depois que o sol se põe, como se os prédios e os morros, em razão de uma lei desconhecida para ele, agora devolvessem o calor que absorveram durante o dia

O Novo Mundo se acotovela junto dele.

Isso tem algo de abraço.

E Jäcki agora gostaria de mergulhar nos corpos negros, conforme ouviu sobre os marinheiros da marinha mercante brasileira, na gosma leitosa e no cheiro de cacau.

Ele anda em direção a um buraco tomado por velas.

Um grupo de pessoas vestidas dominicalmente reza um Pai Nosso. Ali, sobre a areia, uma toalha de mesa abandonada. Uma garrafa de cachaça, copos de cerveja sobre ela. Uma melancia aberta – dinheiro, uma galinha morta. E um buquê de flores, cujas cores são tingidas pela noite.

Ele vai até a cruz de velas, até uma vala, na qual as várias velas acesas aceleram mutuamente o derretimento como em uma tempestade de fogo. Também ali as belas cantoras de salmos se movimentam entre pratos e buquês como por trás do vidro de uma cabine telefônica ou de um aquário.

Jäcki, apesar do calor suarento, corre de volta até a avenida Atlântica.

Ele reconhece o quarto iluminado de Irma.

No muro junto à praia, os casais estão sentados coladinhos uns aos outros.

Usando vestidos curtos, calções apertados que parecem prestes a rebentar.

Eles trocam carinhos

Estão sentados de costas para a calçada e tão juntos

que por trás não se pode ver o que fazem na frente.

Milhares

Jäcki percorre a avenida Atlântica inteira.

Na extremidade norte, onde há mais um Pão de Açúcar e um quartel militar, um soldado aponta a metralhadora para um homem que, apoiado a um carro, mantém as mãos levantadas.

O homem não desiste diante da metralhadora.

Ele argumenta com o soldado.

Outros carros se aproximam

Eles cercam o soldado, cuja metralhadora treme nas mãos.

Os carros andam em círculos.
O soldado baixa a metralhadora.
E pega dinheiro do homem junto ao carro.
Jäcki percorre a avenida Atlântica inteira, voltando.
Ele calcula os quilômetros.
– Com certeza são pelo menos dez quilômetros.
Um casal de namorados ao lado do outro. Costas junto a costas.
Nem um único olho homossexual.
Nem mesmo uma bichinha com um poodle.
Ou um garoto de programa de olhar desdenhoso.
Só aquele mar de assim chamados casais normais junto à avenida Atlântica.
O que será que as bichinhas estão todas planejando
E os jornais.
E Affonso.
Na extremidade sul, mais um quartel
Mas, das gargantas das ruas que dão para o morro, um matraquear.
De madrugada, às duas, as bancas de jornal da avenida Nossa Senhora de Copacabana continuam abertas.

5.

Ao mar!

Fora com as roupas, roupas de marca, meias, câmeras, canetas-tinteiro.

Para o outro lado, atravessando o trânsito de oito faixas, os gazes de oito faixas

Para o outro lado, onde está o homem do abacaxi e as pandorgas de gaze

O homem do abacaxi é bem preto

Em um cesto redondo, ele carrega cerca de cem abacaxis sobre a cabeça.

De tempos em tempos, bota o cesto sobre a areia e espera que os banhistas se aproximem e comprem um abacaxi por um cruzeiro.

Ele brande o facão.

Decapita a coroa do abacaxi

Descasca-o aos poucos, girando-o, fende-o e estende ao cliente a fruta gotejante junto com o caroço.

Quando aparece um conhecido, ele dá um abacaxi de brinde.

Também concede crédito quando alguém não encontra mais dinheiro na bermuda molhada.

Quando o homem do abacaxi volta a usar seu chapéu e quer seguir adiante e mais um cliente chega, este mesmo é obrigado a escolher sua fruta. O homem do abacaxi fica de cócoras.

O calção de linho azul se entumece na parte da frente.

As mulheres olham todas para o lugar, e os homens também.

Se uma mulher lhe agrada, o homem do abacaxi toca o calção e mexe sua banana.

Quando o homem do abacaxi vendeu todos seus abacaxis, ele vai dar um mergulho, nada em estilo borboleta

Desaparece em uma onda, alta, peixe, âmbar.

O homem do abacaxi se deita na areia e os pingos descem por seu corpo como os regatos de uma montanha negra.

Em pé, as crianças saltam diante da parede de espuma e, mergulhando de cabeça, suas pernas são arremessadas ao alto, as solas brancas dos pés refulgem, os dedos rosados, e, girando uma vez, caem de costas na onda que desce, negra.

Um pai consola seu filho, que chora na água.

Ele o acaricia

Dá apoio a ele

O pai não sabe o que fazer diante das lágrimas minúsculas em meio a toda aquela gritaria e aquela espuma

– São ondas altas como prédios, diz Jäcki a Irma.

– Isso sempre se lê, mas ver eu nunca vi

Um rapaz une as pontas dos dedos e faz o sinal da cruz antes de mergulhar e desaparecer.

E agora?

Jäcki se lembra das recomendações aos banhistas de Sylt

Os desenhos.

Crista da onda, mergulhar, côncavo da onda, emergir, crista da onda, mergulhar.

Cinco, seis vezes.

Tinta esmalte com figuras gráficas em negro indicando o procedimento, linhas amarelas, setas vermelhas.

– Precisamos aprender, diz Jäcki

E vê como as ondas botam o homem do abacaxi de ponta-cabeça.

Lá se foi o calção curto de linho azul

Tudo vira um redemoinho em meio à espuma, dedos rosados, solas brancas

Bagos negros.

– Nunca vou conseguir aprender, diz Irma.

– Precisamos nos segurar, diz Jäcki.

– Não. Você não pode me obrigar.

– Posso sim.

– Não.

– Posso.

- Eu não consigo.
- Então vou aprender sozinho
- Mas tenha cuidado.
- Temos de perder o medo das ondas.
- Sim.

Irma dá a mão a Jäcki.

- Quando a próxima onda vier, vamos ficar de cócoras e deixar que ela passe voando por nós.

Irma e Jäcki se abaixam.

Quando voltam a emergir, se transformaram em foca e gaivota.

- Mais uma vez.
- Agora eu quero ir só.

Eles treinam.

Mergulhar, direto à parede de espuma do mar.

Imitando o homem do abacaxi.

A onda os levanta como um avião ao Pão de Açúcar

As pernas batem, os braços são retorcidos para baixo virando medusas, tragalhadanças, ostraciontídeos.

Pedrinhas sibilam em torno de seus ouvidos. Eles são sacudidos como um *milk-shake*

Ao fundo do mar, onde os cabos ultramarinos ancoram.

O gosto é de hospital e casa de repouso.

Irma e Jäcki abrem os olhos

Em uma floresta de águas-marinhas, cardumes de tubarões vermelhos minúsculos.

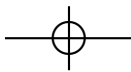
Ali moram ondinas, Tétis, o rei dos sapos, espíritos marinhos.

Eles são jogados para fora com as juntas doloridas.

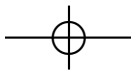
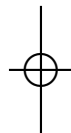
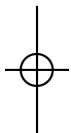
Irma sente vertigens.

Um homem lhe oferece o braço e a salva, antes que ela entenda que estava se afogando a cinco metros de distância do homem do abacaxi.

Assim, aquela viagem trouxe a Jäcki e Irma não apenas um novo continente, mas também um novo elemento.



Eles haviam aprendido, apesar de Irma estar convencida do contrário, a mergulhar.



6.

Mas o Rio não parecia a Jäcki apenas abacaxi e Campari, Rolling Stones, ametistas contrabandeadas e as saladas estragadas do Copacabana Palace. Ele pegou um táxi e desceu a 150 por hora as curvas das autoestradas cheias de curvas da cidade.

À esquerda, o Cristo de cimento iluminado abençoava, à direita, refulgia uma advertência fatídica entre os rochedos.

– Serviço militar para defender a pátria.

– Beba Coca-Cola.

– Praça Tiradentes

Foi o que Jäcki disse ao motorista do táxi, e se alegrou por sibilar o “t” como os brasileiros.

O som era mais bonitinho do que o português de matraca dos portugueses. Tiradentes de dentista, dali é que vinha o nome.

Até que Jäcki entendeu que ele se referia a um homem, um revolucionário, que o império havia esfolado, esquartejado, botado na roda, arrancando-lhe a pele quando ainda estava vivo.

A praça é confortável.

Provinciana.

A segunda praça de um antigo império com mictórios e bancas de loteria. Cinemas.

Nos pontos de ônibus, os trocadores fazem suas anotações a lápis.

O burburinho humano diante de um teatro de variedades.

Duas travestis negras – sobancelhas afinadas de Marlene Dietrich – andam pela praça cambaleando sobre os saltos altos.

– Rua Gonçalves Lêdo 11, Jäcki gravara o endereço.

– Arnaldo Benedito de Oliveira, “Marilu”.

– João Pereira da Cruz, “Marta”.

Na esquina sombreada, vários sem-teto

Eles dormem na calçada.

– Ao amanhecer do dia anterior, policiais em diferentes uniformes.

O policial de trânsito, fungando, faz de conta que anota a placa de alguém.

Jäcki olha para o braço dele rapidamente.

O policial faz a caneta deslizar sobre o bloquinho, sem o tocar

Ele faz movimentos giratórios com a caneta.

O policial nem sabe escrever.

Cinemas

Marrocos: “A Bíblia”

São João: “Helga”

“A caça do marginal”

estava escrito no artigo.

Marginais.

Marginálias.

Grupos à margem

“À caça do marginal, a polícia semeou pânico”

A polícia semeadora de pânico entre os homossexuais da Praça Tiradentes.

Numerosos homossexuais que tiveram ligações com Cavalcanti, aliás “o Pálido”, foram presos.

– Ele tentou se aproximar de mim de modo indecoroso

– Fiquei com tanto nojo.

– Mas o que o senhor mais gosta

– Eu como de tudo.

– Um gosta de café, o outro de manteiga.

Peixe ou carne, era como se dizia em Portugal.

Peixe ou carne.

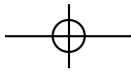
Na Rua Gonçalves Lêdo não há postes de iluminação acesos.

Jäcki procura o número onze.

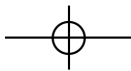
Arnaldo Benedito de Oliveira, 42, “Marilu”, e João Pereira da Cruz, 34,

“Marta” foram brutalmente assassinados enquanto dormiam.

Onze.



Uma placa:
Gravuras em uma hora.
Facas. Anéis. Medalhas.
Da janela do segundo andar, um homem gordo olha para a rua.
Facas na barriga e depois giradas.
Sapato sangrento.
Um homem vem ao encontro de Jäcki.
Ele também olha para o alto do número onze.



7.

Para Irma e Jäcki, para o rádio e a revista Stern o turismo é trabalho.

Na manhã seguinte, eles deixaram sua pensão nobre, os Stones estoneados, o ditador em fuga com seu cofre-porquinho, a salada cara Copacabana, na qual uma barata-bebê boiava e pegaram o táxi para o Morro da Providência.

Irma fez questão de carregar ela mesma sua bolsa de aparelhos e materiais fotográficos.

Jäcki saiu sem nada.

Enfiara apenas o artigo do Globo no bolso traseiro.

No dia 29 de dezembro de 1968, um deslizamento de terra levou cerca de cem casas da favela do Morro da Providência abaixo. 45 pessoas foram mortas. Sobretudo crianças.

Centenas de sem-teto

Os cadáveres não puderam ser todos resgatados

O Instituto de Geotécnica cessou as medições

E a polícia proibiu a mais 1.100 pessoas de continuar morando na favela, por risco de desabamento.

O Morro da Providência fica a dois minutos da Central do Brasil, da Estação Ferroviária Central.

Jäcki pretendia fazer Irma fotografar um esgrafito no centro da cidade.

Mas ela corre em direção a uma torta coberta de sangue.

– Um esgrafito. Isso não dá foto que presta. Apenas uma reprodução.

– Depende do corte.

Jäcki vê Irma pirar no vento da imprensa promovido pela revista Stern e só com suas fotografias

Com uma leve ânsia de vômito, ele volta a pensar nas fotos que fizeram com que ele a conhecesse, e que ele recortou para ilustrar sua peça de teatro gay.

Freiras em geometrias venezianas.

Muros, chaminés em inclinações extremamente frágeis, como apenas Irma era capaz de voltar a equilibrar.

Será que agora tudo iria para o brejo no Novo Mundo?

Na época ainda era a velha Leica e a Rolleiflex mestre-escola. Agora ela já ganhara tanto a ponto de poder adquirir duas novas Leicas e duas Mamiyas.

Esgrafito

– *Demian was here.*

– Che.

Esgrafito à moda do tachismo.

– Eu poderia imaginar uma história desta parte da crosta terrestre apenas a partir do esgrafito, muros, camadas de pintura, depósitos de vegetação, letreiros.

– Mas eu não sou alguém que aprendeu reprodução artística.

O prédio dos bombeiros naturalmente era outra coisa.

Uma arquitetura de tromba e chantili neo-manuelina como se poderia encontrar em Lisboa, mas inimaginavelmente coberta de sangue

A fim de que também todo mundo compreendesse que ali os carros rápidos ocupavam seu lugar em casa, os pretos de capacetes cintilantes com suas mangueiras grandes e grossas.

E que se tratava de sinistros e incêndios e sirenes.

– Espero que os filmes coloridos não tenham sofrido uma insolação nesse calor.

– E o vermelho se destaca.

– O vermelho entre as velhas árvores cobertas de pó e as cores surrealistas dos vestidos de verão.

Atrás da arquitetura da ditadura dos anos trinta, atrás da Presidente Vargas, um rapaz se aproxima de Jäcki e Irma, segue sempre um pouco atrás de Irma, do lado em que fica a bolsa com o material fotográfico.

Jäcki começa a falar com ele.

E muda para o lado em que fica a bolsa com o material fotográfico
O rapaz faz alertas contra ladrões, batedores de carteira, assaltantes.

– Aqui.

– Em torno da estação.

– As favelas ali não ficam longe.

Em uma rua estreita, cheia de plátanos, há uma cama de ferro em frente
a uma vitrine de persianas baixadas.

Ao lado, um armário com espelho oval. Utensílios de cozinha

Uma velha negra senta-se na cama arrumada com todo o cuidado

Ela olha das rugas de sua rosto diretamente para os dois olhos de vidro da
Mamiyaflex quando Irma bate a foto.

Ao lado da estação central, sobe-se para o Morro da Providência.

A escada que sobe para o Morro da Providência é de cimento.

Floresta virgem nas encostas.

Em cima, a coroa de escombros dos casebres.

Jäcki chega ao topo como se estivesse em um passeio pelas montanhas

Em cima, o cume

Atrás, o abismo.

O totalmente outro.

Mas não uma abertura amável que dá para arquipélagos e castelos de rou-
xinóis

E mais a garganta cheia de esqueletos de ovelha na qual se precipita reba-
nho após rebanho.

– Como um arranha-céus, pensa Jäcki.

– Boceta ancestral de granito.

– De quando em quando, saltam alguns fragmentos abaixo, insinuando
qual é.

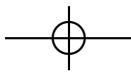
Em cima, ao longo do abismo, os apoios para os barracos trêmulos –

Alguns esticam suas vigas como tinteiros no ar

Os que estão à beira do precipício não são mais habitados.

Jäcki se vira para o outro lado.

Ele agora vê o Rio com seu Pão de Açúcar da perspectiva dos moradores
da favela.



A linha do horizonte daquela que é a cidade mais bonita do mundo.

Irma bate uma foto.

Construções sobre pilastras no primeiro plano lá embaixo, na névoa, as casinhas coloniais coloridas com suas decorações de torta da virada do século, o ministério branco com a cúpula de Michelangelo

Irma bate uma foto, a loja de quinquilharias no primeiro plano,

Atrás, a estação da Central do Brasil

O bar do Morro da Providência não desabou para dentro da garganta.

O bar no primeiro plano, atrás, na névoa, as montanhas de tábuas secas como mastros de cimento de uma catedral de Niemeyer

Um homem velho é carregado em uma cadeira por três homens escada de cimento acima, ao longo do cume.

Ele tem uma atadura nova.

– Ele vem do hospital, diz um dos carregadores.

O carregador tem uma cruz de corações em chamas tatuada no peito cor de cacau.

Uma mulher acena a Jäcki e Irma para que se aproximem do barraco.

A mulher desce uma pequena escada de madeira até a beira do precipício.

Fica em pé ao lado das escoras de sua casinha sobre escoras.

Ela abraça a pedra debaixo de um dos apoios e a embala de um lado a outro.

Seu barraco começa a balançar. A escadinha. As flores nos regadores de lata enferrujados. O comigo-ninguém-pode balança, a cala, o manjerição.

Sua casa inteira. Os banheiros, a cozinha, a despensa, o porão, o quartinho do despejo, o piso, o saguão, o quarto, o estúdio, o quarto das crianças, a sala de estar, o estúdio, a sala de fumar, a piscina no terraço.

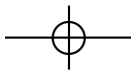
Tudo balança junto, porque a mulher abraça uma pedra debaixo de uma das escoras de sua casa.

Os pais torcem o cabelo enrolado da menininha até formar algo que lembra duas tranças

E prendem laços rosados a elas.

Um garoto usa sobre o corpo impoluto uma camiseta de Mickey Mouse que acabou de ser passada a ferro e tem cem buracos.

Um homem convida Jäcki para uma cachaça na casa de madeira.



O garoto passa água nos copinhos de aguardente mais uma vez.

E os sacode lá fora, sobre o abismo de granito, até que sequem.

Um garoto. Um cão pastor.

– Também aqui começou a moda dos pastores alemães.

A casa tem apenas um ambiente.

Não tem banheiro.

Não tem água corrente

O chão está varrido.

– O senhor pode comprar ela, diz o garoto.

– Mas eu não quero comprá-la, diz Jäcki:

– Quanto custa uma casa dessas.

– É barata. 700, 800 cruzeiros.

– O cruzeiro tem mais ou menos o mesmo valor do marco.

Jäcki e Irma conseguem ir embora.

Eles se despedem e agradecem cerimoniosamente pela cachaça.

Jäcki e Irma vão até as casas vazias, acima do precipício.

– Foi ali que elas deslizaram abaixo, diz um homem, e estende o braço.

Ali.

Irma bate uma foto da garganta de granito.

A foto com o braço esticado e o indicador apontado.

Ali.

Ali jaz um sapato de criança.

É claro que isso é insuportavelmente sentimental, pensa Jäcki, dizer em um produto feito para Christian Gneuss, numa frase que se pretende objetiva, que ali jaz um sapato de criança.

8.

Jäcki, quando preparava a viagem, havia providenciado o novo guia turístico.

Não eram mais folhinhas mimeografadas do cassino municipal, que um espião da polícia dos costumes tirava do bolso.

O guia havia inchado e virara um livro de bolso.

Agora se chamava Eos Guide

Encadernado em plástico

– Para que não sobrem rastros de sêmen, urina, quando ele cai num vaso sanitário. Fezes. Sangue.

– Lavável.

O Rio era um mundo de bares, sanitários e banhos turcos.

Jäcki não tinha vontade nenhuma de ir a bares.

Na Praça Dom Pedro II – a primeira tampa fechada, a segunda bolorenta, vazia.

Na Praça Mauá nada, a não ser a Polícia Militar e as prostitutas

Os cinemas *gays* de Copacabana eram distintos e vigiados pela polícia.

Ele não conseguiu encontrar o Banho Turco.

Jäcki voltou para a Praça Tiradentes.

Ela havia se tornado familiar para ele devido ao assassinato de “Marilu” e “Marta” pelo “Pálido”.

Também no monumento ao esfolado ele não conseguiu encontrar nada.

Os cinemas lhe pareceram reacionários.

As pessoas vinham do Largo da Carioca pela Praça Tiradentes, seguindo à esquerda em direção a uma rua estreita

Jäcki se deixou levar pela turba.

Adiante,

Até um parque cercado, que agora estava fechado

O prédio dos bombeiros cintilava, sanguinolento, através das árvores.
Depois arquitetura Bauhaus.
Ditaduras.
E outra vez a estação, o Morro da Providência atrás dela com seu buraco negro
À beira do precipício, lá em cima, o punhado de caramanchões.
Jäcki estava com sede.
Ele atravessou tropeçando as calçadas de uma estação de ônibus improvisada.
Subindo as escadarias da construção provinciana dos anos trinta.
Central do Brasil.
Um quiosque.
Havia *milk-shakes*.
Jäcki pediu o verde.
Abacate, doce
Mais um.
O suor corria por Jäcki abaixo.
Ele começou a sentir o gosto.
A espuma gelada e doce do abacate.
Olhou em volta.
Um homem baixo, gordo, preto com um calção branco voltava a descer sempre, cinco vezes, sem suar, a escadaria ao lado de Jäcki
Atrás de Jäcki
Uma passagem subterrânea na qual os trabalhadores se acotovelavam saindo dos ônibus para as estações locais.
Uma porta lateral.
Muitos dobravam.
Também Jäcki entrou por ali
Era o mictório da estação da Central do Brasil
Duas salas para mijar no centro da Grande Rio
18 milhões de habitantes ou algo assim.
Uma parede com cabines.
A maior parte delas aberta.

Eles cagam de porta aberta, gemendo de cócoras.
Outros acenavam de dentro das cabines abertas.
Olhavam, de pé, acenavam.
Limpadores de banheiro carregavam grandes baldes com pedaços de papel salpicados.
O papel higiênico não pode ser jogado no vaso.
A canalização debaixo da Central do Brasil é estreita e curta demais
Os que acenam nas cabines jogam o papel higiênico na caixa, ao lado do buraco, depois de usá-lo.
Centenas de homens estão em pé junto às paredes borrifadas e mijam.
Alguns hesitam.
Outros, novos, se derramam para dentro.
Centenas de brancos magros gordos altos pretos marrons maquiados de cabelos encaracolados, com madeixas portuguesas, Jäcki é o único louro, tensos, exuberantes, sacodem seus membros pendendo pesadamente abaixo, seguram, eles, todos eles, como um copo que se esvazia aos poucos, no rosto a expressão de bebês que acabaram de acordar.
A maior parte deles o segura ereto
Galhos negros de uma floresta virgem feita de veias.
Mais centenas
Revelam as toras até os bagos negros.
Rebrilhando azulados como pontas de vergas cunhadas.
Os garotos de programa batem punheta cautelosamente.
Os índios negros mandam ver.
Esguichos novos, sempre novos, de leite, nas quedas d'água sibilantes da descarga.
Ali atrás há mais um vaso sanitário.
Jäcki voltou a adentrar a noite pelo outro lado da Central.
E, assim como os olhos se acostumam à escuridão aos poucos, Jäcki se acostumou ao burburinho de policiais, trabalhadores, militares, prostitutas menores de idade, homens gordos baixos pretos de calções, aos cabelos alisados quimicamente, aos incontáveis *milk-shakes* com mamão, maracujá, abacate, abacaxi, goiaba.

Ele aprendeu a identificar que um caçava, esfolava, devorava, chantageava, atraía, ridicularizava, desprezava, admirava o outro

Jäcki aprendeu a identificar os diferentes níveis, o pódio arredondado na parte da frente, a escadaria principal, a passagem subterrânea, as peculiaridades de um dos alçapões, e do outro também.

Jäcki perseguia a perseguição das bichas pela Polícia Militar

Se a Polícia Militar se esgueirava, entrando pelos fundos, as bichas, os veados, as cadelas escapavam pela parte da frente.

Jäcki aprendeu a identificar os que buscavam serviços sexuais, os assassinos, os garotos de programa e os que eram tudo isso ao mesmo tempo.

Central do Brasil – Estação Central.

No segundo alçapão, um homem se posta ao lado de Jäcki

Ele tem uma cicatriz de corte no rosto.

A expressão do espancado pelo pai na miséria.

Ele mostra seu membro negro a Jäcki.

É como um braço que se estende em sua direção.

O piscar maldoso. Um gesto de cabeça na direção da porta.

Jäcki segue, hesitante, entre as centenas de novos necessitados que se precipitam em direção ao sulco.

Dobrando uma esquina.

Ali não há mais ninguém.

O homem espera.

– Você quer, ele pergunta.

– Quero. E é de graça

Mas como se diz isso?

“Da graça”

– ou.

Como?

Aqui se pode cortar com palavras.

– Interessado?

– Estou doido. E você pode me dar uns trocados.

– Quanto.

– Quanto você quiser.

– Isso é perigoso, pensa Jäcki

Mas ele não está nem aí.

– Pã me protege, aqui na Central do Brasil?

– Ele não é meu assassino, pensa Jäcki.

O homem o conduz por meandros complicados através da noite.

Para acabar num lugar vinte metros ao lado da estação central.

Sobem à primeira hospedaria.

– Quanto custa isso

– Dois cruzeiros

– Portanto, dois marcos

O chefe da recepção está sentado, tronco nu, numa gaiola de tela de coelho.

Pátios traseiros.

Portas para o corredor

Dois andares como em uma prisão

Lotada.

Subindo pela segunda hospedaria.

Outra vez a tela de gaiola de coelhos.

– Aqui custa cinco cruzeiros.

Em cubículos de madeira compensada, as camas

Nenhum inseto daninho.

Uma toalha limpa

No corredor, a ducha

Buracos nas paredes e no teto de papelão.

De cada fresta vem um ronco.

Ventilador.

Jäcki está uma gosma de tanto suor.

No lençol, as manchas úmidas do casal anterior.

E então o suor e o sêmen de Jäcki se juntam a elas, enquanto o homem da cicatriz mete bronca nele.

Jäcki observa, voltado para trás, a mão calejada em seu quadril.

O homem enfia o dele em Jäcki chegando a algo que jamais foi tocado.

O homem sorri, quando ele o sente

Ele quer de novo.

– Isso está incluído no preço, porque você é muito bom, diz o homem com o corte no rosto.

– Chupa o meu pau, ele diz.

Jäcki entende pão.

Chupa meu pão

E pensa em Jesus Cristo.

Mas provavelmente seja pau, madeira

Floresta virgem, Dafne, colunas egípcias com folhas

Para Jäcki não foi o suficiente.

Amado, o chileno, havia traduzido seus pensamentos espanhóis ao alemão em Hamburgo:

– Eu engoli muito queijo

– Mas isso não faz mal, quando se tem pão suficiente para acompanhar.

Para Jäcki não foi o suficiente.

De volta à Praça Tiradentes.

No ponto do ônibus, há um policial que olha para Jäcki de modo ameaçador.

Com belos olhos arregalados

E o quepe de policial chamativamente inclinado sobre a cabeça de Benim.

– Agora eu logo serei preso, pensa Jäcki.

Na esquina seguinte, ele volta os olhos mais uma vez.

O policial continua olhando.

Ameaçador.

Jäcki dobra mais uma esquina

E volta os olhos mais uma vez.

O quepe torto não pode deixar de ser reconhecido.

O policial continua ameaçando.

E agora segue Jäcki de perto.

– Agora ele vai me prender de verdade, pensa Jäcki

– E então eles vão me enfiar uma garrafa de cerveja quebrada no traseiro.

– Eu me chamo Aristóteles, diz o policial.

– Arichtotcheles.

Debaixo de suas ameaças, todas as orquídeas do Amazonas se abrem.

Eles seguem em silêncio através do parque cercado e da torta coberta de sangue dos bombeiros.

Na rua há uma cama, sacolas de mercado, caixas de papelões ao lado, uma espátula de grelha e garrafa térmica de chá.

Na cama de ferro adornada com tule, dorme um casal de sem-teto.

O Rio está escuro.

Apenas na Presidente Vargas, a avenida da ditadura com seus cem metros de largura, há iluminação regular.

Veredas de arranha-céus.

Ruelas de província.

Pouco movimento.

A polícia anda de carro aberto através da noite.

Vinte policiais com equipamento de guerra completo

Aristóteles bota seu quepe debaixo do braço.

Patrulhas.

Rondas.

Barreiras.

Táxis passam, desviando do controle

Os policiais militares riem.

À meia-noite e meia, não acontece mais nada.

De repente, estalos e trompetes sobre a praça na noite de 30 graus.

Milhares de correntes se arrastam.

Em cima, no segundo andar, as janelas estão escancaradas.

Na construção colonial que imita o estilo manuelino, moças finas, empoadas de branco se apoiam e ofegam buscando o ar da noite de 30 graus.

O teto falso treme como o tímpano.

No passo do samba.

No passo do samba.

Os mendigos, os garotos de programa, os aleijados que se acomodaram na escadaria suntuosa da ópera não conseguem dormir.

Aristóteles pede frango.

Jäcki come frango com Aristóteles numa biboca

Ele se embebeda na cerveja rala que rola aos montes

– Eu estive no canal de Suez em 1965.

– Exército.

– Agora sou motorista de ônibus.

– E escola da polícia.

– De 10 a 14 cruzeiros por dia.

– 12 horas de trabalho

– E a escola à noite.

– Às vezes, é muito bom.

Ele conduz Jäcki adiante, andando em círculo.

Casinhas burguesas velhas, coloridas, afrocoloridas

Uma negra só de anáguas se lava na rua.

As casas de torta refulgem em meio à noite, quando um carro passa pelas
alamedas sem iluminação

As folhas das árvores desconhecidas formam como que as gavinhas e fo-
lhagens que emolduram um palco.

As casas coloridas parecem tremer

Rio, 1900.

Jäcki vê Euclides da Cunha voltando para casa, vindo dos Sertões, no al-
forje os diários patéticos da campanha contra os hippies antirrepublicanos
de Antônio Conselheiro, dos quais esboçara seu épico árduo.

João do Rio vai de táxi a orgias satânicas.

Morais Filho satiriza uma execução

E Aluísio escreve a continuação de seu romance sobre um cortiço, sobre
as primeiras favelas e sobre lésbicas.

O rei de Benim vive como bebedor agudo em corredores de prédios.

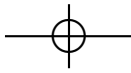
Como um tableau intermediário:

O prostíbulo

Atrás, pranchas

Bastidores iluminados em cores vivas

Ocre e azul celeste, verde e violeta.
Todas as portas, todas as janelas escancaradas.
Sinais de luz
As moças acenam do primeiro andar.
Cachos de homens
Carroças de doces
Carro de polícia
Atrás, proteções de madeira para construções de cimento.
Um estádio de futebol
Talvez uma catedral.
De Oscar Niemeyer.
Aristóteles e eu voltamos à mesma hospedaria.
Em outro quarto.
Aqui, nenhuma mancha úmida no lençol.
Aristóteles começa a falar da revolução.
Ele admira os estudantes de Berlim
Rudi!
Rudi, o vermelho!
– O que você vai pagar, diz Aristóteles.
– Os outros pedem dez ou vinte.
– Mas eu sou policial, diz Aristóteles.
– Mas eu pensei que era, ora, o quê?, diz Jäcki
– Então dez, diz Aristóteles e:
– Às vezes, a polícia faz batidas.
– Mas bem raramente.
– Por causa do assassinato de Marilu e Marta.
– Mas isso já passou.
– Existem homossexuais ativos e homossexuais passivos
– Eu sou ativo
– Não toco um pau nem por todo o dinheiro do mundo.
– Mas também sou homossexual quando sou ativo.
– Você é muito bom, diz Aristóteles.



– Vamos nos ver de novo algum dia?

Aristóteles dedica um romance policial de bolso a Jäcki.

No Hotel de Bertram. Agatha Christie em português brasileiro.

Símbolo, ele escreve nele.

Amizade.

Admiração.

9.

Jäcki sentiu o peso do luxo todo do Copacabana Palace

como algo protetor na manhã seguinte

O café da manhã na prataria do hotel.

O café infecto

– Em qualquer dos mictórios da putaria na Praça Mauá há um café melhor do que o do desjejum do Copacabana Palace para os ditadores e os Stones.

O mamão.

– Que tem gosto de meias usadas.

– Você já deve ter comido um bocado, realmente.

– Isso minha avó também dizia, sempre que meu avô dizia:

Isso tem gosto de ratos pelados.

O saguão

Onde o rapaz do elevador não deixou os americanos de sunga saírem.

A edição de toalha lá embaixo, com a consciência de praia para o banho, pandorgas, homem do abacaxi e a beleza multiplicada por mil do creme Nívea.

Praia do banho.

Andar térreo.

Andar intermediário.

Restaurante.

1º andar.

2º andar.

3º andar.

No quarto andar o elevador para.

5º andar.

No sexto andar o elevador para.

7º andar.

8º andar.

Olhar para o pegador.

Olhar para a porta.

Olhar para o espelho.

Combinar a senha

– Dizer sim, claro.

Combinar a outra senha.

– Dizer bom dia.

– Dizer no nono andar demorou muito.

– Eu trabalho seis horas por dia.

– A gente fica mal só de andar assim, para cima e para baixo.

– Todo dia, durante a semana inteira

– Mas pelo menos só seis horas por dia

10º andar.

11º andar.

– Coimbra fica em Portugal e é uma cidade bonita

– Não tenho filhos.

– Eu ando uma hora de ônibus até em casa

– Duas horas de ônibus todos os dias.

– Eu ganho duzentos cruzeiros por mês.

– Não vou nunca ao carnaval.

Décimo segundo andar.

Último andar.

– Da próxima vez, o rapaz do elevador vai me punir pelo excesso de perguntas, pensa Jäcki:

– Como existem gays que desprezam justamente aquele que se aproxima deles sem desprezo.

Lá em cima, Jäcki encontra o diretor da viagem e Irma.

Ele a acompanhara até o último andar para a foto panorâmica:

– Eu naturalmente devo refletir sobre o que posso e o que não posso dizer.

– Nossas viagens para a América do Sul estão 100% esgotadas.

- Tivemos de recusar alguns voos porque não conseguimos novas permissões para pousar.
 - Na verdade, fazemos os cálculos para uma ocupação de 95%, por causa dos clientes que compram semanas de acréscimo.
 - Isso aliás também explica o preço incomumente alto de uma semana de acréscimo.
 - Eu já havia me admirado com isso, disse Irma.
- O diretor da companhia de viagem fez de conta que não ouviu a frase da fotógrafa.
- E Irma naturalmente é distinta demais para insistir, pensa Jäcki:
 - E por que nós temos de pagar o pato se prorrogamos por três meses, disse Jäcki.
 - Eu sou o garoto do porão aqui. Estou pagando essa viagem. Posso ser vulgar, Jäcki se desculpou consigo mesmo, no cinema de sua cabeça, por causa de algumas palavras trocadas no diálogo interno.
 - Sim, haveremos de encontrar uma solução adequada a todos, disse o diretor da agência de viagens.
 - O preço normal do voo da Alemanha ao Rio de Janeiro estava entre 2.800 e 4.200 marcos em 1968.
 - O preço do voo que a Touropa Scharnow precisa cobrar por pessoa eu não posso dizer ao senhor.
 - Bem mais do que 1.000 marcos alemães.
 - A Touropa já há anos, bem antes dos novos hotéis serem construídos, investigava os custos.
 - Os preços do Copacabana Palace giram em torno de cento e poucos marcos alemães.
 - Um apartamento custa, eu acho, 400 marcos ou mais.
 - O ex-ditador Jimenez, que fugiu com as caixas estatais, gasta 10 mil marcos alemães por dia para morar aqui.
 - Mas disso tudo o senhor com certeza já sabe, na condição de jornalista da revista Stern.
 - O que a companhia de viagens paga por pessoa eu não posso revelar ao senhor.

– As sem-vergonhices que o hóspede é obrigado a suportar no Copacabana Palace são por conta da fama da casa.

– Dr. Tigges, Bertelsmann e Viagens Hummel já trabalham há dois anos com a Touropa Scharnow.

No momento, já se está em negociações com a Quelle e a Neckermann.

– E agora peço desculpas aos senhores.

– Hoje haverá troca.

– O novo grupo já está sentado lá embaixo, em cima de suas malas.

– Graças a Deus, disse Irma quando ele foi embora.

– Eu já estava temendo que ele quisesse me dar conselhos para a foto panorâmica.

A avenida Atlântica foi suavizada em ambas as extremidades, onde ficavam os dois quartéis militares, por nuvens de sal.

No meio, prédios, de quando em quando um barranco, no qual havia uma mansão milionária antiga repleta de arabescos, com buganvílias e Morning Glory

Na praia, na espuma, nas torres de babugem marinha, toda a beleza multiplicada por mil que os caros elevadores dos arranha-céus haviam cuspidos e amassado perspectivadamente em queijo forte e negro.

Jäcki admitiu que Irma tinha de usar a teleobjetiva da Mamiyaflex caso quisesse registrar isso.

– Mas é como a foto do Japão, disse Jäcki.

– Se é como o Japão.

– Mas vai parecer um plágio.

– Em breve, todas as fotos de praias vão parecer um plágio.

– A revista Stern pediu que eu batesse uma foto da praia de Copacabana.

Isso não é arte.

Mas isso pouco me importa.

Irma tinha razão.

Henry Nannen elogiou a foto na conferência

Copacabana, o novo mundo de modo asiático, foi impressa diretamente do negativo em duas páginas da revista Stern.

O negativo, aliás, desapareceu.

10.

“Iris”

Jäcki achava assaz correto que um cinema se chamasse Iris.

No cinema de sua cabeça, em seu filme interior, se formavam listras de gosma, poças irisadas em torno de espadanas, lustres sobre vasos de Lütz Witwe. Filmes sobre objetos sobre objetos

No meio da rua sombreada Largo da Carioca um velho cinema do Rio.

Jäcki ficou parado, porque aquilo parecia com um filme do velho oeste selvagem.

Um pavilhãozinho para os bilhetes de entrada, nos fundos o vestibulo, e todos subindo aos pares a escadaria externa.

Arquitetura pão de mel, dura como aço, no qual passava um filme do velho oeste.

A entrada custava apenas 40 centavos.

Sim, 40 centavos.

O que chamava a atenção de Jäcki era o número de moças maquiadas paradas, passeando, estacando nas escadarias

Um passear ininterrupto de moças maquiadas nas escadarias de ferro do cinema pão de mel.

Jäcki chegou ao térreo do cinema Iris pela entrada da esquerda.

A tela chegava até o segundo andar.

Debaixo de fóruns romanos de papelão colorido.

Os olhos de Jäcki logo se adaptaram.

Ele reconheceu no cintilar poeirento as vigas de pão de mel, os camarotes, o corredor por trás da última fileira

E, em cada nível, a porta iluminada e a penca de pessoas esperando junto à parede.

Jäcki andou ao longo daquela parede. Onde anciões estavam parados, também havia travestis, índios, gaúchos, negros gigantescos e outra vez o ho-

mem negro baixo rusguento de calção branco – que pareciam fixar, todos, seus olhos em Sophia Loren, que tentava em vão se parecer com uma mes-salina diante de um homem usando uma armadura de papelão.

Jäcki se lembrou de uma outra fileira com homens na parede traseira de uma sala de cinema.

Em Marselha, na Cannebière

58.

Na época, ainda não havia movimento *gay*

De Gaulle mantivera as leis dos nacional-socialistas de Pétain

E tudo era mantido em ordem.

Havia *gays* e travestis e árabes

E cinemas proibidos.

Jäcki estava vindo como pastor de Luberon.

Já há muito ouvira dos cinemas proibidos de Marselha.

O filme exibido era de Raimu

Fanny. Pagnol.

Era como no Teatro Thalia, Praça Gerhart Hauptmann

E, de repente, um homem que estava parado com o outro na parede traseira tirou seu pau grande, grosso e duro das calças e o balançou em direção a Fanny Marius e Bouillabaisse e nostalgia de marinheiro.

E esperava que Jäcki o chupasse.

Jäcki entrou no primeiro nível

Ali estavam as proteções de madeira dos camarotes, atrás das quais se amontoavam os negros.

No banheiro, em meio aos azulejos verdes e à luz neon, um estudante de artes era fodido ao lado da pia de porcelana branca, que parecia uma gigantesca banheira oval.

No terceiro nível, não havia parede traseira nem alçapão.

Ali ficava a cabine de exibição e, sobre um pódio, se encontrava a polícia.

No abismo ao longo da esquerda e da direita, balaustradas, nas quais brasileiros sentados de pernas abertas esperavam que alguém lhes desse uma chupada.

Na frente, na tela, onde os rostos coloridos pareciam gravuras modernas, uma travesti examinava uma cédula à luz do filme e era fodido por um motorista de caminhão ao lado do olho de Sophia Loren

Protegido dos policiais por um grupo de espectadores.

Jäcki foi para trás, descendo a escadaria de ferro exterior do pão de mel.

No ar úmido e quente lá de fora, as travestis tentavam corrigir a maquiagem.

Eles ajeitavam as perucas louras.

Os assaltantes, os gigolôs, que pareciam vir para o lugar não para roubar e arranjar clientes, mas porque gostavam de travestis e porque ouviram falar do “Iris” no Amazonas, na Baía de Todos os Santos, nas favelas, no Morro da Providência, corriam do primeiro para o terceiro nível, da sacada para o térreo, do *poulailler* ao segundo nível pela escadaria de ferro ribombante do cinema do velho oeste.

Na tela, agora, milhares de bichas maquiadas e garotos de programa americanos em togas de *nylon* tentavam tomar o Capitólio, cavalos de verdade tombavam realmente.

O *ketchup* espirrava.

Os garotos de programa e as bichas da última fileira tinham seus salsichões de fora.

Jäcki volta para a Praça Tiradentes.

Ele descobre o policial Aristóteles na entrada do Cinema Marrocos.

Aristóteles faz sinais a ele.

Será que o Marrocos também é um ponto de encontro?

- Você está sem tempo, pergunta Aristóteles.
- Estou, quero ir ao Marrocos.
- Ah, mas o que você quer no Marrocos.
- No fundo, você só se interessa por dinheiro.
- Isso não é verdade. Eu quero você.
- Você quer me foder.
- Isso mesmo.
- Eu também.
- Mas não de verdade.

– De verdade, sim.

– Mas de verdade não dá.

No Iris eram legiões romanas as que se esfalfavam por Sophia Loren, no Marrocos é um Dr. Wu quem opera.

Dr. Wu e seus chimpanzés se misturaram à sala do cinema, que se mostra lotada até o último lugar.

Sobretudo homens, uma massa que tremia aos berros das vítimas no filme, a mancha colorida, o halo de luz trêmulo cheio de pó que se movimentava de um lado a outro, se levantava, saía, entrava, se amontoava nos fundos no cantinho escuro, na parede esquerda eles se acotovelavam até junto da tela.

Jäcki procurou por um lugar, seguindo as fileiras.

Também ali os homens, as travestis, agarravam suas calças, na parte da frente ou de trás.

Metiam membros duros contra seu corpo.

Jäcki se sentou.

Enquanto Dr. Wu trocava um cérebro, seu vizinho desenrolou, bastante desinibido, seu membro negro, e tentou enfiá-lo na boca de Jäcki.

Jäcki estava com medo do policial.

Ou talvez houvesse agentes da ordem e dos bons costumes em trajes civis.

Jäcki olhou em volta.

Ele viu que nas fileiras à sua frente e atrás dele o segundo lugar muitas vezes era ocupado apenas por costas arredondas.

Jäcki, entre os membros, mais uma vez para os fundos.

Passando pelo policial, que estava parado atrás da última fileira, no corredor, iluminado pela luz de emergência e brincando com seu cassetete de madeira.

Ao banheiro.

Nos oceanos de urina boiavam pedaços de papel higiênico e, imóveis, havia um punhado de homens baixos gordos negros em calções brancos apertados demais que olhavam ofendidos para os azulejos.

Eles não liberavam nenhum lugar

Jäcki voltou a sair.

Passando por trás do policial.

Ele ficou parado no cantinho escuro.

Ao lado do policial branco com seu cassete de borracha de madeira à sombra, debaixo da escadaria coberta de correntes que levava ao piso, cinquenta negros ressoavam.

Eles estavam presos uns aos outros, mas pareciam não fazer nada uns com os outros.

Um gigolô com barba de Adolphe Menjou, o típico macho inacessível, se enfiou no canto, e um velho negro de dois metros de altura e barba prateada se enfiou atrás dele.

E enquanto o gigolô parecia estar mascando algo com o barba de Menjou e segurava no cinto de sua calça, o gigante negro ergueu a calça do gigolô acima da voltinha dura na parte de trás do corpo e revelou – sob os olhos de Dr. Wu e suas enfermeiras, que pegavam aranhas gigantes com seus redenhos – nádegas monstruosamente nuas e pressionou a coisa preta, enfiando-a por trás, sem que o policial com seu cassete de madeira, que estava na frente, pudesse perceber algo suspeito.

O gigolô continuava mascando

O gigante metia como louco.

O gigolô se esforçava em ficar parado ereto, em parecer imóvel e não se mexer, não desabar.

Então o negro gigantesco deu um suspiro, gemendo, e meteu tão rápido que parecia o espasmo de um moribundo, enquanto na tela Dr. Wu caía de cabeça de cima do arranha-céu para o abismo.

A luz se acendeu.

O policial com o cassete de madeira se virou para o cantinho sombreado debaixo da escadaria.

As travestis e os homens baixos de calções brancos se juntaram em torno do casal, fechando um círculo.

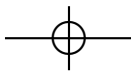
Quando Jäcki sai do cinema, Aristóteles continua parado ali.

– De verdade?

– De verdade.

– Vamos lá.

Eles vão à mesma hospedaria da última vez.



O policial Aristóteles apertou a cabeça de Jäcki, baixando-a até seu cassete.

– Um policial tão amável e um cassete tão gigantesco.

Quando Aristóteles está chegando lá, brinca com as orelhas de Jäcki.

Depois que Aristóteles se lavou, deita-se de barriga.

Puxa o cobertor de lã cheio de esguichos sobre sua bunda.

Jäcki beija seu pescoço, lambe os pequenos anéis luso-americanos de seus cabelos no sulco em meio a sua nuca.

Jäcki morde um pouco em seus ombros.

Morde, lambe a espinha dorsal, descendo até os cabelinhos da lombar.

Ele acaricia a bunda debaixo do cobertor

Jäcki lambe os pés épicos de Aristóteles com suas solas brancas africanas, as feridas, as escarvas de uma vida de homem no Rio de Janeiro.

Jäcki acaricia as barrigas bobas das pernas.

As coxas de aço.

Subindo, ele chega por baixo da coberta até os dois hemisférios as bolas negras, empurra o cobertor para longe, lambe, sente a abertura suave.

– Por frente pode fazer, diz Aristóteles.

E gira debaixo do cobertor, ficando de costas.

Ele já está de pau duro de novo.

– Por frente todos fazem.

– Se você deixa fazer por frente, também pode deixar fazer por trás

– Quer dizer que é menos: eu não me deixo foder; do que: por trás sou eu que pego.

– Mas é que de frente eu posso ver você.

– Você quer me ver quando eu o meto lá dentro?

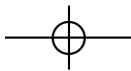
– Sim.

– Mas o teu cu, o teu cu.

Aristóteles se vira de barriga.

Ele joga o cobertor cheio de esguichos para longe

nenhum cabelo em sua bunda, que se embala ao vento do ventilador.



Aristóteles se deita, fazendo uma das nádegas aparecer redonda, a outra angular.

Ao lado, a moça no músculo.

– Cubismo analítico, pensa Jäcki.

Jäcki ajeita a bunda para Aristóteles.

– Ali deve haver uma glândula que expel um líquido.

– Ele tem cheiro de amoras silvestres e amêndoas.

O cheiro fica grudado nos pelos de sua barba, se mistura ao suor, se dispersa, fica doce ao contato do ar, igual a lírio-do-vale ou jasmim

Jäcki deixa um pouco de saliva entre as pernas de Aristóteles e pressiona sua viga, que é branca e bem mais fina do que a do policial, ali dentro. Mas ainda não dá.

Aristóteles também pressiona, empurra, vira sua bunda até ficar na posição correta.

Mas ainda não dá.

Só quando Aristóteles cede, se entrega, é que o pau de Jäcki salta para dentro do policial.

Aristóteles não quer parar.

Mais uma vez, diz o policial.

Eles estão molhados, ambos, como se estivessem debaixo de uma cascata.

Aristóteles se ergue um pouco

Ele começa a tremer.

Goza sem nada fazer debaixo das metidas de Jäcki.

O policial pega uma toalha e seca Jäcki.

Eles acariciam suas bundas mutuamente.

Aristóteles diz:

– Foi a primeira vez.

– Se você me ver na rua, não me cumprimente.

– Não me reconheça.

– Não quero ver você nunca mais.

11.

O arquiteto alemão gritou, ao ouvir sobre as intenções de Irma de fotografar no Vigário Geral para a revista Stern:

- Você não deve jamais entrar em uma favela.
- E além disso com câmeras
- No Vigário moram cerca de 70 a 80 mil pessoas.
- Você sabe o que isso significa
- Você vai ser roubada até o último fio de cabelo.
- Há pessoas que ficaram sem camisa
- E foram espancadas até morrer.

O taxista não sabia onde ficava o Vigário Geral.

- Mas é um bairro do Rio de Janeiro e está marcado no mapa

O taxista parou em uma ponte sobre os trilhos de trem.

- Isso são urubus?
- Sim. São urubus. Nesse caso a favela não pode estar longe.
- Eles comem todo tipo de sujeira.
- Não podem ser mortos, é crime ambiental.
- Quando acontece um assassinato, a polícia se limita a olhar para o céu.
- Onde os urubus voam, pode contar que ali está o cadáver.

O lugar se chama Vigário.

Jäcki e Irma tiveram de parar cinco pessoas antes que uma delas lhes mostrasse o caminho para a favela.

Sobre trilhos de trem.

Mulheres carregam tábuas na cabeça, andando nos trilhos.

Crianças carregam latas de água, andando nos trilhos.

Barracos de madeira, casas de tijolo, zinco, barracos de argila, as paredes reforçadas com ripas de madeira.

As casas se apoiam a escoras, entre elas, caminhos demarcados por colunas

O responsável, chefão como Jäcki no Abbé Pierre, responsável pelo Camp de la Pomponette, o responsável da favela de Vigário Geral reside em uma casa de tijolos:

- 13 mil habitantes.
- 2.500 casas.
- Isso dá em média 5 pessoas por família.
- A maior parte dos pais de família ganha o salário mínimo.
- 129 cruzeiros.
- Doença mais comum:
- Bronquite.
- Malária quase não há.
- 50% das casas têm luz elétrica.
- Algumas casas dispõem de água corrente, banheiros e canalização.
- A favela existe desde 1949.
- Uma casa por aqui custa entre 100 e 1.500 cruzeiros.
- Todos são fiéis por aqui.
- Quase todos são católicos.
- Existem igrejas de diferentes seitas aqui.
- E pelo menos cem terreiros de macumba.
- Macumba?
- Sim.
- A criminalidade quase não existe.
- Nós também organizamos um desfile de carnaval.

Irma se comporta pessimamente quando o responsável os conduz pelos caminhos de colunas.

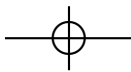
A água da inundação ainda não escoou.

Água verde, densa, entre as casas da favela de Vigário Geral.

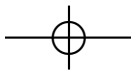
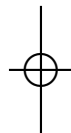
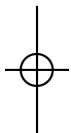
Porcos correm debaixo das casas, entre as escoras.

E crianças.

- Hoje está fazendo quarenta graus à sombra, diz o responsável.



- Isso significa uns sessenta graus ao sol.
 - Tome cuidado para não pegar uma insolação.
- A água está coberta de bolhas.
- Quarenta graus à sombra, no Rio de Janeiro se diz que as águas do esgoto de Vigário Geral produzem bolhas, pensa Jäcki.



12.

O criador mundialmente famoso de Utopópolis, o ideólogo dos prédios no deserto de Neguev, o comunista, conforme se murmura por aí, mora em uma mansão em forma de rim no subúrbio da cidade, no meio da floresta virgem.

Jäcki e Irma vieram para entrevistar o mestre de Utopópolis.

A mansão foi fácil de encontrar.

Ela ficava acima da praia de São Conrado, e a algumas centenas de metros da maior entre todas as favelas, a Rocinha.

200 mil pessoas vivem por lá.

Mas ela em pouco deveria ser removida.

Atrás da mansão em forma de rim, no meio da floresta virgem, já se erguia a nova torre do hotel com 120 andares ou algo assim

uma nova obra do mestre de Utopópolis.

Muito vidro em sua casa.

Uma rocha na varanda, inserida na composição, meio dentro, meio fora.

Uma humilde casa de família.

Com um telhado que precisa de nove pilares de apoio.

Livros.

Dostoiévski, Machado de Assis, Dom Quixote.

Tudo úmido.

Fungos.

A porta do jardim emperra.

Os fios de eletricidade pendem das tomadas

Poltronas puídas.

O forro se embola nos móveis

O mestre de Utopópolis está sendo vencido pela floresta virgem.

Um quadro de Che Guevara na parede.

Como na sala de Peter Michel Ladiges, no canal Südwestfunk.
O arquiteto tímido, suave, baixinho e um tanto amarelado é seguro ao
ordenar as cadeiras
Jäcki não leva entrevistas muito a sério.
Uma entrevista está na última página da Newsweek
E o que isso ainda importa, sendo assim.
Já se sabe de antemão tudo que se vai perguntar a alguém.
E na maior parte das vezes também já se sabe as respostas.
E quais as respostas que nunca vai se conseguir.
De preferência, Jäcki perguntaria a todos o que fazem na cama.
Mas isso naturalmente não se pode fazer.
Le Corbusier, Che Guevara, Michel Ladiges.
Todo o resto é sempre a mesma coisa e nada interessante
As perguntas são pensadas entre o chá e o mamão.
Para uma entrevista, se precisa sempre de meia hora.
As perguntas também podem ser deixadas de lado.

- No passado, era apenas em Portugal que, para se poder falar livremente,
se era obrigado a ir a um outro andar.
- Agora é a mesma coisa no Brasil.
- Mas eu digo o que eu penso.
- Também quando falo ao telefone.
- O presidente Costa e Silva parecia mais liberal do que o seu antecessor,
no princípio.
- Ele se tornou uma marionete dos militares.
- O primeiro golpe dos militares, em 1964, foi organizado pelos america-
nos.
- O povo é ignorante.
- Ele é contra alguma coisa.
- Mas não sabe contra o que, nem por que.
- Pode até ser que existam cerca de 50 % de analfabetos no Brasil.
- A vida é fácil.
- Dar um mergulho.

- Está quente.
- Uma revolução do povo?
- Quando há uma partida de futebol, ninguém mais se interessa pela revolução.
- A campanha anticorrupção, as queixas contra Kubitschek são uma vingança pessoal.
- Existem favelas bem diferentes umas das outras.
- No Rio, existem pelo menos dois milhões de pessoas que vivem em favelas.
- Mal existem estatísticas a respeito.
- Com certeza metade do povo brasileiro vive em favelas ou abrigos que se parecem com os barracos das favelas.
- No máximo 20% da população possui uma casa ou um apartamento.
- Uma casa ou um apartamento e além disso uma segunda moradia nas montanhas ou na praia são no máximo 5% que possuem, não, isso já é demais, no máximo 1%.
- É o um por cento que é dono de metade do Brasil.
- 50% dos trabalhadores ganham entre 36 e 129 cruzeiros por mês.
- A discriminação entre nós não é de cunho racista.
- Ela não precisa sê-lo.
- Ela é econômica.
- Pensei em construir uma casa para as pessoas que vivem nas favelas.
- Mas uma casa pré-fabricada só valeria a pena se fossem encomendadas pelo menos 5 mil peças.
- E nisso não se pode nem pensar nas circunstâncias políticas que estamos vivendo no momento.
- Naturalmente seria muito mais sensato se as belas casas antigas do Rio não fossem derrubadas.
- As pessoas vivem barato por lá e comparativamente bem, e além disso não longe demais do lugar em que trabalham.
- Os prédios comerciais deveriam ser erguidos em um bairro completamente novo.
- Mas o planejamento municipal depende apenas do capital.
- Só se pode resistir quando se tem armas.

- O que quer dizer de esquerda.
- No Brasil é simples.
- Ou se é a favor dos Estados Unidos ou se é contra os Estados Unidos.
- Aqui não existe um grande depósito de armas da oposição, e o país não está na iminência de uma revolução armada.
- Não acredito que a luta armada fizesse sentido por aqui.
- Um general americano disse:
- O Vietnã não é muito importante para nós.
- Ali nós apenas testamos o que depois poderemos fazer melhor na América do Sul.
- O Partido Comunista segue uma política muito clara:
- Esperar.
- Não acredito que os estudantes de Paris tenham tido razão.
- Mas também não posso me posicionar contra eles.
- Existem pessoas que não querem mais esperar.
- Os trabalhadores foram torturados desde sempre.
- Isso não ficou pior, nem melhor.
- A marinha não tortura mais.
- No passado, com certeza.
- Ainda há pouco uma revista de arquitetura vanguardista foi proibida por supostas tendências comunistas.

O criador de Utopópolis em sua casa no meio da floresta virgem, Jäcki parece tê-lo ganho.

O homem famoso fala com grande capacidade de convencimento.

Jäcki acredita em cada palavra que ele diz.

Um escritor bem-sucedido sibila em volta.

Quer ter certeza.

Observa com cuidado.

Utopópolis.

De cima, ela seria parecida com um pássaro.

Jäcki vê as favelas que se juntam em torno de Utopópolis.

O embaixador alemão elogia a fantasia e a sensibilidade

Até mesmo Scharoun teria louvado a fantasia e a sensibilidade de Utopópolis.

Mas também são casas, pensa Jäcki.

Superquadras, e todas podem ser acessadas apenas de carro

Blocos perdidos no planalto,

nos quais estenotipistas pobres são submetidos ao sol sem marquises por razões formais

Lagos governamentais como plantações de mosquitos.

Jäcki começa a duvidar.

Se essa é a realidade que o criador de Utopópolis, o homem suave, tímido, baixinho e um tanto amarelado defende.

O presidente Kubitschek teria sobrevoado aquela região com seu avião particular há trinta anos e lançado uma mensagem, um papel enrolado em uma pedra.

Eu compro.

Um milhão de hectares – algumas a mais ou a menos.

O fazendeiro, ao qual o cerrado pertencia, assentiu lá de baixo ao presidente em seu avião privado

E o presidente começou a jogar os sacos de dinheiro.

A terra pertencia a ele.

Na antiga cidade imperial do Rio de Janeiro, o presidente pressionou e convenceu a todo mundo que Utopópolis deveria ser construída, a nova capital, lá onde o presidente determinou que fosse construída.

E assim, como aliás sempre foi feito, com uma régua, um lápis e uma borracha, na África, na América, na Ásia.

Utopópolis no coração do Brasil.

E o Estado brasileiro comprou do presidente do Brasil a terra para construir Brasília.

Foi o que se murmurou

Se algo assim é registrado em ata, eu duvido muito.

Os preços da terra entrementes haviam aumentado.

Rico, o presidente foi até o mestre arquiteto, que comia seu massapão com chantili, e encomendou, por muito dinheiro, do marxista que condenava a ideologia dos prédios no deserto do Neguev, o plano de Utopópolis.

Ele esboçou um pássaro, algo na forma de um avião, um jato supersônico de massapão.

Se um ministério lhe parecia alto demais, ele dava uma pancada com a colher de mexer em sua cabeça e lhe arrancava algo raspando com a colher de raspar,

As formas arredondadas, ele as fazia com o limão, com suas mãos pequenas e ágeis ele deu forma ao saguão do congresso no massapão

Então a garrafa de cachaça virou e fez uma moessa no massapão

O mestre de Utopópolis viu nisso toda uma nova estética e alisou um pouco com a espátula de peixe e borrifou tanto do tubo de chantili por cima até que coubesse no módulo e a criação estava feita.

Eis que agora estudantes de arquitetura, trabalhadores e empregados poderiam transferir tudo ao papel machê, gesso e compensado.

A proporção áurea foi multiplicada por 10 mil, pois o Brasil não é apenas um país. O Brasil é um subcontinente, o Brasil é um modelo para o mundo

Máquinas de misturar cimento foram chamadas às dezenas de milhares

Fábricas de arame foram fundadas

Favelas arrancadas. Favelas construídas

Muito DDT foi borrifado

E logo Utopópolis estava prontinha da silva.

Jäcki entrevista um estenotipista de Utopópolis

- Sou estenotipista no parlamento desde os oito anos de idade.
- Eu estava presente quando B. C. Alves fez o famoso discurso que desencadeou a crise e acabou levando os generais ao poder.
- Nem sequer dei ouvidos.
- Não gosto de Alves.
- O pai dele é muito rico.
- Os deputados são políticos, porque assim conseguem faturar o máximo de dinheiro.
- Há uma semana ele fugiu do Brasil.
- Sua postura levou milhares à miséria.
- Não gosto de falar de política.
- Eu amo o Brasil.

- Mas, se tivesse dinheiro, eu deixaria o país agora mesmo.
- A tortura não existe.
- Mas os inimigos políticos do regime são arrastados a ilhas abandonadas.
- A capital do governo tem quatro autoestradas para sair.
- Alguns policiais bastam para isolar a cidade do mundo exterior.
- As ligações telefônicas com o Rio de Janeiro muitas vezes são cortadas.
- Então sempre há dois soldados de metralhadora parados no correio.

Utopópolis, o superpássaro, serve à ditadura.

Uma arquitetura que pode ser controlada por duas metralhadoras.

Jäcki conseguiu que o representante oficial da República Federativa da Alemanha colocasse o Mercedes da embaixada à sua disposição, e assim ele anda todo embandeirado até as favelas.

As crianças riem dos dois brancos:

- Ali em cima fica o Urubu.
- O pássaro comedor de carniça?
- Ali o senhor não pode entrar.
- É a favela dos criminosos.

À noite, Jäcki pega o guia e tenta chegar aos lugares de encontros gays pelas autoestradas.

Na estação rodoviária, há um mictório de bichas.

Alguns garotos de programa provincianos.

Soldados.

Utopópolis, a nova capital do Brasil não é a Central do Brasil.

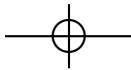
Atrás da igreja de uma superquadra, os rastros de macumba.

Cinza sangue estearina.

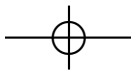
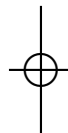
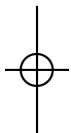
As lojas de móveis nas asas do pássaro da Utopópolis cheias de hotéis rococó, barroco de Gelsenkirchen de escopo manuelino.

A pequena-burguesia portuguesa passa por cima do criador de Utopópolis e começa a carcomer suas asas.

A estrada para a Baía de Todos os Santos, mil quilômetros através da floresta virgem, passando por índios, crocodilos, orquídeas, a estrada que



deve ligar Utopópolis ao nordeste termina alguns quilômetros atrás da última loja de móveis diante de uma parede de árvores.



13.

Raios vermelhos em meio à noite.

O céu por trás do Pão de Açúcar se ilumina, violeta.

No Jardim Botânico, palmeiras bem altas.

Os caminhos estão encobertos por flores da inundação depois da tempestade

Jäcki deixa Irma sozinha.

Ela quer fotografar os lótus.

Para as capas de disco da Harmonia Mundi

Jäcki sobe a escadaria por atrás do pavilhãozinho.

Em troncos cobertos de musgo verde, um jardim de borboletas assustadoramente azuis.

Jäcki atrai um guarda para a moita.

Ali, ao lado, a favela.

Mas eles não conseguem ver nada.

– E daí se conseguissem.

– Existe algo mais digno de ser visto do que a bunda castanha jogada sobre a Acácia alvída?

Silenciosa, a pistola do policial privado bate contra a casca da árvore.

– Ah, o *feeling* do assassino, pensa Jäcki

– Eu não tenho a menor vontade de “Querelle de Brest” na cama.

– Mas que é um tesão, isso é.

– O canudo dele na mão.

– E o canudo de metal no cinto largo.

– Ninguém olha com tanto carinho como o policial privado quando está chegando lá

– Só porque eu sou estrangeiro, ele permite ser fodido.

– Se fosse o seu vizinho, ele arrancaria um membro atrás do outro com um tiro.

O policial se limpa com uma folha de Erythroxylon.

Ergue as calças passadas com severidade a ferro.

Ajeita o cinturão com a pistola balançando

E, com seus lábios formidáveis, dá um beijo grande como fruta-pão na boca europeia de Jäcki.

Jäcki acha que ele olha para isso com olhos de tamanduá.

E depois se afasta de lado, atravessando os bambus até a Acácia alvída.

Jäcki fica sozinho.

O Jardim Botânico se encolhe sobre ele, juntando-se

As formigas ferroam seus pés

Agora as borboletas azuis já parecem familiares.

Irma terminou com os lótus.

Será que ela vê em mim o que eu fiz, pensa Jäcki

Será que ela sente o cheiro?

Será que o cheiro do policial privado ainda está grudado em mim como um segundo corpo?

Jäcki não tem a sensação de ter traído Irma.

Ele sabe que poderia contar tudo a ela.

Ele sabe que isso doeria nela, mas ela não se queixaria e se mostraria interessada.

Mas ele fica em silêncio

Ele sabe, pelo minúsculo deslocamento no gesto da sobrancelha dela, que ela há tempo já sabe de tudo.

– E os lótus, pergunta Jäcki.

– Sim, os lótus, diz Irma.

Os jardineiros arrastam montões de folhas de palmeiras que a chuva derubou na noite anterior

A tempestade é levada embora a enxadadas.

14.

O responsável da favela de Vigário Geral havia conduzido Jäcki e Irma por cima da água verde cheia de bolhas até um terreiro de macumba.

Um barraco sobre estacas como os outros.

– Isso é um templo, disse o responsável.

– E essa é a mãe.

– Mãe de santo.

– *Mutter des Heiligen*, traduz Jäcki consigo mesmo ao alemão

– Uma mãe que dá à luz um pequeno santo espinhento.

– Esquisito.

Uma mulher alta, negra e um tanto rusguenta os conduziu para dentro do templo.

Três por três metros.

– Na República Federativa da Alemanha os deuses são mais exigentes e moram melhor.

Na parte da frente, um pequeno altar com santos, Marias, Cristos, e além disso homens de cartola, um diabo de chifres vermelhos com um garfo prateado, Lorelei, produtos artísticos do Amazonas, índios que parecem com o papagaio de porcelana de Dulu

– O senhor venha quarta-feira à noite para a macumba, diz a mãe, a mãe de todos aqueles muitos santos.

– Vai ter batuque

– Será que poderei fotografar, diz Irma

Jäcki se mostra surpreso com seu tom um tanto vívido demais.

– Sim, a senhora pode fotografar, diz a mãe de santo.

Para se despedir, ela gira uma vez sobre si mesma e faz sua saia colorida voar em círculo.

A saia é feita de mil remendos coloridos, que a envolvem como um arco-íris no movimento que ela faz.

Já é quarta-feira, e às oito, no escuro, Jäcki e Irma tropeçam nos trilhos de trem e nos porquinhos.

Irma pendurou a Rolleiflex e uma das Leicas ao pescoço.

Jäcki carrega os *flashes*.

Na escuridão, tudo parece bem diferente.

– O senhor conhece uma mãe de santo que tem uma saia de remendos coloridos?

– Sim, me acompanhe

Favela de Vigário Geral.

À noite, ela volta a afundar na lama.

Na floresta virgem africana.

Saara.

Goulimine.

À espera do mercado de camelos.

Marrakesh.

Candelabros de carboneto.

Tan-Tan na guerra.

Música de rádios de transistor

Os moradores falam de janela a janela.

Um filme do velho oeste na televisão.

O responsável trancou seu posto policial.

Culto num barraco de zinco

Uma diversão com dança.

Uma festa.

– Não.

– Não é esse o terreiro de macumba.

– Mas como era o nome dele, então.

– Disso eu não me lembro mais.

Todo mundo conhece um

– É um terreiro bem pequeno.

– Nas proximidades do posto policial.

– Eu sei.

– Uma mãe de santo bem alta.

– Sim.

Um casal conduz Jäcki e Irma.

– Este também não é.

E é assim durante quatro horas.

Agora é meia-noite.

Então o batuque começa.

Jäcki ouve aquilo pela primeira vez.

Tambores na noite.

É como se o céus se transformassem nas peles de seu cérebro.

Agora o batuque pode ser ouvido por toda parte

Correria, tropeços, câmeras batendo em soleiras, pilastras, escoras, crianças, porcos, latas de conserva

Onde é.

Atrás de cada um dos barracos.

Ali em frente.

Atrás deles.

Um jardim labiríntico feito de tímpanos vibrantes.

E além disso o sino de vaca, o ruído de pastoreio, o bimbalar de Natal, o som do orfanato.

– O senhor está ouvindo o atabaque?

– O que é isso? Atabaque?

– O tempo.

– Ele diz que estou ouvindo o tempo, conforme traduzo, palavras portuguesas sussurradas à brasileira, e a palavra africana para tempo

– Por que o senhor não vem até mim, diz a mulher.

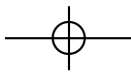
– Meu terreiro de macumba é pequeno.

– Mas ele é bonito, como qualquer outro.

Será que os sons e as veredas de estacas deslocaram a consciência

de Jäcki ou será que uma recordação fabular dispara nas várias horas de espera

um pó infantil antroposófico, algo do passado e biblioteca da Babilônia?



Quando a mulher abre o terreiro de macumba, Jäcki acha que reconhece aquela que já procura há cinco horas.

– Nós chegamos, diz Jäcki a Irma, e eles se deixam cair – apoiando as câmeras à direita e à esquerda – em duas poltronas de honra.

Velas.

Debaixo do zinco ali em cima, milhares de fiapos de papel colorido cortados com tesoura. Presos a fios bem próximos e a intervalos regulares.

– São João em Lisboa, pensa Jäcki.

– As cartas dos xamãs aos deuses, li isso em Mircea Eliade.

A metade do pequeno ambiente é separada por um biombo

À luz das velas, gestos isolados bruxuleiam.

Um rapaz batuca.

O rosto de um escriba extasiado do Império Médio.

Ele volta a cabeça

Sorri para os dois visitantes sobrecarregados.

O sorriso fica imóvel, não volta a se desfazer.

Nem sequer é um sorriso.

Jäcki descobre que são os batuques que se traduzem nas feições do rapaz.

Homens velhos em calças de linho brancas e bem passadas, como podem ser vistos em fotografias de congressos de bacteriologistas da virada do século.

Um índio.

Seboso.

Não efeminado, mas no limiar.

– Ele poderia ser uma lésbica que deu certo, pensa Jäcki.

Cinco mães de santo de saias verdes.

Incenso.

De latas de conserva.

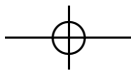
Não os tabernáculos de prata distintos da igreja matriz da Baviera.

Lamparina.

De Hamburgo.

Lamparina. Lamparina. O mundo inteiro é de uma escuridão ferina.

As mães de santo fazem o gesto de lavar as mãos na fumaça



Canções incompreensíveis.

Dialeto.

Africano.

Um dos homens sebosos chama:

Adoração

Entrega

As mães, moças, os índios, pais, filhas desdobram panos engomados, cuidadosamente passados.

Um cheiro de cacau, castanhas assadas e calcinhas de tia usadas se espalha pelo barraco

Os panos são deitados sobre a terra.

A palavra.

Agora todos se jogam sobre os panos

Hora da ginástica

De barriga, de costas

Posições complicadas.

Cantorias

Adoração

É o que gritam sempre de novo.

Sono.

Uh!

Ou será que é a morte.

Uah!

Será que se pode morrer nisso.

Uah! Uah!

Cavalos acossam.

O cavalo de Peer Gynt

Peer Gynt acossou sua mãe para a morte com o cavalo.

Cruzes de pó são desenhadas no chão

Cartas são queimadas.

Água

Primeiro, pequenas explosões.

A mãe de santo que empurrou Jäcki e Irma às poltronas de honra, agora canta sem parar de Maria Pedrinha, depois fica muito brava, treme, se debate em espasmos, lança a cabeça de um lado a outro fazendo seu penteado saltar do lenço, os belos cabelos que acabou de alisar com produtos químicos

Ela balança os joelhos.

Grita:

Uah! Uah!

Ânsias de vômito.

Ontem a vergonha.

O corpo dos que estão ajoelhados sacudido para cima.

E como se ali, diante de todas as pessoas, desavergonhada, pavorosa, divina, conforme diria Wolli Köhler em seu dialeto saxão, ela estivesse levando um ferro e tanto.

Charutos grossos são fumados de puro nervosismo.

As mães jovens jogam seus bebês aos possuídos que cacarejam.

Eles voam em silêncio pelo ar

Como morcegos

A mãe de santo dá baforadas de prazer neles.

Então a mãe de santo passa a se ocupar de Jäcki.

Jäcki olha nos olhos dela.

Mas seus olhos estão arregalados demais, ela não percebe o olhar dele.

Através dos olhos dela o que olha é algo que cacareja e sacode, cospe cerveja, conduz os mortos e balança a jeba gigantesca.

A comunidade se sacode aos espasmos.

Algo como silêncio.

Mas bem mais sugador.

A mãe de santo como se fosse uma almôndega pergunta por Jäcki em seu dialeto gaguejante

– Esse é um alemão

os outros dizem, diligentes.

– Mas ele é todo branco.

– Sim.

- Ele é todo branco.
- Ele vem da Europa.
- Europa?
- Mas onde fica isso?
- Em cima. Ou à direita.

Jäcki, diante do bolo de terra, se lembra da piada de Alex sobre os judeus que têm de emigrar a Madagascar quando Hitler chega ao poder.

- Madagascar.
- Mas isso é tão longe.
- De onde?
- De onde, fala a mãe de santo de Vigário Geral de Atakpamé?
- Eu me lembro, diz a mãe de santo.
- Dizem que lá também existem alguns brancos.

Ela abençoa Irma.

O diabo não quebra os olhos de vidro da Mamiyaflex de Irma

Uma briga começa entre os batucadores.

Eles batem nos tambores, com mãos que parecem galhos, como vigas.

Os batucadores. Homens do abacaxi.

Pedras, sobre as quais escorre a água.

Um homem jovem e rijo, com vincos agudos na roupa domingueira, é arremessado dois metros à frente do meio do público

Espasmos, transe, danças.

Agora ele transforma o ataque em samba.

Agora é Irma que tem seu ataque

Começa a matraquear com suas objetivas

Lança o medidor de luz para o alto

Calcula, de pálpebras esvoaçantes

Grita com Jäcki.

Jäcki ergue os dois braços com os dois *flashes* para cima, eretos.

Adoração

Desencadeamento

Maria Pedrinha quebra uma garrafa.
Um homem sebooso imita uma cobra
As mães bebem cachaça.
Os diabos dão gargalhadas guturais.
Maria Pedrinha se deita para dormir sobre os cacos de vidro.
Uma das mães segura a chama de uma vela junto de sua laringe diante da
câmera.
– Aperta enfim o botãozinho, grita Jäcki fora de si
– Não consigo mais ajustar o foco.
– Acoplei a objetiva errada, berra Irma de volta.
Na revelação, bebês passam voando um fio de cabelo distantes da câmera.
Piadas.
Os homens sebosos de branco sentam-se diante do altar
e passam a ser consultados pelos visitantes.
Um deles tem uma vela entre os dedos dos pés.
As pessoas da favela chegam com presentes.
Cerveja.
Velas.
Pó.
Cédulas de dinheiro são jogadas ao chão
E então chega a vez de Jäcki.
Ele faz o papel do turista branco que, no entusiasmo idiota com a ma-
cumba, abre todas as comportas na favela de Vigário Geral, e arranca uma
cédula de cada um dos bolsos.
Exatamente demais.
Pois do contrário seria ridículo e ofensivamente desprovido de tato.
E então tudo volta à intimidade de antes.
As pessoas se levantam de seus assentos.
Os batuques silenciam.
As mães de santo espiam para fora, a comunidade olha pelas janelas
Todos os olhares se dirigem à minúscula abertura
Lá Exu cavalga pela noite afora, para longe.

O diabo, o bolo de terra, o guarda das cancelas e das cruzadas, foi o que Jäcki leu em algum lugar.

a pica, o pau de madeira egípcio

Exu cavalga para fora da favela de Vigário Geral de volta à África.

As filhas de santo estendem sanduíches.

– Os deuses da favela pelo menos oferecem alguma coisa para a gente, pensa Jäcki

– Das catedrais góticas se sai com a mesma fome que se entrou.

Ainda não terminou.

Quando Jäcki e Irma juntam os *flashes* e o medidor de luz às quatro, a coisa ainda continua.

– É a primeira vez que participo de um culto afro-americano, pensa Jäcki.

– Eu jamais poderia imaginar que fosse possível sair dali.

– E se a gente se aprofundasse ainda mais, diz Jäcki.

– Por que não.

– Eu quero dizer, bem profundamente.

– A ponto de se saber: o que está acontecendo ali.

– Você investiria um ano nisso?

– Eu me interesso mais pelas condições de luz, quando posso fotografar.

O diabo mandou o homem de roupa domingueira que voou dois metros no ar junto com Jäcki e Irma.

– Como foi que o senhor fez isso.

– Eu não fiz nada.

– Foi uma outra sensação.

– Você quis fazer isso?

– Isso não se pode querer!

– Você perguntou alguma coisa ao diabo?

– Exu não é o diabo. O padre disse que é o diabo. Exu é Exu.

– O que foi que ele respondeu.

– Não ficou bem claro pra mim.

– Minha vida não vai ser muito feliz.

– Mas que vida pode ser feliz em Vigário Geral.

- Você trabalha?
 - De vez em quando.
 - Faço contabilidade.
 - Eles querem que eu vire um pai de santo da macumba.
 - Por que entro em transe com facilidade e, quando isso acontece, dou saltos tão grandes.
 - Mas isso é muita responsabilidade.
 - Eu gosto de macumba.
 - Mas também gosto de dançar.
 - E também vou à igreja católica.
 - E aos espíritistas.
 - E aos crentes também vou.
 - Você tem namorada?
 - Tenho.
 - Todo mundo tem.
 - Eu me interesso por tudo.
 - Seus pais sabem disso?
 - Não. Minha vida não importa a eles.
- Ele espera até que um táxi pare na autoestrada, para levar Jäcki e Irma.

15.

Irma e Jäcki não deixam por menos.

Os esgotos de Copacabana se fixam no labirinto do ouvido.

Jäcki pega uma infecção no ouvido médio.

Irma vai até a farmácia e compra Otalgan.

– E que idade tem isso?

– Não é velho. Um ano.

– Não é velho? Um ano? Nesse calor? Isso é bem velho.

– Não é velho não. Se tivesse cinco anos seria velho.

Sozinhos, nenhum dos dois conseguiria alguma coisa.

As favelas.

Os cinemas.

O carnaval.

Os jornais.

A diferença de idade faz com que Jäcki banque a criança do jardim de infância e Irma a educadora.

Jäcki a arrasta consigo.

Quando Jäcki tem seu minuto de fraqueza, Irma seria capaz de arrancar árvores.

Se Irma desmaia no asfalto amolecido pela dança dos pés, Jäcki quer dar um mergulho.

E recortes de jornal.

Newsreel, era assim que Dos Passos chamava a isso.

Le Monde:

A Alemanha quer construir reatores atômicos no Brasil.

Informações de fundo:

Profundas informações de fundo:

Keller (Instituto Goethe):

O projeto foi abandonando.

Willy Brandt obriga seus embaixadores ao silêncio no que diz respeito à não proliferação

O Brasil explica que poderá construir a bomba atômica.

Todo mundo sabe que Israel tem a bomba.

O Brasil não assina o acordo de não proliferação

E assim por diante.

Dom Hélder Câmara, arcebispo de Recife:

– Metade dos brasileiros vive com menos de 36 cruzeiros por mês.

Um cruzeiro vale um marco.

Dom Hélder Câmara:

– 22 % dos brasileiros trabalham.

Dom Hélder Câmara:

– 70 % não recebem nem sequer o salário mínimo.

Dom Hélder Câmara:

– 1 % dos brasileiros é dono de metade do país.

Márcio Moreira Alves, deputado do Estado da Guanabara.

Tortura e torturados

1967

Proibido.

Os militares querem processar Alves por ofensa às armas nacionais.

A imunidade de Alves serviu de desculpa para o golpe de Estado dos generais em novembro de 1968.

A ditadura tem uma fraqueza de imunidade

Jäcki procura o livro de Alves.

Os livreiros não entendem o nome.

Existe uma livraria que tem todos os livros proibidos.

Uma vez que Jäcki não suporta supermercados, Irma anota o preço dos víveres para ele.

Economize nos supermercados nacionais.

Ovos de granja, 88 centavos a dúzia.

Arroz, o quilo, 59 centavos

Bacalhau norueguês

Jäcki não sabe que é bacalhau português que o antigo império do Brasil está habituado a importar da antiga pátria-mãe, da metrópole, daquele Portugal salazarista.

Os pescadores portugueses navegam até a Noruega e pescam o bacalhau.

Eles próprios secam o bacalhau lá mesmo.

Bacalhau norueguês, 2,90

Coca-Cola, garrafa grande, 57 centavos.

Açúcar, pacote de cinco quilos, 2,39

Sabão de coco, quilo, 1,19

Azeite de oliva, lata, 2,29

Quem frita com azeite de oliva aqui?

Margarina, pacote de 400 g., 1,10

Maizena, pacote de 200 g., 32 centavos.

Blue Jeans 60, 70 cruzeiros

Uma caixa grande de creme Nívea, 10 cruzeiros, ou seja, 10 marcos

Salário médio, 36 marcos

Jäcki traduz as torturas do livro de Márcio Moreira Alves:

Corcovado:

O preso é levado ao Corcovado,

Botado sobre um muro debaixo de Cristo abençoando.

Às costas, ele tem o abismo.

À sua frente, baionetas, metralhadoras.

Pau-de-arara:

Na França, na Guerra da Argélia, *passer à la broche*.

As mãos e pés do preso são atados um ao outro. Um pau é enfiado por baixo das juntas, levantado em seguida e apoiado a duas cadeiras ou mesas.

Banho chinês:

A cabeça da vítima é mergulhada em uma bacia de água suja ou em uma bacia de óleo até quase sufocar.

Telefone:

Bater, com as duas palmas das mãos abauladas, nos ouvidos da vítima ao mesmo tempo.

Gildo Rio, de Pernambuco, rompeu os tímpanos

Choques elétricos são aplicados quando o prisioneiro está pendurado ao pau-de-arara.

Espeto de churrasco:

Um pouco de álcool é queimado debaixo do preso

Um jornal é enfiado no ânus e aceso em seguida.

Geladeira:

A vítima é trancada de dois a três minutos num congelador a 20 ou 30 graus negativos.

Eles fazem isso, pensa Jäcki:

E ficam ofendidos quando se diz que fazem.

Eles assumem os gestos de indignação contra suas ações e os dirigem contra os indignados

A medida das emoções acaba condicionando todo mundo mutuamente.

Fotógrafo de carnaval:

Os integrantes da escola de samba Mangueira vêm todos das favelas.

Os homens ganham entre 130 e 300 cruzeiros por mês.

As mulheres trabalham como lavadoras e ganham 90 cruzeiros por mês.

As mulheres não tem seguro nenhum

No Rio há 7 médicos para cada 10 mil habitantes, uma taxa de 0,7 por mil.

A maior parte das famílias aqui têm 5 filhos.

Ou seja, algo como 300 cruzeiros divididos por 7 dá em torno de 40 marcos por mês por pessoa, é o que Jäcki calcula de cabeça

Mais do que 10 filhos, ninguém tem.

70 % dos casais nas favelas se casaram na igreja

30 % vivem juntos assim mesmo.

Eles são todos muito religiosos

Infidelidade pode levar à morte e assassinato.

Não há prostituição na favela.

Revistas ilustradas

Leitura de viagem

Me deixem viver, uivava o “Roncador”, um bandido do Rio de Janeiro.

Até agora, 500 mortos.

Na maior parte das vezes, os assassinados foram enfeitados com uma placa, sobre a qual havia uma caveira e as letras E. M.

Esquadrão da Morte.

Os assassinados pelo Esquadrão da Morte não são sempre caras da pesada – também ladrões de carro e de loja foram encontrados desse jeito em valas de estrada.

Esses gatunos não mereceram outra coisa a não ser a morte, dizem os cidadãos.

Jornal do Brasil, 10 de janeiro de 1969:

Esquadrão da morte mata o bandido “Índio”

“Sapango” morreu de olhos arregalados.

A vítima mostrava marcas de estrangulamento no pescoço e cortes de faca nas coxas.

Os esgotos das favelas da Ilha das Dragas e do Catumbi teriam matado os peixes da Lagoa

Milhares de peixes mortos boiam, os ventres brancos para cima, na Lagoa.

Jäcki descobre anúncios de página inteira nos jornais do Rio – assim como Gilberto Freire, há meio século, descobriu os anúncios do século XIX nos jornais do Recife:

Escravos fugidos..

Prédio pronto para morar na praia mais mágica do mundo.

Apartamentos de luxo para o gosto mais exigente.

Gramática.

Pensa Jäcki

Sociologia é antes de mais nada gramática.

Cerca de 160 metros quadrados de moradia

Preços a partir de 122 mil cruzeiros.

Nem tão caro assim.

Caso se quisesse isso.

Jäcki começa a calcular

Os juros.

E se Irma e eu quiséssemos isso?

Nós quase poderíamos nos dar ao luxo.

Escritor de *best-seller*.

Será que gostaríamos de morar num apartamento de luxo, aqui?

Living, 22 metros quadrados

Sala de jantar, 18 metros quadrados

Banheiro, 7 metros quadrados

Quarto de empregada, 5 metros quadrados

– Em Portugal as pessoas de cor não são discriminadas.

– No Brasil as pessoas de cor não são discriminadas.

Designações:

Escuro para o negro com traços de rosto europeus

Cabra, pele clara não brilhante

Mulato, pele amarelada, cabelos encaracolados.

Cabo verde, preto de cabelos lisos.

Moreno, pele escura, cabelos ondulados.

Chulo, pele cor de tabaco, cabelos encaracolados.

Crioulo, pele cor de tabaco, cabelos ondulados.

Sará, pele escura, cabelos ruivos encaracolados.

Gramática, pensa Jäcki.

E dicionários.

Jäcki faz uma nota para o programa, para Christian Gneuss, para o canal

NDR:

Segundo as estatísticas, há 2% de índios no Brasil, 10% de negros e 30% de mestiços.

Exatamente 40% de habitantes de cor.

50% dos brasileiros viveriam em favelas.

50% dos brasileiros devem ser analfabetos.

Não, no Brasil pessoas de cor não são discriminadas.

Num romance, Jäcki não escreveria isso.
Não na “Palette”.
Não nas “Imitações de Detlev – Grünspan”.
“Por certo” Jäcki não escrevia em nenhum romance.
Não, no Brasil as pessoas de cor não são discriminadas.
No romance não há espaço para o *tremolo*, para a ironia.
Ironia é Thomas Mann
Ironia não é nada.
Ironia é um meio de dominação.
Palavras não são nada fora de si mesmas.
Nenhuma citação.
Ironia jamais
Ironia é a gravata-borboleta, o St. Regis, a herdeira do banqueiro com quem se casou.
Palavras são palavras.
Mas para o programa dá.
Não, no Brasil as pessoas de cor não são discriminadas.
E esse programa na verdade ninguém ouve, acredita Jäcki.
Vou testar todas as palavras proibidas no programa.
Pois nada é mais perigoso para um escritor de romances do que a eterna virtude.

O redator-chefe, Affonso:

- Eu sou o redator-chefe e sou obrigado a exercer três profissões para sobreviver como intelectual no Rio.
Repórter, diretor e redator-chefe.
- Minha mulher também ganha salário.
- Muitas vezes durmo apenas quatro horas.
- No mar? Mergulho no máximo uma vez por semana.
- No Brasil sempre se torturou.
- Os militares se dividem em democratas anticomunistas e pró-americanos, antiliberais anticomunistas e pró-americanos, radicais de direita anticomunistas e pró-americanos.

munistas e pró-americanos, radicais de direita nacionalistas anticomunistas e antiamericanos.

- A embaixada americana reagiu de modo azedo ao golpe de Estado dos generais.
- Disso se deduz que tenha sido os puristas nacionais que organizaram o golpe.
- O general Albuquerque Lima¹ foi o cabeça da conspiração de 13 de dezembro de 1968.
- Ele colocou seu cargo de Ministro do Interior à disposição.
- O medo está tomando conta dos jornais.
- A autocensura tem consequências piores do que a censura por parte do Estado.
- São Paulo, a potência econômica, o um por cento que detém o poder no Brasil ainda não se uniu à revolução dos militares.
- Márcio Moreira Alves é um deputado sem importância, que escreveu um livro sobre a tortura por razões jornalísticas.
- Ele jamais foi muito religioso.
- E de repente se converte ao catolicismo.
- Sexualmente, o Brasil é um paraíso.
- As meninas vão para a escola com a pílula na mochila.
- No segundo grau.
- Até mesmo as prostitutas são mais simpáticas por aqui.
- Elas naturalmente tiram toda a roupa – não é como vi em Hamburgo.
- Preservativo não se conhece nem de longe por aqui.
- Entre 4 e 100 cruzeiros.

O diplomata alemão:

- O governo agora também proibiu o baile mais bonito de carnaval.
- O baile das bonecas e dos enxutos.

1. Hubert Fichte (ou seu editor Ronald Kay, responsável por passar o manuscrito do escritor a limpo, e revisar aquilo que havia sido manuscrito a partir do que havia sido ditado por Fichte – ver Nota Editorial, ao final do romance) escreve “Albuquerque Luiza”; conforme já se disse, há várias imprecisões de grafia menos graves ao longo do romance, corrigidas na presente tradução e nem todas sinalizadas nas notas de rodapé, até para que seu número não seja excessivo. (N. do T.)

Dr. Orlando Orlandi:

– No dia 31 de janeiro, 447 pessoas com desidratação deram entrada nos hospitais do Rio de Janeiro.

As fábricas de refrigerante esgotaram suas reservas.

Elas fazem hora extra para estocar bebidas para o carnaval.

Um diplomata alemão:

– Albuquerque Lima é o ideal de um bando de jovens militares.

– Ele foi o cabeça da conspiração de dezembro de 1968

– Ele não é corrupto.

– Antiamericano.

– Ele quer devolver a Amazônia ao Brasil.

– Pediu demissão para mostrar que não quer ter nada a ver com a revolução como ela se mostra agora.

– A campanha anticorrupção é apenas uma manobra para jogar areia nos olhos do povo.

– Kubitschek perdeu suas contas brasileiras

– E daí?

– A oposição não existe.

– A não ser a igreja.

– Nem mesmo o Partido Comunista é suficientemente organizado.

– Parece que mandaram a igreja recuar.

– Dom Hélder Câmara assinou, junto com os outros, uma mensagem bem moderada ao presidente Costa e Silva.

– Dizem que Costa e Silva chora a cada sanção a um deputado.

– Os estudantes não têm poder político.

A escola de samba Mangueira desfilará com 8.000 integrantes.

Um milhão em gastos.

O traje de um dançarino solo custa doze mil cruzeiros.

Um negro cintilante em verde e rosa com peruca de *nylon* branca e tricórnio salta diante da câmara de Irma de um lado a outro na favela da Estação Primeira de Mangueira.

Uma lira às costas de seu casaco de paetês.

Ele está bêbado.

Corre pela favela e quer ser admirado.

O arquiteto de interiores:

- Eu gosto de viajar.
- Conheço a Europa inteira, incluindo os países do bloco oriental, e também o Japão e Cuba.
- Admiro Che.
- É absurdo desenhar uma casa pré-fabricada para as favelas.
- Os militares jamais permitiriam a produção em série.
- Quem se ocupa das favelas é um comunista. E ponto.
- Os assaltos a banco são planejados.
- Por militares de esquerda e estudantes.
- Em dois ou três anos haverá uma revolução sangrenta.
- A oposição é castrista, não maoísta.
- Costa e Silva não quis assinar a dissolução do parlamento.
- Ele já estava deposto do cargo de presidente há cinco horas pelos militares.
- Foi por certo sua mulher que conseguiu convencê-lo.
- As prostitutas estão longe de ter, todas elas, sífilis
- Elas são tão sensuais que mesmo com o centésimo cliente ainda se mostram carinhosas como se fosse a primeira vez.
- Elas são muito limpas.
- Vivem se lavando.
- Também nas favelas todo mundo lava seus cabelos e ensaboia o corpo inteiro várias vezes ao dia.
- Como eles conseguiriam sobreviver se não fosse assim.
- Pense, por favor, em Luís XIV e Frederico, o Grande.
- As crianças da favela arrastam água sobre a cabeça da manhã à noite.

As sete prescrições para o carnaval podem ser encontradas em todos os escritórios de viagem:

1. Turistas não podem se livrar de suas roupas durante os bailes.

2. Roupas que afrontarem a moral, a família e os bons costumes são proibidas.
3. Sungas não podem ser usadas.
4. É proibido borrifar pessoas.
5. Bailes que promovem a humilhação do ser humano pelo vício e pela doença, como o Baile das Bonecas e dos Enxutos, são proibidos.
6. Animais não podem ser maltratados.
7. Lança-perfume e borrifadores de éter são proibidos.

“Monstro”.

“Animal selvagem”.

Justo Gomes da Silva estuprou e matou a pequena Andrea.

Justo confessou o crime a sangue frio.

O pai da pequena Andrea:

- A polícia fabricou o assassino.
- Justo foi tratado a socos, pontapés e coronhadas pelo DOPS.
- Quando se negou a assinar a confissão, ele foi torturado.
- Na entrevista à televisão, um policial encostava um revólver em suas costas.

No Teatro Municipal, foram contemplados com o primeiro prêmio Simão Carneiro pelo traje “Aleluia, Aleluia – Portugal, Esplendor de uma Época” e Marlene Paiera pelo traje “Poder e Glória de Elisabete, a Grande”.

O Esplendor de uma Época pesava 100 quilos.

Dez metros de cauda.

Três ajudantes.

Poder e Glória pesavam 45 quilos.

Jäcki anota em seu diário:

Eu e Irma fodemos.

Ele faz isso todas as noites e não o anota todas as manhãs em seu diário.

Também não faz rosquilhas, ganchinhos e círculos como Wolli Köhler.
Para bater punheta, chupar, pular a cerca e o que quer mais que Wolli faça.
Jäcki escreve:
Chegar até si mesmo através de um ser humano que se conhece.
Com homens se é completamente supérfluo depois de tudo.
Também não chega a ser algo pronto para ser impresso.
Ele evitaria o uso da palavra supérfluo num romance.
No programa para o canal NDR ele corta a passagem.

Ruth Gassmann começa o novo filme sobre “Helga” e se alegra quando é chamada de Brigitte Bardot alemã.

Ela acha Brigitte genial.

Ontem começaram, na favela do Cantagalo², as filmagens para um novo filme sobre “Helga”.

O papel de Helga tornou Ruth Gassmann conhecida na Europa e nos Estados Unidos

No primeiro dia de filmagens, Ruth fez vários amigos entre os moradores da favela.

Ruth Gassmann faz o papel de uma jornalista que vem da Europa para estudar problemas de educação no Brasil e os efeitos da Encíclica Humanae Vitae.

- À noite Irma e eu festejamos meu aniversário.
- Eu ganho um grande buquê de rosas. Uma latinha de pedra-sabão
- Um homenzinho índio homossexual de Bananal.
- Um livro com provérbios brasileiros.
- Ninguém presenteia com tanto espírito quanto Irma.

Para o diário.

Não para o NDR.

Mudança de alojamento

2. Aqui, por exemplo, Hubert Fichte escreve “Favela von Canto Galo” no original. (N. do T.)

Jäcki e Irma voam pelas autoestradas até a Praia de São Cristóvão³, com a torre do hotel semipronta, depois para a Floresta da Tijuca do criador de Utopópolis e acima, até a favela da Rocinha.

Ali está a Mercedes preta do serviço social.

Uma mulher desce o morro, o vaso sanitário sobre a cabeça.

Tábua podre por tábua podre tudo é carregado cuidadosamente

A bananeira foi atingida.

A quarta parede é derrubada.

Tudo jaz desnudo ao sol.

Nova pátria.

Jacarepaguá é o ponto mais quente do Rio de Janeiro.

Construções minúsculas de telhado pontudo. 15 metros quadrados de moradia

O bairro parece uma exibição demonstrativa de casinhas de transformador elétrico.

O sapateiro:

- A casa custa 30 cruzeiros por mês.
- 3.500 ao todo.
- Em dez anos vamos ter pago tudo.
- 23 mil famílias.
- Transferidas das favelas.
- Dois médicos.
- Nenhuma ambulância.
- Os gravemente doentes andam de ônibus durante uma hora até a cidade; ali eles chegam a esperar às vezes um dia inteiro por um leito livre.
- 40% das pessoas aqui vivem de esmolas e da coleta de lixo.
- 70% dos homens ganham o salário mínimo, 129 cruzeiros.
- 30 cruzeiros por mês só para o ônibus.
- Poucos criminosos.
- Talvez 1.500 mulheres que completem a renda com prostituição.
- A escola pública não custa nada.

3. Aqui Hubert Fichte certamente quis dizer São Conrado. (N. do T.)

- Numa sala de aula há 40 crianças
- O ginásio custa 30 cruzeiros por mês.
- Para meus filhos o Estado paga a metade.
- Eu ganho mais do que os outros como sapateiro.

Cândida de Sousa Barbosa, que foi levada ao hospital com hidrofobia, admitiu que apenas simulou o ataque de hidrofobia para poder voltar ao hospital.

Luiz Carlos dos Santos ficou cego de tanta fome.

A mãe não sabe que o filho ficou cego de fome.

Ela vive com seis filhos em Saracurema. O mais novo dorme na caixa em que foi entregue a televisão.

Baile no Copacabana Palace.

Veruschka e Henry Ford II.

Henry Ford II pega um helicóptero para visitar o presidente da república.

- Sim, a Volkswagen é o grande fator no Brasil.
- Mas nós vamos tirar um pouco do mercado deles.
- No próximo ano pelo menos dez por cento.

Há pouco chegaram vinte membros da Associação dos Proprietários Católicos para tratar de investimentos.

O Correio da Manhã foi para o brejo.

Os jornais telefonaram a cada um dos clientes anunciantes.

Uma proprietária de mansão mata um assaltante com um tiro.

Ela acordou ao ouvir um barulho e viu que um desconhecido se curvava sobre seu marido com um facão.

Ela atira no assaltante, que foge e acaba desabando ainda dentro da mansão.

Ela fala com ele pela porta.

- Se você se mexer, vou chamar a polícia.
- Você pode chamar a polícia sem problemas. Eu estou morrendo.

Horas depois, ele morre.

Ele estava vestido com uma calça de bolsa de estopa.

Era da favela da Rocinha.

Irma fotografa a mansão senhoril no jardim de Castro Maya.
No primeiro andar, o quarto do falecido proprietário.
Ele não era casado.
Uma cama brasileira entalhada em madeira
Ao lado dela, sobre o pedestal, o busto da mãe
Livros franceses.
Uma *chaise longue* cheia de volutas.
Picasso.
Léger.
Uma litogravura de Braque
Um crucifixo rococó:
Prata e tartaruga
Dois anões de porcelana.
Um São Sebastiãozinho barroco primitivo.
Perfurado por centenas de flechas
Atrás, um desenho.
São Sebastião.
Duas vieiras folheadas a ouro.
Ali ele recebia gaúchos de esporas, com botas de couro
O que resta do homem
O jardim.
Este quarto
Encanto que ainda perdura quando ele próprio já desapareceu.

Se uma pequena estátua da Virgem Maria realizou um desejo, ela é pintada, em agradecimento.
Se algo deu errado, enfia-se a Virgem Maria de cabeça na areia.
Suas mãos são cortadas, os cotos pintados de vermelho.
Cortar o nariz. –

No Rio Grande do Sul existem 19.000 terreiros de macumba
No Rio de Janeiro, 32.000
Nossa Senhora de Copacabana

Gazes de escapamento

E, depois da chegada da escuridão, bichinhas tímidas.

Um negro conhece um andar seguro em um prédio e leva Jäcki para cima, onde as roupas de baixo balançam

E se deixa

Se deixa de modo maravilhoso

Em seguida, ele segura a calça de Jäcki e quer dinheiro.

Jäcki diz:

- Isso você deveria ter dito antes.
- Você não tem nada.
- Tenho algum, mas não quero dar nenhum a você.
- Você por acaso nunca dá nada.
- Dou sim, e até com gosto, mas você deveria ter dito isso antes.

O negro tira das calças algo que deveria ser uma faca, mas é uma espécie de lima, ou um estuque, e o encosta à jugular de Jäcki

Ele tenta mostrar, forçando, uma raiva animal.

Jäcki não entra na dele:

- Você não precisa nem se irritar.
- Não vou dar nada a você.
- Me diz só qual vai ser a impressão que vou ficar tendo dos gays brasileiros.

Ele diz:

- Você pode gritar, sem problemas.

Jäcki:

- Eu não vou gritar.
- Aqui ninguém vai me ouvir mesmo.
- Não tenho medo.

Depois de meia hora, o negro tira a faca da jugular de Jäcki.

Lá embaixo, em meio ao trânsito, os dois se beijam mais uma vez para se despedir.

- A saliva do negro tem gosto de metal.
- Essa é uma história que não posso botar no programa.
- Christian Gneuss não vai entendê-la.

- Peter Faecke também não.
- Será que Raddatz a entende.
- Eu não posso contá-la a ninguém.
- A Irma eu posso contá-la.
- Peter Michel Ladiges talvez a entenda, mas não de verdade.
- Em todo caso, ele não fará nenhuma observação desnecessária a respeito dela.
- Wolli com certeza.
- Wolli, como cafetão, é mulher o suficiente.

As séries de fotos de Irma:

Favelas.

Carnaval nas favelas.

Macumba nas favelas.

O homem voador.

Retratos

A casa bonitinha do criador de Utopópolis.

Jardim Botânico.

Praça Onze.

Harmonia Mundi

O Rio em geral

Brasília

Bahia.

Casa Hansen Bahia.

Casa Carlos Bastos

Pintores ingênuos

Museu São Paulo

Instituto Butantã

Cataratas do Iguaçu.

Porto Alegre.

Numa sala de laboratório, caixas com uma “coral” e uma “coral falsa”.

Uma pequena boiceira verde é deixada para uma coral não muito maior,
para que ela a coma.

A coral negra salpicada de cores corais salta sobre a verde e morde.

A verde tenta fugir, estremece.

O corpo incha.

Fica mais fino de novo.

Ela caga.

Em sua merda, vermes se mexem.

Até mesmo as cobras estão cheias de vermes nesse país, pensa Jäcki.

O guarda bate na cabeça dela para que ela morra mais rápido

As cobras se enrolam uma na outra.

A verde arreganha a boca.

A coral morde o corpo da verde de comprido, avançando até a cabeça.

A verde não se mexe mais.

A coral começa a engolir a outra, que tem quase o mesmo tamanho, pela
cabeça.

Quando ela engoliu a verde inteira, espirais perpassam seu corpo de cima
a baixo.

Sexta-feira, dia 31 de janeiro de 1969

Uma revista “Spiegel” no Copacabana Palace.

O editor Klaus W. diz:

Os cidadãos devem ter romances em suas estantes.

E Kafka?

Com o qual ele se fez como pessoa

E “O tambor”, que ele corrigiu como editor?

Como ele parecia desesperado quando Johannes Bobrowski morreu.

– E ele tinha esboçado um romance inteiro e não conseguiu mais redigi-lo.

Não foi um simpósio sobre Kafka que desencadeou a resistência em Praga,
pensa Jäcki.

16.

Jäcki comprou um sabão marrom de forma esférica.

Ele estava numa caixa branca, uma vendedora de abacaxis baiana à moda antiga impressa sobre ela, a firma Kanitz e o nome:

Sabão da Costa.

E isso queria dizer que era da costa africana.

Pelo menos fora o que Jäcki já aprendera até agora.

Jäcki levou a bolota marrom, que matraqueou dentro da caixa de papelão, na viagem de táxi pela praia de Copacabana até o banheiro do Copacabana Palace, e, entre os azulejos fulgurantemente brancos, onde Irma descobrira, pálida, uma barata, o sabão da costa africana começou, entre o revelador e o problema intestinal e a urina, a exalar seu cheiro suave de cacau e manga e bombons de violeta proustianos, de Exu e de Central do Brasil, de sal, alcatrão, de pântanos de Dakar e da água verde de Vigário Geral.

É o cheiro de dois continentes, pensou Jäcki.

Jäcki ficou muito orgulhoso de sua ideia.

Esqueceu de registrá-la em seu diário para Christian Gneuss.

Talvez, porque se recordasse, nas profundezas de seu inconsciente freudiano, que um dia já havia lido algo semelhante.

Foi em Gilberto Freire?

Casa-grande e senzala?

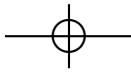
E foi Gilberto Freire que o inventou?

Ou também isso era um desses ancestrais thomas-mannianos, do qual no entanto por certo já existia um ancestral do ancestral

Como aquele

Civilização e Sifilização, que nem sequer vem de Recife, mas de Viena, conforme Jäcki sabia.

Sincretismo, pensou Jäcki mais uma vez.



Bicontinentalidade

Bissexualidade

E ele logo se sentiu num clima cheio de solenidade,
bancando o escritor.

E tudo isso por causa de uma bolinha marrom – um pouco de madeleine
de Proust, um pouco de grampo de cabelo de Strindberg – no cheiro do
Sabão da Costa.

17.

Jäcki lê:

Uma vez que o Baile das Bonecas e dos Enxutos foi proibido, será promovido o Baile dos Escorraçados.

O Serviço de Segurança do Estado espalhou um comunicado:

Vocês se enganam se acreditam que escaparão sem ser punidos mudando simplesmente seus nomes.

Não é o nome que é a coisa mais decisiva, mas sim a falta de vergonha

Jäcki e Irma foram até Bangu

Uma hora e meia de viagem de ônibus.

Ao longo da avenida Brasil, a única saída em direção ao norte.

Passando por Vigário Geral, urubus em construções sobre estacas.

Passando pelo antigo castelo histórico, por quartéis, aviões a jato, construções oblongas da moda, compridas como ruas, soltando a tinta.

Depois a floresta virgem de novo.

Jardins com arbustos da floresta virgem.

Quartéis, festas de subúrbio, máscaras de trapos.

Em Bangu é que tudo começa de verdade.

Este é o dia atlântico, pensa Jäcki, e começa a ensinar a Irma sobre as festas entre Atlas e AntiAtlas.

Das caixas de correio de seu cérebro:

- O dia que nada vale.
- No qual tudo desmorona
- Onde a mãe faz com o filho
- E o pai com o avô.
- E no dia seguinte está tudo esquecido.
- Os egípcios movimentavam membros de madeira gigantescas por fios.
- Como os barcos em Amarante.

- Sim.
 - O Minho minoico.
 - Amarante não fica no Minho.
 - Isso pouco importa: Minho minoico soa melhor e no fundo também é mais adequado:
- A invasão fállica da Lusitânia pelos cretenses.
- Depois Orfeu.
 - As saturnais.
 - Heliogábalo.
 - Não. Isso é George. Eu quis dizer antes Nero, que fez o papel de Édipo e foi seu próprio Nero
 - Villon.
 - Bangu.
 - Eu faria bom uso de uma teleobjetiva ainda maior.
 - Mas aí precisaria arrastar comigo também mais um tripé especial, pois na mão ela acaba tremendo.

Os Sujos começam a posar para Irma.

Lambuzados de ruje, vermelhos de ferrugem, assustadoramente amarelos e completamente verdes. Os cabelos pretos encaracolados cuidadosamente empoados de branco.

Eles jogam pó de arroz na multidão, e Omo, e evitam com todo o cuidado o olho de vidro da Leica de Irma.

A “União da Galinha” carrega uma galinha preta em cima de um galho Batendo chaleiras e rascando metais, apitos, regadores, tábuas de lavar, oboés e pentes.

Os homens sujos lançam os braços ao ar como bacantes. Tremem.

Os peitos gordos balançam.

Para cá fugiram os “Estendidos” entre os 16 milhões da Grande Rio.

Quem os contou.

Os Bichos, os Hommes Sensibles, os Cualiras, os Bichas, os Viados, as Tias, os Andróginos, os Borrifados, os Transexuais, os Gatos Cortados, Henrique III, Ricardo Coração de Leão e Fernando Rosso, os Costurados e os Ofendidos.

Aqui o pai de dezesseis filhos pode andar ao lado da mulher do prefeito e a vendedora de bugigangas pode mostrar sua coxa coberta de pelos vestida em uma meia arrastão.

Aqui a bolsa esvoaça

E o carteiro não está seguro diante dos beijos de uma Madame Pompadour falsificada.

Jäcki lê no Jornal do Brasil do dia 5 de fevereiro:

Em São Paulo, não foi permitida a entrada de travestis no Baile de Gala do Teatro Municipal.

Jäcki lê no Jornal do Brasil do dia 7 de fevereiro:

Depois de o Baile das Bonecas e dos Enxutos ter sido proibido pela polícia, já tentaram organizá-lo de modo sorrateiro por duas vezes em vão

Uma vez em São Paulo, onde o Serviço de Segurança Interna havia proibido um Baile das Bonecas e dos Enxutos.

Em seguida eles vieram em grande número aos Bailes da Onda, que aconteceram em um iate ancorado junto à Praça Quinze.

A polícia do Rio adivinhou a intenção e não permitiu a entrada de ninguém que estivesse vestido de mulher

Jäcki vai aos bailes no iate.

Apenas homens,

Todas as mulheres vestidas de homem.

Os homens que querem organizar o Baile das Bonecas e dos Enxutos se vestem de homem para conseguir chegar ao iate

Jäcki lê:

O Serviço de Segurança Interna fará de tudo para evitar, quer dizer proibir, toda e qualquer tentativa sorrateira de organizar o Baile das Bonecas e dos Enxutos.

Jäcki lê, no dia 8 de fevereiro:

O Clube dos Democratas denuncia o Baile dos Escorraçados.

Jäcki telefona:

- Nada é mais complicado do que telefonar em língua estrangeira.
- Numa língua estrangeira pronunciada erradamente.
- Português do Brasil.

- A língua de uma província atlântica, que se tornou a língua de um império transcontinental.
- O Clube dos Democratas é lá.
- Aqui é o Clube dos Democratas.
- Eu sou jornalista alemão e gostaria de saber se o Baile dos Escorraçados acontecerá por aí.
- Mas o senhor não tem voz de alemão
- Para dizer a verdade ao senhor: eu tenho uma voz polonesa.
- Mas de onde o senhor está ligando.
- Do Copacabana Palace.
- Há quanto tempo já está no Rio.
- Uma semana.
- O senhor veio de avião ou de navio.
- De bicicleta, Jäcki gostaria de responder, mas ele não quer incomodar o Escorraçado e mente:
- De navio.
- Por Nova York.
- Não, por Cuxhaven.
- O senhor é casado.
- Não, não ariano.
- No Brasil é muito perigoso.
- O Baile dos Escorraçados irá acontecer?
- Neste sábado não.
- Quando, então?
- Talvez no próximo sábado.

Jäcki vê no jornal um anúncio do Baile dos Escorraçados no sábado, X.X.1969, no Clube dos Democratas.

Jäcki lê:

O Baile das Bonecas e dos Enxutos no Cinema São José na Praça Tiradentes foi motivo de várias pancadarias no ano passado.

Vários policiais tiveram de ser mandados ao lugar. –

Baile dos Escorraçados.

14 horas.

Entrada, 30 cruzeiros.

– Não é nada para uma bicha trabalhadora.

Os policiais de capacetes de ataque azuis estão em pé, fazendo um corredor que leva até o alto da escadaria.

Nas construções em forma de torta do primeiro andar, os chocalhos se fazem ouvir e o tataratá e os passos do samba e o cheiro é de cacau e farinha de peixe e Tosca.

Litros de suor

Litros de cerveja.

Bandeiras como na macumba, que faziam Jäcki lembrar do carnaval.

Um posto inteiro dos correios cheio de cartas aos deuses

Um senhor de nariz proeminente em saíote egípcio azul desprovido de gênero que não ofendia a ditadura militar sobe tremendo, entre os policiais.

Ele pode entrar.

Um mais corpulento avança sem calças ao império romano lá de dentro

Mas é mandado embora.

E grita sua desilusão esganiçadamente ao descer a escada.

Em seguida vem a Mulher Maravilha, a doce bocetinha encantada

a suave mestiça de raça com uma genuína peruca de cachos longos, faces deformadas pelo *pancake*

uma embalsamada viva, a boneca em si

Os policiais fungam seguindo o cheiro da Fleur de Rocaille, amoras silvestres, mexilhões e não reconhecem o caixa da associação de jornalistas

Esse passou.

Então chega a própria Enxuta, a tamareira, a passa, a ameixa-seca, Asta Nielsen por sua vez não é nada perto dela

Gandhi é, por sua vez, Raquel Welsh

Usando um vestido de lamê bem ajustado

Nem sequer a tentativa de seios

Cabelões negros nas pernas

E cabelos a la garçon. Boa.

Rouge e Rouge à Lèvres sobre a velha boca de macaco

o risquinho ressequido dos enxutos insaciáveis e escorraçados.

Sapatos de salto.

Nada a fazer

Fora daqui.

Fora, fora, fora.

Os policiais não acreditam que ela tenha sessenta anos, é mãe de 13 filhos, todos com saúde, e lésbica.

Ela apresenta a carteira de identidade.

Mas o chefe da guarda não sabe ler.

Fora.

Fora daqui.

Lá dentro, em cima, uma eterna “Rã das Moitas”, um “Túsculo” explodindo, “Exquisito”, “Com Rudi” vezes cem

Milhares de bonecas que se vestiram de Romys

Milhares de enxutos como paxás e cavaleiros-das-rosas.

18.

Que livro é esse de Medeiros

Escrito contra o cineasta francês.

Contra Clouzot, que há 10 anos fez um filme sobre o sangue.

Os brasileiros queriam, eles mesmos, produzir algo sobre o banho de sangue.

O Cruzeiro contratou um fotógrafo.

Não Verger.

O papa.

O francês.

Que incomoda Jäcki sem que ele o conheça, sem que conheça algo dele.

Um decadente dessa laia, que não aguenta mais ficar em Paris, de saco cheio do existencialismo, do estruturalismo, de Marx, Hegel, Lukács, Bloch e Foucault, junto com Brecht, Yves St. Laurent, Dubuffet, Marguerite Duras.

Um fotógrafo assim, de mochila e cadeira dobrável, que vai fazer uma excursão ao desconhecido, um falso mago.

Jäcki o viu diante dele sem o conhecer.

Professor de ginástica e astrólogo.

Mas Jäcki não queria pensar sobre Verger.

Jäcki procurou o livro de Medeiros sobre o banho de sangue no candomblé

Que O Cruzeiro havia contratado, para opor algo brasileiro a todos aqueles franceses, o Lévi-Strauss, o Camus, o Clouzot, o Verger, que navegaram até nossas terras em suas caravelas como conquistadores do folclore

Algo que fosse adequado às estantes de livros de Ledig-Rowohlt e de Hans Werner Henze – ao lado de arte tântrica e Mishima

Murdered by Roses

Seppuku com espada de madeira

Banho de sangue.

Jäcki passou por todas as livrarias que conhecia, em Copacabana, onde os 26 graus do ar condicionado pareciam um congelador.

Por todas as livrarias da oposição, onde havia muito Hermann Hesse exposto

Ele não encontrou o banho de sangue.

Numa pequena agência de notícias, o vendedor conhecia o livro.

Ele tinha um exemplar.

– Vou trazê-lo para o senhor.

– O senhor pode ficar com ele.

– Eu já o vi.

– Ora, eu o conheço.

– Também um posicionamento diante dos livros.

Não: um livro?

– Mas ele já tem um, como na Alemanha.

– E sim:

– Um livro:

– O senhor pode ficar com ele.

– Eu já o conheço.

– Ele vai esquecê-lo.

– Samba.

– Ai, ai, ai Maria.

O vendedor da pequena agência de notícias não se esqueceu.

Jäcki segurava uma brochura fina nas mãos, que o designer havia decorado artificialmente com elementos primitivos.

Jäcki folheou a brochura ainda diante do vendedor.

Eram fotos que à primeira vista se destacavam pelo fato de os pingos terem sido fotografados em 1/500 avos de segundo ou então em um milésimo de segundo e pareciam se cravar à pele como os dentes de uma serra

José Medeiros, o fotógrafo d'O Cruzeiro, conseguira participar e tivera permissão para fotografar os ritos mais secretos da iniciação.

Flashes.

Irma logo viu.

Quando Jäcki folheava o volume pela segunda vez junto com ela no Copacabana Palace.

Eram as fotografias de um repórter

– Nada de arte, por assim dizer.

– No nervosismo, muitas vezes desequilibradas, iluminadas demais

– Mas sangue por toda parte.

Tanto sangue que as páginas pareciam colar umas às outras.

Animais sacrificados aos montes sobre as cabeças dos noviços

Sangue nos olhos

Corpos sangrentos.

Como torturados.

Esfolados.

Irma quase não conseguiu continuar olhando por mais tempo.

Mas então voltava a olhar para as fotos junto com Jäcki.

José Medeiros conseguira, com *flash* e a abertura de um milésimo de segundo, botar a transfiguração na caixa, a doçura infantil das crianças de cabeça raspada, o encantamento dos lábios.

Irma ficou em silêncio absoluto.

– Eram fotos em preto e branco.

– Eu sempre disse. Fotos são fotos em preto e branco.

A Jäcki elas pareciam mais vermelhas do que o vermelho.

19.

Na sossegada rua *fin-de-siècle*, acácias sombreadas pela noite, a seção especial Roubos e Furtos.

Da construção chegam gritos.

– Alguém está sendo interrogado ali, diz Aristóteles, que acompanha Jäcki rindo.

– Um ladrão de galinhas da favela, pensa Jäcki.

– É assim que um ser humano grita.

– É como também grita um animal.

– Não.

– Não é um grito expelido por um ser vivo, como resposta a alguma coisa, dirigido com uma intenção a outro.

– Esse grito não vem de ninguém que esteja consciente.

– Ele não tem mais relação nenhuma com a experiência.

– Um pedaço fino de lata, colocado para vibrar de certo modo, poderia chegar a emitir sons como esses.

– Um uivar bem alto e parecido com o de uma sirene.

Jäcki não sabia que um torturado era capaz de gritar desse jeito.

– Os trabalhadores foram torturados desde sempre, o criador de Utopópolis dissera.

Jäcki pensava em todos os distintos gritos de Sartre.

Mortos sem enterro.

Os gritos dos lutadores da resistência torturados.

Amnesty International.

Que se recusam a assumir os *gays* perseguidos em seu ficheiro.

– Todo garoto de programa que rouba uma corrente de ouro é torturado.

– E nenhum galo canta em protesto.

O que Jäcki poderia fazer.

Ele queria fazer tudo.

Correr até lá.

Quebrar as vidraças.

Jogar bombas.

Fazer reféns.

– Um crime! Um crime! O crime de Orestes! Moscas!

Agir.

Também com metralhadoras.

– Também com navalhas?

– Violência.

– O grande e inesperado novo?

– Estuprar torturadores.

– Ser estuprado por torturadores.

– Torturar como Villon, humilhado por torturadores?

– Por isso não posso impedir que um garoto de programa de uma favela, que roubou uma galinha, grite desse jeito.

– Ele vai gritar sempre, por toda parte, até o final do mundo

– A boca escancarada por uma lâmpada de ferro.

– Enchido com vinte litros de água suja até que fique estirado, soltando água por todas as aberturas sobre a mesa do interrogatório como um polvo

– Parar?

– Não está mais com vontade?

– Só impotência ou sangue?

– Não vai mais continuar?

– Pouco importa?

É por isso que o homem não para de gritar.

– Seguir adiante!

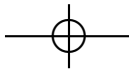
– Contar!

– Ficar em pé!

– Ir até lá com Aristóteles, para onde você queria ir com Aristóteles.

Jäcki não consegue ficar de pau duro na escadaria.

Isso é bem embaraçoso.



Aristóteles, que jamais quer voltar a ver Jäcki, falara com ele na estação

Ele queria mais uma vez.

Jäcki não conseguiu.

Aristóteles ficou ofendido.

E quis outra vez não mais voltar a ver Jäcki.

A rua na Seção Especial de Roubos e Furtos mal chega a ser percorrida depois da meia-noite.

As acácias afundam de volta à floresta virgem.

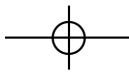
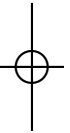
– Os guaranis pregavam o intestino do condenado a um tronco de árvore e obrigavam o criminoso a correr em torno do tronco até que o intestino estivesse todo enrolado nele.

Estava tudo em silêncio.

Será que o ladrão de galinhas estava dormindo.

Será que Villon morrera à míngua por causa de seus ferimentos.

Um policial olha pelo olho mágico.



20.

O cesto de papéis do Copacabana Palace se enchia de jornais rasgados e caixinhas de filme.

Jäcki recorta notícias sobre o carnaval.

Irma marcava negativos de filmes.

O grupo de carnaval Chave de Ouro existe há pelo menos vinte anos;

Há 11 anos ele desfilava na quarta-feira de cinzas, e há cinco anos esse desfile foi proibido pelo Serviço de Segurança Interna.

Às 9 horas, a polícia apareceu para impedir o desfile.

As primeiras bombas de gás lacrimogênio foram jogadas quando cerca de 15 pessoas começaram a dançar.

Um garoto de doze anos foi preso e espancado ainda no jipe da polícia.

A polícia mal havia partido quando a canção de carnaval do grupo Chave de Ouro já pôde ser ouvida de novo:

Com a pancadaria, não se alcança nada.

Nós somos bem teimosos, hein, rapaziada.

Vamos desfilar mesmo assim, não vai ficar nisso.

Mas a polícia não quer saber disso.

A polícia não quer saber disso, ô, ô!

Com três horas de atraso a apresentação na Presidente Vargas começa.

– O que quer dizer “ranchos?”

– Eu também não sei.

– Na Venezuela, ranchos são favelas.

– É, ranch.

70.000 espectadores nas tribunas.

Sete canais de televisão.

Um japonês

Como estorninhos, milhares estão pousados sobre árvores, tabuletas de propaganda, placas de trânsito.

Ambulâncias.

Brigas por Coca-Cola.

Frases intermináveis ditas pelos alto-falantes.

Uma menina de pernas grossas passa mal.

Um rapaz é levado embora pelo Serviço de Segurança Interna.

Carros da polícia uivam pela pista, acima e abaixo.

Policiais motociclistas aos bandos.

Então o primeiro cortejo de carnaval se aproxima

Cantagalo.¹

Depois de meia hora, eles passam por Irma e Jäcki.

Irma está sem vontade de fotografar.

Uma floresta virgem de plumas e paetês.

Mouros da Sarotti de oito anos de idade feitos de borracha, que rodam como moinhos de vento.

Cantagalo passou pelo júri.

Cantagalo com suas rainhas, princesas, mouros da Sarotti e “Ai, ai, ai Marias” se encolhe e desaparece.

Lá atrás, onde não há mais tribunas, onde os parentes dos que desfilam estão parados às dezenas de milhares, depois de descerem correndo da Rocinha e do Morro da Providência, enquanto os seres fabulares passam se arrastando como pneus murchos.

Os moradores das favelas berram, ameaçam, assoviam.

Cantagalo dá mais um passo de samba, num espasmo.

Agora é a Mangueira que desfila.

Mangueira, a estrela entre as estrelas das escolas de samba da favela.

A polícia bate nas pernas dos garotos.

7.000 integrantes.

Eles desfilam por três horas.

Orfeus de lantejoulas.

Eurídice de *nylon*.

1. No original, grafado “Cantagallo”. (N. do T.)

Índios *pop*

Piratas de papel machê

Um sem pernas, vestimenta rococó, faz cabriolas em sua cadeira de rodas.

O frevo é uma dança marota do nordeste.

Ao longo de três quilômetros, seis garotos negros dançam um misto de cracoviana e *rock'n'roll* descendo a avenida do ditador Getúlio Vargas.

Escolas de samba:

Imperatriz Leopoldinense

Em Cima da Hora.²

Mangueira.

Portela.

Unidos de Lucas.

Unidos de São Carlos.

Império Serrano.³

Acadêmicos do Salgueiro.

Unidos de Vila Isabel.

Mocidade Independente de Padre Miguel.

Ranchos.

Frevo.

Bloco.

Samba:

Samba de Terreiro.

Samba de Partido Alto.

Samba de Angola.

Samba de Breque.

Samba de Enredo.

– Ai, ai, ai Maria, pensa Jäcki:

– Maria da Bahia.

2. Hubert Fichte apresenta os nomes das Escolas de Samba em alemão. Esta, um pouco menos conhecida hoje no Brasil, aparece com o misterioso nome de “Auf der Gipfel der Stunde”. (N. do T.)

3. Outro nome engraçadíssimo em alemão, e que demandou algum matutar da parte do tradutor: “Das Kaiserreich der Gebirge”. (N. do T.)

Esfera negra.
Comer feijão.
Show hippie.
AA BB
Simpósio.
Fluminenses.
Horror.
Sopro do Leopardo.
Noite de Barbarella.
Maria Atlético Clube.
Lenhadores.
Cordão.
Mamãe, eu vou sair às compras.
Agogô.
Atabaque.
Berimbau.
Cuíca.
Rumpi.
Jäcki ouve os gritos do ladrão de galinhas.

- O carnaval é um espetáculo dos negros das favelas para os brancos, começa Jäcki em seu programa para Christian Gneuss, no NDR.
- Os negros se encontram há cinquenta anos na Praça Onze, apresentam suas danças africanas, coroam seus reis e mostram seus animais totêmicos.
- Jäcki pensa animais totêmicos.
- Hoje as escolas de samba menos chiques, as miseráveis desfilam na Praça Onze.
- Também aqui há barreiras por toda parte.
- No meio da praça, o júri.
- A escola de samba se aproxima.
- O cantor vai até o microfone e canta o samba-enredo da escola, várias vezes e sempre de novo, até ela terminar o desfile.

- Agora o diretor da escola de samba fala para o júri e elogia a própria bandeira bordada.
- Ele assovia para que os dançarinos se aproximem e eles tremem diante do júri, localizado mais acima, fazem reverências, olham para o alto enquanto fazem a reverência, levantam a barra de seus vestidos – trabalho diligente! Vestido branco, lantejoulas brancas e algumas lantejoulas tingidas suavemente.
- E depois um assovio os manda para longe outra vez.
- Carroças com macacos de papel machê, um tigre amarelo de papel machê, a cobra em torno do planeta também de papel machê.
- Um aleijado dirige a bateria.
- Ele é levado em sua cadeira de rodas até o júri para ser louvado.

Jornais:

A polícia militar dispersou centenas de sambistas que haviam se juntado aos magotes diante do prédio do IPEG à espera dos resultados.

Três pessoas foram feridas a tiro.

24 tiveram de ser hospitalizadas com ferimentos e sinais de envenenamento devido ao gás lacrimogênio.

Os sambistas estavam armados de pistolas.

1.000 prisões no primeiro dia de carnaval.

60 graus ao sol.

O carnaval mais quente da história do Brasil

16 assassinatos

89 mortos

17.732 hospitalizados.

131 acidentes de trânsito.

37 batidas de trânsito.

306 assaltos.

31 tiroteios.

30 facadas.

Uma tentativa de suicídio.

4 queimaduras

37 intoxicações com éter

576 quedas.

3.445 ataques de insolação.

24 mordidas.

O Instituto Médico Legal registrou cento e um cadáveres de sábado à terça-feira.

Jornais:

Em Belfort Roxo, a polícia encontrou o cadáver de um crioulo com nove ferimentos a bala calibre 45.

Sinais de tortura e espancamento.

Mais uma vítima do Esquadrão da Morte.

Jäcki tem a ideia de recortar e fazer uma colagem com o samba da Em Cima da Hora e da Mangueira.

Para Peter Ladiges

Ele o distribuirá a dois cantores.

- O ouro dos escravos
- O ideal dos primeiros conquistadores
- Na época do Brasil Colônia
- Era tão alto
- Brilha nos anais da história
- Porta-bandeira de um orgulhoso –
- Que nós apresentamos nesse carnaval.
- E progresso bem pensado
- Livre no campo, na montanha ou à beira do mar
- No tamanho gigantesco de nossas florestas, cataratas, cascatas
- O índio bronzeado não podia ser escravizado
- Fontes de uma riqueza natural
- Enquanto o negro suportava seu martírio.
- Tesouros foram desenterrados, onde imperava o ouro.
- E sem parar trabalhava nas minas de ouro.
- Os comerciantes exibiam seus brasões nos salões elegantes.
- Ele sobreviveu a toda a crueldade.
- Honra

- Oh, como o negro sofreu!
- Esse bravo conquistador
- Ô, ô, ô, lará, lará, lará, rá, rá, rá!
- Que lutavam por um ideal
- Só o negro trabalhava com seus braços
- E os que conseguiram
- E mais tarde foram libertos pela Lei Áurea.
- Pilhar as riquezas coloniais do Brasil.
- Peter Michel Ladiges entende com exatidão o que quero dizer.
- Isso eles simplesmente transformam em poesia:
- O ouro dos escravos.
- Livre no campo, na montanha ou à beira-mar.
- Com isso ninguém seria aprovado no colóquio literário.
- Pilhar as riquezas coloniais do Brasil
- Impossível.
- Mas aqui.
- Peter chama isso de: A Dialética do Fato.

Na Central do Brasil, chegam trens lotados de rococó de *nylon*.

Uma Versalhes de plástico impera no saguão da estação

Jäcki e Irma sentem sede em meio aos cheiros de abacate doce, éter, pelo de gato, Je reviens, urina e estramônio

Eles bebem suco de maracujá na banca de frutas.

E outra vez o homem gordo e marrom, de calção branco, que pela quinta vez desce a escadaria até a passagem subterrânea ao lado de Jäcki e Irma.

Jäcki ouve os gritos do ladrão de galinhas.

Um homem apresenta um monstro.

Uma cabeça gigantesca feita de lençóis com asas no pescoço.

Um garoto mora dentro da cabeça

Da boca do monstro, sai uma mão com um maço de Marlboro.

E logo em seguida já vem a polícia.

O apresentador mostra todo seu fervor.

Ele diz frases amistosas.

A polícia nem sequer precisa intervir logo de cara.
O homem se vai por si mesmo levando o monstro e desaparece em direção
ao Morro da Providência.
Morro da Providência.
Dois homens viram estrelas um diante do outro
Fazem pontes, uma sobre a outra
Saltam alto
Sobre as mãos.
De pés erguidos, eles ficam em pé um diante do outro.
Dois repuxam as cordas de instrumentos musicais do Nilo.
Arcos esguios com cabaças de ressonância, cascas de coco.
Como os que Jäcki viu nos túmulos de Tebas.
O instrumento musical se chama berimbau
A dança, capoeira.
No império, ela era dançada com navalhas entre os dedos dos pés.
Os tocadores de escravos não tinham a menor chance com os que cami-
nhavam sobre as mãos.
Eles cortavam os rostos deles com os pés.
Jäcki ouve os gritos do ladrão de galinhas.
Índios se amontoam sobre as escadarias.
– Onde termina o Mato Grosso, onde começam as *Mothers of Invention*.
Penas de aves de um metro de comprimento.
Garotas de revista
Pássaros humanos
– Penas de pavão bem no traseiro e esporas bem nos cotovelos, dizia vovô.
– Lampião e seus companheiros tiveram as cabeças cortadas e preservadas
em latões com lysol
– O exército os exibia por dinheiro nas praças centrais.
Tridentes no cabelo, colados com pedaços de tijolo e espelhos
Garças e lagartixas gigantes pendem como espólio de caça sobre as costas,
couraças de tatus
Os africanos carregam escudos de crocodilo.

Boa constrictor, grossa como um braço em torno dos braços.

Viva.

Que tentam se enrolar e sufocar.

Os índios levam lagartos pela coleira como se fossem cães-salsicha.

– Caribes negros do Amazonas ou será que se pode alugá-los no Teatro Municipal

– Eu estou precisado, diz Jäcki

Lá embaixo está o negro rococó de cabelos empoados de branco e com a lira sobre as costas.

Um imperador de lantejoulas acena ao lado da caixa para o papel higiênico da casinha

O bandoleiro Lampião, com o rosto sonhador, deixa um raio dourado varar de seu trambolho

O Obá de Benim tem de esperar.

Centenas de feições da história brasileira de falso brilhante seguram seus troncos brancos, marrons, vermelhos, cor de cacau nas quedas d'água de Villeroy & Boch.

Jäcki ouve os gritos do ladrão de galinhas.

Diante da estação, ao primeiro raio do sol, os homens se levantam assustados do colo de seus sonhos.

Um fantasiado de bispo se ajeita na quina da calçada, que lhe serviu de travesseiro.

Irma e Jäcki seguem a pé pelo asfalto amolecido pela dança, de volta ao Hotel Copacabana Palace.

Tomam banho de mar às seis horas da manhã.

Mergulham.

Corpos de peixe na última voluta estreita da onda, antes que se quebre.

21.

Jäcki se lembrará para sempre de duas cenas.

Talvez elas sejam casuais.

Talvez um comportamento assim – Jäcki o chamaria de gracioso – também seja típico, e talvez ele pudesse ter dado de cara com ele logo três ou até cinco vezes ao final de sua primeira visita ao Brasil.

Jäcki e Irma comem feijoada, entre os prédios em meio ao gás de escape de Copacabana.

Chegam dois garotos famintos, belos, bem nutridos, com pratos de papelão, e pedem um pouco de feijoada.

Irma e Jäcki querem dar a eles todo o resto.

Com o gesto de uma mãe habituada à miséria, o mais velho dos dois pega sua parte.

Ele deixa a metade dos pedaços de carne para Irma e Jäcki.

Jäcki pensa no bufê de Raddatz.

Como os três filósofos da esquerda se precipitaram sobre a lagosta e o caviar, jogando as cascas vermelhas atrás de si, contra a parede.

Jäcki diz às crianças que peguem tudo.

Todo o resto.

Que foto que isso daria, pensa Jäcki.

Apesar de seu fascínio por fotos, ele pede a Irma, que tem sua Leica consigo, que não registre o momento.

22.

Tempestade.

O rádio anuncia ventos cuja velocidade chega a 50 quilômetros por hora.

Falta luz.

Os bueiros entopem.

O trânsito para.

A praça da Central do Brasil é um lago.

Nenhum ser humano, gato, cachorro ou rato pode ser visto.

Bares inundados.

A água sobe à entrada dos prédios.

Quem ousa sair, escapa do esgoto para a ducha.

Carros afogam.

Cadáveres de rato passam nadando.

– Meus filhos não estavam parados aqui.

– O senhor precisa cavar mais abaixo.

Demora horas.

Os que estão à espera sobem um degrau após o outro.

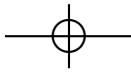
Um casal de amantes passa abraçado sapateando em meio à lama – até os joelhos no meio da inundação.

– Eu me chamo Válder Nascimento.

– Minha mulher e meu filho foram enterrados pela lama e arrastados embora.

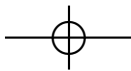
– Tudo que sobrou do meu barraco é uma máquina de costura elétrica, um rádio de transistor e os óculos da minha mulher.

– O que vou fazer com isso agora.



23.

De volta, sobrevoando o Saara.
Aos primeiros raios da aurora, como um delta rosa infinito
Rios amarelos.
Lamas acinzentadas.
O sol se levanta.
Tudo para.
Mar de areia.



II. La Double Méprise¹

1. Provável referência indireta ao romance *O duplo engano* de Prosper Mérimée. Sutilmente, Hubert Fichte oferece uma chave interpretativa para o seu comportamento, já que o romance do autor francês trata da traição conjugal de uma mulher inatacável, que mais tarde fundamentaria a história das ainda mais conhecidas *Madame Bovary* de Flaubert, *Anna Kariênina* de Tolstói e *Effi Briest* de Fontane. (N. do T.)

1.

Jäcki sacudiu o portão do jardim.

Algumas ripas pregadas de través como em um jardim improvisado, preso com uma corrente a um tronco de árvore.

Esta era a entrada que levava ao papa da Baía de Todos os Santos, a Roma negra, onde havia uma igreja para cada um dos dias do ano.

Trepadeiras, varas encobrem a casa.

Sacudir de nada adiantaria.

Se Jäcki quisesse fazer barulho suficiente ao sacudir, a fim de se fazer perceber lá atrás, ele teria de arrancar o portão inteiro dos gonzos

Jäcki teria de chamar em voz alta, coisa que ele odiava.

Ele considerava chamar em voz alta em uma propriedade desconhecida um verdadeiro ataque.

Tocar a campainha, bater, ainda se podia evitar.

Chamar em voz alta era para ele algo como o chamado dos pais no bairro de Lokstedt, em Hamburgo

A obrigação era obedecer.

Jäcki chamou em voz até bem baixa.

Ele aliás estava ali a contragosto.

Esperava que o papa não o ouvisse.

Que o papa ficasse nas cucuias onde estava

Como a avó de Jäcki diria.

E então ele veio.

Improvável que ele tenha ouvido as sacudidas de Jäcki no portão e seu chamado em voz baixa.

Será que o papa ficava espiando a chegada de visitantes através das gavi-nhas?

Um homem grisalho alto e nu

Vestido apenas com um pano de batique de impressão industrial dos quadris aos pés

O papa se curvou prontamente à corrente e ao cadeado, prontamente demais para um proprietário que garante a segurança de seu terreno em uma favela, e aquilo ali na Liberdade não era algo muito diferente de uma favela, apenas com um cadeado.

O portão se abriu e Jäcki gaguejou algo sobre escritor, Institut Français, revista Spiegel, cultura, cultura afro-americana ante o rosto lívido do papa. Com uma cortesia que apenas libertou Jäcki de sua confusão, o papa, V., que, segundo se dizia, às vezes também era chamado de Baba, o conduziu para sua casa, para seu escritório de trabalho.

Poeira.

Poeira avermelhada sobre o chão, sobre o congelador, sobre a coroa de louros e sobre a vassoura pendurados à parede, sobre o colchão, sobre a mesa.

As folhas do único ficheiro que se encontrava numa caixa de sapatos em cima da mesa estava coberta de poeira avermelhada.

Os ovos, seis, sete ovos sobre a terceira cadeira, todos cobertos de poeira. Apenas o couro da cadeira diante da mesa, que se encontrava diante do ficheiro, estava polido e brilhante

O papa apontou uma cadeira a Jäcki e sentou-se ele mesmo diante do ficheiro.

Ele não tem o rosto de um fotógrafo conhecido mundialmente.

Fotógrafos têm rostos mais esculhambados, pensou Jäcki.

Ele também não tem o rosto de um pesquisador. Louis Trenker. Ou Darwin.

E muito menos o rosto de um crente, de um louco.

Abbé Pierre. Mater Caecilia. Hans Henny Jahnn. Antonin Artaud.

Ele tem o rosto de um comerciante, do gerente da firma de seu pai.

Esta parte de sua biografia ele expressava.

Um homem rico, que mantém plantações de café sob o encargo de um parente rico, pastagens de gado.

Ou uma tipografia de tecidos em Lyon.

Jäcki contemplou o papa:

O crânio alongado com os cabelos ralos,
poderia ser um hamburguês, um sueco, havia algo de Eric Jacobsen nisso.
Os olhos esverdeados.
Olhos que não foram despertados.
Até poderia ser um antropólogo, que mede a dimensão de crânios.
Mas o representante secreto de três culturas?
O representante da África na Afro-América, que levara de volta, num voo,
as pedras da deusa Iemanjá, Oyá¹, Nanã ou que pedras que fossem, como
Baba, até o Abó de Abomei?
Civilização e sifilização?
Bicontinentalidade e bissexualidade.
Jäcki contemplava o tronco desnudo do velho homem.
O bronzeado não lhe dava mais a aparência de um *playboy*.
Os braços magros de alguém que só ergue mais as fichas de um fichero.
Os pelos grisalhos e desgrenhados de suas axilas
Os mamilos de um violeta apagado
E rugas de Buda.
Que no entanto só parecem sábias em corpos gordos.
Em homens magros, elas pareciam a Jäcki expressar algo de feminilidade
villoniana.
Os olhos, a boca ausente,
a pele do rosto barbeada impecavelmente.
Claro.
O papa lembrava Mater Caecilia a Jäcki, Mater Caecilia que se masculini-
zou no trabalho escravo na jeira do diretório do orfanato.
E Jäcki se perguntou se não havia encontrado seu tema ali:
O velho etnólogo, o francês da melhor sociedade, e o jovem, o garoto do
porão, que se disfarçam devotamente, como no desenho de Klee.
Jäcki que avalia o papa de modo inclemente, com irritação, quase com
ódio.
As duas gerações de tias na Roma negra, que giram uma em torno da outra
para se aniquilar.

1. Fichte escreve Oya. (N. do T.)

Três continentes e as diferentes formas de conquista não se deixam representar em partículas.

– 900 partículas são partículas demais e não são mais do que 3 horas de programa para Christian Gneuss.

3 horas de programa são 90 páginas.

– A velha travesti e o jovem, disfarçados de etnólogos que fogem para os pretos

Jäcki pensou pretos, porque se podia pensar mais rapidamente do que africanos, afro-americanos.

Nisso, três continentes podem ser projetados em imagens individuais, que passam tão rápido a ponto de resultarem em movimento, como filmes sobre a tela

– Isso é um tema?

– Isso é o romance?

– Adeus vida?

– Bom dia, linda marmelada?

2.

Tudo começara há dois anos nos saveiros da Baía de Todos os Santos.

Os gigantes negros empoados de branco com farinha, que carregavam sacos de cereais debaixo de velas cinzentas por causa da idade e da intempérie.

Eles vinham da Ilha de Itaparica até ali com arroz e trigo e canjica.

Lá, os deuses dos mortos ainda são adorados. Apenas lá os Egunguns da África, que se movimentam em suas roupas assassinas através da comunidade.

Os crentes se dispersaram, indo embora.

Quem é tocado pelas franjas da morte morre de tantas ulcerações na pele.

Nas quadras de pedra do porto da Baía de Todos os Santos, os moradores da Ilha da Morte estendem a farinha para o alto.

E também frutas, vagens, nozes, vagens de pimenta e grãos de pimenta preta.

Eles juntam as mercadorias em montinhos, os montinhos em mosaicos

Peixes amontoados de barbatanas coloridas, peixes que em Hamburgo apenas nadam em caras lojas de aquários

Irma fotografou de pé com a Mamiyaflex.

– Se ela não calcular bem a paralaxe, seus pés também aparecem na foto.

– Seria preciso fazer tudo com mais cuidado, disse Jäcki.

– Como assim, com mais cuidado?

Eu não sei fazer com mais cuidado do que tentar, a cada foto, bater a minha melhor foto.

– Voltar depois de um ano de um país distante com oito fotografias.

– O que quer dizer isso.

– Isso você expressou certa vez como sendo objetivo de um fotógrafo artístico.

– Quando?

- Quando nós nos conhecemos.
 - Não me lembro mais disso.
 - Está vendo. Nós nos tornamos tão banais que não nos lembramos mais de nossas posições de partida, disse Jäcki e riu.
- Irma não riu.
- Com mais cuidado, eu quero dizer, recomeçou Jäcki.
 - Durante um ano. Viver primavera, verão, outono e inverno na Baía de Todos os Santos, com apartamento, máquina de café e escrivaninha, e conhecer cada uma das 365 igrejas ao longo do ano, construir a cidade em um livro estruturalista de fotografias, da poeira branca sobre a pele cor de cacau até as franjas mortais dos espanadores de pó ambulantes.
 - Os Egunguns
 - O que são os Egunguns
 - Os deuses dos mortos.
 - De onde você sabe disso?
 - Do livro de Pierre Verger.
 - Ali eles aparecem fotografados.

Como uma fotógrafa e um jornalista conseguiram arranjar, em 1969, o dinheiro para viver um ano na Bahia.

Jäcki calculou que seriam necessários 60.000 marcos. Destes, dez mil para dois meses no Chile, pois ele também queria conhecer o Chile.

Allende ganhara as eleições.

Rowohlt continuava pagando 1.500 marcos por mês.

Um pouco do dinheiro da “Palette” ainda restara.

Isso já dava 20.

Peter Faecke do canal WDR arranhou mais 20.

Já dava 40.

O NDR deu cinco, o SWF deu cinco e o Zeit deu cinco.

Isso dava 55.

Com aluguel e material fotográfico, eles precisavam de 75.

Continuavam faltando 20.

E a viagem.

Irma também esperava ganhar 10 em honorários.
E a revista Stern lhe pagou 5 de adiantamento.
Mas nesse caso Jäcki deveria providenciar o texto
Continuavam faltando dez.
Além disso, Jäcki não queria escrever para a Stern.
Para o jornal Zeit ainda dava, em último caso.
Ele já recusara a revista Spiegel.
Mas para a Stern?
Jäcki podia muito bem imaginar o texto que eles estavam esperando.
E esse texto ele não queria escrever.
Quer dizer, voltavam a faltar quinze.
Jäcki ligou para a revista Spiegel.
Não era com o diretor, com Augstein, que ele conhecia de festas na casa de Rowohlt e de Raddatz, que ele brigava por causa da política da revista Spiegel em relação aos homossexuais, Augstein, que lhe disse coisas bonitas sobre seus textos acerca do Grupo 47 ante o caviar servido por Raddatz.
Jäcki também não ligou para Gauss, o novo redator-chefe, que havia sido seu redator-chefe no canal Südwest, Jäcki afinal de contas não pretendia escrever uma coluna na Spiegel como escritor, por um salário de escritor, ou seja 2.
Jäcki queria trabalhar por 5, como repórter, se fosse o caso, e contar tudo sobre o Brasil inteiro, quem sabe até por 10, quem poderia saber.
Jäcki ligou para o chefe dos correspondentes no exterior, o pálido Dr. Wild, e este logo disse sim, e também concordou com os 10
E um ensaio ilustrado
E fotografias de Irma
E Jäcki poderia dizer não à Stern, que queria engoli-lo, comprar mais barato às dúzias, e bem embaladinho ainda por cima.
Mas para Irma, como fotógrafa, a Stern naturalmente era melhor.
Dez páginas duplas de fotografias ou algo assim.
Irma mencionada como fotógrafa.
Uma fotógrafa que a Stern pagava.
Desde que a Life morrera, a Stern era considerada a melhor revista ilustrada do mundo.

Se Irma tinha lutado com a Stern pelos direitos de soberania de Jäcki, agora Jäcki lutava pelos de Irma com a Spiegel.

E começou uma sucessão infinda de telefonemas, chamadas, respostas, entre a direção e o editor, e por fim o conselheiro jurídico disse que a Spiegel inteira admirava Jäcki, porque ele era assim tão *tough*, o conselheiro jurídico disse realmente *tough*

Jäcki disse, meio judeu, não sou *tough*, quero que Irma seja mencionada como fotógrafa.

Mas é óbvio que sim

Na Spiegel não.

Wild ligou ainda uma vez e comunicou o quanto o editor, e esticou o “e”, se alegrava com o fato de tudo enfim estar em pratos limpos.

Jäcki se sentiu um publicista político

E continuavam faltando cinco.

Dulu deu três

E Jäcki se esqueceu de um honorário repetido.

Eles podiam viajar, pois

E festejaram a despedida com Peter, comendo ostras no Cölln.

Mas Peter fizera confusão, porque sua namorada estava no hospital para uma terapia de desintoxicação de Veronal.

E Peter chegou completamente nervoso.

As ostras estavam quentes.

No táxi, Jäcki calculou tudo mais uma vez e esqueceu os cinco do Zeit, e sentiu algo como um pano quente na nuca e já queria dar meia volta, mas então calculou mais uma vez e se acalmou.

De modo tão desordenado, Irma e Jäcki jamais haviam partido.

Em Frankfurt, revista completa pelo corpo inteiro devido aos sequestros de avião

Marlon Brando dissera no aeroporto de Miami

Este é o avião para Havana, quando subira no avião para Nova York.

Hans Magnus Enzensberger dera uma bofetada num funcionário de segurança do FBI.

Reinhard Lettau queimou um jornal Bild.

Jäcki vê Tanger lá embaixo, Rabat, Agadir

O cheiro de pântano em Dakar eles já conheciam.

Contra o medo, Jäcki toma Baldriparan, um comprimido à base de valeriana, lúpulo e melissa.

Irma toma Valium.

Jäcki acha isso exagerado.

Jäcki inclusive dorme.

Pela manhã, outra vez as nuvens em forma de torreão, o Pão de Açúcar de novo, as construções sobre estacas vistas de cima, manchas de óleo na Baía de Guanabara

O cheiro de esgoto e gasolina diferente do Rio.

Jesus Cristo do epígono de Aznavour, que agora resmungava menos e tinha um nome, Roberto Carlos.

Jesus Cristo, sim, ter fé estava virando moda.

Outra vez o matinho de bambu.

Outra vez Hansen Bahia.

Uma casa chique na floresta de cocos, junto à praia

Com pessoas chiques na noite de Ano Novo.

Tudo funcionárias lésbicas do consulado, que ficavam se agarrando a Irma.

O homem da Magirus.

Um industrial holandês.

Um diplomata americano.

Num círculo desses a gente entra, pensa Jäcki, quando se abre caminho, depois de 45, nos anos da fome, como cortador de lenha, entalhador de madeira, visivelmente na esteira de Grieshaber, ao Novo Mundo, e passa a se chamar segundo a cidade da Baía de Todos os Santos

Simplesmente Hansen Bahia.

Tudo arranjado com o maior bom gosto

Tapetes grandes e redondos de pelo de macaco de Haile Selassie.

Quadros de pergaminho da Etiópia – e dos bons, do passado.

Estátuas de santos do Brasil.

Dádivas votivas umbandísticas¹ do Amazonas.

1. No original, “umbistisch”, palavra que não existe em alemão; provavelmente “umbandistisch”. (N. do T.)

O piso do banheiro feito de azulejos quebrados
E o quarto um milagre em tule.
É a casa de maior bom gosto que Irma e Jäcki poderiam descobrir em viagens para as revistas Domus e Schöner Wohnen.
Requintes de três continentes.
Embaixo, a sala de impressão.
Mordomo e criados e motorista, gambás, macacos e uma jaula
Se isso tudo se encontra nas grandes gravuras do mestre, que vendem bem no Brasil e em Brasília e agora também em Hamburgo, nas galerias Commeter e Von der Höh, é só porque vêm de Hansen Bahia, da Bahia.
Jäcki não consegue dizer nada que seja assim mais simpático a respeito do assunto.
Ele é assaltado por todo o horror dos anos ruins que salta das gravuras impressas em papel caríssimo.
Todos aqueles Grimm e aqueles Hofer e os Pechstein e os Grieshaber e os Rottluff, Jäcki ficou completamente melancólico por causa deles, não pôde mais ser ajudado nem mesmo pelos tapetes de macaco de Haile Selassie.
O céu sufocante de Hamburgo grudava também na tinta negra impressa de Hansen Bahia, na Bahia.
E ele havia sido um inimigo.
Rosa, como ele próprio se chamava.
Acabara saindo.
Circulava no prostíbulo.
Falava francês.
Mas os corpos sem vida sobre seus entalhes em madeira não ganharam asas por causa disso.
A estilização dos rostos, das mãos, coxas, escrotos pareceu cínica a Jäcki.
Era arte da assembleia do partido imperial feita nas catacumbas, como Nolde, como Schmidt-Rottluff, pensou Jäcki
A resistência do igual contra o igual.
Apenas os nacional-socialistas não sabiam disso quando queimaram os quadros, e os pintores também não sabiam de nada, pensou Jäcki
Injusto, injustificadamente simplificador,
Jäcki – ele admirava, exceto nas gravuras,

o bom gosto do gravurista – e não conseguia suportar Hansen Bahia.

Hansen Bahia obrigava todo mundo a uma visita ao prostíbulo na Bahia. O diretor do Instituto Goethe, Rolf Italiaander, Philip Mountbatten, ele teria arrastado até mesmo Goethe ao prostíbulo

– A consulesa austríaca por certo gostaria muito de ir comigo ao prostíbulo, disse ele.

– Mas eu não quero.

Assim se fala, quando se vem da guerra, em 1945, emigrando apenas com uma mochila de Hamburgo e se decidindo pela Baía de Todos os Santos.

– Eu sou Rosa.

– Na Bahia se tortura.

– O que eu posso fazer.

– Os instrumentos de tortura são levados de um quartel militar a outro

E o industrial holandês na noite de Ano Novo:

– Acho certo que os ladrões sejam torturados.

– Com assassinos a coisa é diferente,

– Mas assassinos na verdade não são torturados.

– Se vejo um ladrão em minha propriedade, tenho o direito de matá-lo com um tiro.

– Eu não matei o assaltante que invadiu minha casa, mas o entreguei à polícia.

– Ele não recebeu nada de comer durante dois dias e foi tão espancado que não tinha mais costas.

– Ele vai assaltar de novo.

Hansen Bahia continua dando notícias de suas amigas, as prostitutas:

– Preservativos nem sequer existem por aqui.

– Todas elas já têm sífilis mesmo.

– Os irmãos de São Francisco alugam os quartos para elas.

O diplomata:

– A nós, os americanos, fazem as acusações mais ridículas por aqui

– Quando fazemos uma campanha de vacinação, espalham que estamos querendo esterilizar os homens brasileiros

- Nossa política externa é tão ruim porque ninguém entre nós se interessa por países desconhecidos.
- O senhor acha que alguém entre nós saberia, há alguns anos, onde fica o Vietnã?
- Rockefeller como enviado do Presidente dos Estados Unidos à América do Sul.
- O senhor sabia que Rockefeller possui um terço da Union Minière, e com isso teve participação decisiva no conflito do Congo?
- Rockefeller é dono de uma fazenda na Venezuela que é maior do que a Kings Farm, e ainda há pouco adquiriu uma fazenda ainda maior no Amazonas.
- Eu não sabia que no Brasil se torturava.
- Não existe resistência armada no Brasil
- Nós poderíamos tomar o país.
- Mas conforme o senhor vê, nós não o fazemos.

Hansen Bahia:

- Eu disse à rainha da Inglaterra..
- Eu disse à senhora Pferdmenges que esse papagaio também sabe dizer Cuzão..

Eu disse ao embaixador von Holleben..

E aos poucos, por volta da meia-noite, ela vai aparecendo, nas conversas, no uísque, nos tapetes de macaco, nas impressões gráficas, e se mostra cada vez mais

A família baiana.

O poeta, o cantor, o gráfico, o alemão, o político, aqueles que se entusiasmavam com uma nova cultura no novo mundo, e Pierri, o misterioso Pierri,² o rico, o fotógrafo Pierri, que levou Hansen Bahia junto consigo para a Ilha de Itaparica à procura dos deuses dos mortos, os Egunguns, o espanador de pó falante com suas franjas envenenadas.

Pierri, do qual ninguém consegue se aproximar.

2. Logo se verá que Hubert Fichte se refere a Pierre, Pierre Verger. Provavelmente, Fichte queira ironizar, com a grafia, a pronúncia brasileira do nome francês – que transforma o “e” final em um “i”, porque na pronúncia alemã a tônica, apesar do final em “i”, permanece na primeira sílaba: piérri. Leia-se, pois, “piérri”. (N. do T.)

Pierri, o qual ninguém sabe onde mora.

– Nem mesmo o senhor, diz Hansen Bahia a Jäcki, protagonizando mais uma vez a vingança antecipada do alemão diante do alemão no estrangeiro

– Também o senhor não vai descobrir onde ele mora.

– E mesmo que descobrisse.

– Ele não vai nem sequer receber o senhor.

Por toda a parte onde Jäcki chegava, sempre Pierri.

Jäcki alugou uma casa semi-pronta não muito distante da praia.

Pierri

O senhor conhecer Pierri.

Com o príncipe comunista dos poetas com entrada de serviço:

– O senhor já esteve com Pierri.

– Com o cego Dom Clemente no Museu de Arte Sacra:

– O senhor deveria ir até Pierri.

No restaurante folclórico em que Sartre está pendurado à parede:

Pierri

No Novo Continental

Onde Sartre não chegou.

Onde os sacerdotes do candomblé festejam seu patronímico comendo siri mole, vatapá, efó, com azeite africano

Azeite de dendê³

Pierri

No Instituto Goethe.

Djalma, o caboclo de esquerda:

– O que o senhor conhece sobre a religião dos pretos.

– Isso o senhor não pode avaliar.

– Avaliar eu realmente não posso, diz Jäcki.

– Mas posso ver, ouvir, cheirar

– Eu posso tocá-los.

– E eu consigo ver a energia, a beleza, a alegria, a *pop art* dos pobres, isso um dia veio de *popular art*, por certo consigo perceber sua revolução

3. Hubert Fichte grafa “dendé”, “siri molé” etc. (N. do T.)

A superfície me basta. A ordem dos materiais no porto.

Não quero conteúdos.

– O senhor não reconhecerá nada. Caso o senhor não estiver dentro do sistema deles.

– Eu posso foder com eles

Mas isso acaba assustando o diretor progressista do Instituto Goethe.

– O senhor nem sequer tem ideia quando fode com um.

– Eu quero participar do banho de sangue.

– Isso eu sei, quando não temos o banho de sangue não temos coisa nenhuma.

– O senhor não vai conseguir o banho de sangue.

– E mesmo que conseguisse.

– Se o senhor não fizer a iniciação não vai ficar sabendo de nada.

– Se eles não incrustarem algo no cérebro do senhor, não vai ficar sabendo de nada.

– Ainda que eu seja obrigado a apagar minha memória para recordar alguma coisa.

– Eu não vou fazer iniciação nenhuma.

– Não quero apagar os pontos de vista. Nada de puxar o saco.

– Eu observo.

– Eu escrevo.

– Se o senhor não participar, não vai poder saber de nada.

– Se eu participar, perco minha memória, conforme o senhor diz, e não poderei mais escrever.

– O senhor não tem a menor ideia.

– Vá até Pierri.

Rosenberg, o fotógrafo, supostamente pagara 1.000 dólares pelo banho de sangue.

– O senhor nunca vai conseguir, é melhor ir até Pierri.

Jäcki visita a igreja de São Francisco.

A irmandade é dona das escadarias do Pelourinho.

Aquele que pregava aos pássaros.

Em vez das flores do campo, miosótis, violetas, íris, bocas-de-leão, uma
parede de ouro. Uma nave de igreja dourada.

O ambiente inteiro cintila debaixo das tripas barrocas.

Vísceras que ficaram paralisadas em ouro.

Pierri

Também o atendente da igreja fala de Pierri

Pierri Pierri

Sempre Pierri

Pierri pareceu a ele como o papa.

O papa negro.

O branco como papa na Roma negra.

Então Jäcki acha que já é demais e, para se livrar do eterno Pierri, decide
procurá-lo.

Ele vai ao escritório de informações turísticas.

O homem treme um pouco antes de lhe entregar o endereço.

Jäcki pega um táxi.

Sobe o morro da favela.

Primeira à direita.

Ele está diante do portão do jardim

Chama duas vezes.

Não foi nem um pouco difícil.

3.

Verger não era nem um pouco reservado.

– Um desses eruditos ou escritores que por falta de tempo ou suscetibilidade se retiram para o meio de um labirinto e ficam sozinhos, cada vez mais sozinhos por lá, e esperam, recusando a visita de todos, ávidos, até que enfim alguém chega

E então se mostram prestativos, sim, quase tagarelas.

– O senhor quer, pois, estudar as religiões afro-americanas durante um ano na Bahia

E Jäcki sentiu como foi encolhendo diante do papa.

Ele se apresentou, como muitos que chegaram se apresentaram durante os anos em que Verger estudou as religiões afro-americanas.

Estamos na Bahia para ficar 14 dias e queremos estudar as religiões afro-americanas.

– Eu cheguei à Bahia há 28 anos.

– Como fotógrafo.

– 1943.

– Sim.

– Uma data engraçada.

Jäcki nos bombardeios de Hamburgo.

– Paris ocupada.

– Marcel Jouhandeau encontra Ernst Jünger.

– Jünger banca o Nero.

– Jean Desbordes é torturado até a morte pela SA em um banheiro.

Jäcki imagina Verger, um homem em torno dos trinta, de câmera de placas e potes de revelador, que desce de um pacote à terra na Bahia.

– Minha mulher é fotógrafa.

– É. Ela também veio para cá?

- Sim.
 - Ela também quer fotografar o candomblé.
 - Sim.
 - Oh.
 - Eu não fotografo mais.
 - Quanto mais fundo se vai, tanto menos se fotografa, isso o senhor vai perceber.
 - Sim, diz Jäck, com certeza seria possível desenvolver uma etnologia para estudar os etnólogos.
 - Pergunta-se cada vez menos
 - No fim das contas, nem se pergunta mais.
 - Na minha última passagem pela África eu me limitei a controlar alturas de tom.
 - Como?
 - O iorubá é uma linguagem de tons.
 - A sílaba tônica muda o sentido das palavras.
 - Três meses só para botar os acentos.
 - É disso que tudo depende quando se quer de fato aprender alguma coisa.
 - É o que por certo também se teria de fazer caso se quisesse compreender algo de Homero e Hecateu!
 - Como? Claro que sim.
 - O senhor veja, os iorubás sabem com exatidão o que fazem.
 - No decorrer de quase 30 anos eu registrei todas as plantas que são usadas pelos iorubás em seus ritos, aqui e lá.
- Isso aqui.
- É esse ficheiro.
 - Não uso mais caixas de papelão, mas corto folhas A4.
- Isso economiza espaço e dinheiro.
- As plantas de dois continentes nas folhas amassadas do papel brasileiro, esgarçadas nas extremidades pelo abridor de cartas ao serem cortadas.
- Folhas sobre folhas
- Se o senhor quiser ter algo a ver com plantas, a primeira coisa a fazer é montar um herbário.

- Pelo amor de Deus.
- Amassar folhas no livro escolar entre Storm e Caesar Flaischlen Schmeil-Fitschen
- A melhor coisa é papel jornal.
- Mas preste atenção para conseguir trazer junto as raízes e as flores, e na medida do possível também as frutas.
- Isso termina então nessas múmias de museu horrorosas que acabam se decompondo em algum armazém.

Só se faz tossir e não se pode mais reconhecer planta nenhuma a partir disso, apenas os insetos que fazem seus ninhos dentro delas.

- O senhor fará experiências interessantes com as plantas.

Basta dizer o nome a um informante e ele trará três diferentes variedades.

Ou na Bahia uma planta tem um nome diferente do nome que tem no Rio ou em Recife ou até mesmo em São Luís do Maranhão ou no Amazonas.

Ou o mesmo nome designa diferentes plantas em diferentes lugares.

O senhor se vê diante das plantas.

Vai viver coisas engraçadas.

Pode, por exemplo, conseguir a receita para deixar alguém louco

E as plantas nem sequer foram cadastradas ainda.

Dois terços de todas as plantas brasileiras nem sequer foram cadastrados ainda. Na África, não existem nem mesmo herbários.

Aqui!

Verger sacode a caixa de sapatos com seu ficheiro

Ele bate a poeira vermelha das folhas sobre as quais as folhas foram decalcadas em tinta.

- Para cada planta existe uma ou mais fórmulas mágicas.

Sílabas mágicas que estão embutidas no nome da planta.

Uma sílaba modifica o efeito da planta

Se a sílaba necessária não está presente no nome da planta, o nome é mudado.

Ou se pega uma outra planta.

- O nome muda o efeito químico.

Verger ergueu os olhos, um tanto incomodado.

- Por assim dizer, ele não pôde deixar de dizer.
- E em que apresentações são usadas as sílabas e as plantas.
- Eu já disse ao senhor que para deixar alguém louco.
- Ou na iniciação para um determinado deus.
- Elas curam a melancolia.
- Mas para isso é preciso conhecer as entonações.
- E como o senhor financia tudo isso, pergunta Jäcki sociologicamente, ainda que ele saiba como é asqueroso falar de dinheiro nos altos círculos franceses.
- Minha Orixá e meu Vodun logo me transformaram em Maître de Recherches no CNRS.
- E assim eu ganho algum dinheiro de vez em quando.
- Eu vivo de modo muito simples.
- O senhor está vendo, aliás.
- Existem 16 fórmulas básicas
- Elas são variadas 16 vezes 16 vezes
- São as fórmulas da geomancia, segundo as quais na Europa já se fazia as previsões na Europa ainda no século 16.
- Aqui e na África são os búzios.
- A raiz comum provavelmente esteja na Índia.
- Talvez exista uma ligação com o I Ching.
- E tudo isso o senhor tem em seu caixote de bilhetes.
- Sim.
- O sonho do bilhete premiado.¹
- Os africanos sabem com exatidão o que eles fazem.
- No Brasil a *Sinea calymia* é usada em certas afecções do coração.
- Na Índia é a *Rauwolfia*
- Na África ambas.
- Eu acho que a diferença está apenas entre a *Rauwolfia vomitoria* e a *Rauwolfia serpentina*.
- Da qual pode se extrair a reserpina, diz Jäcki em voz um tanto alta.

1. Hubert Fichte faz um trocadilho com *Zettelkasten* (caixote de bilhetes) e *Zettels Traum* (nome do complexo e joyceano romance de Arno Schmidt). (N. do T.)

- E o que é isso.
 - Denicker e Delay desenvolveram no início dos anos cinquenta em Paris, diz Jäcki, de um preparado de *Rauwolfia*, a reserpina, que é usada na quimioterapia dos doentes mentais.
 - É mesmo?
 - É por assim dizer uma revolução
 - Ah.
 - Na África os búzios são jogados, diz Verger.
 - O senhor consegue isso.
 - Eu sou babalaô.
 - O que é isso?
 - Sacerdote-adivinho.
 - Iniciado por Martiniano do Bonfim²
 - E na corte real de Abomei.
 - Maravilha, disse Jäcki:
 - E o senhor acredita nisso.
 - Não,
 - A resposta veio um pouco rápida demais, pensou Jäcki.
 - Mas caso se acreditasse nisso.. acrescentou Verger, e não terminou a frase.
- Verger havia levantado de um salto e segurado o pano que levava na cintura
- Um breve movimento de serpente percorreu seu corpo, e por um instante suas pálpebras se esbateram
- como Marlene Dietrich girou as pupilas em direção ao céu
- como Hans Henny Jahnn.
- O que o senhor quer dizer com isso, perguntou Jäcki.
 - Nada, ora.
 - O universo dos africanos e dos afro-americanos, Jäcki tentava resumir etnologicamente, está, portanto, ordenado em fórmulas 16 X 16, essas fór-

2. Aqui, para se ter uma ideia da dificuldade da tradução/pesquisa, Hubert Fichte escreve “Martiano de Bomfin”. (N. do T.)

mulas correspondem a fórmulas de invocação, sentenças, palavras, sílabas nas quais as florestas, as plantas são subsumidas.

A consciência é, pois, uma árvore.

– Quando se quer dizer, na Bahia, que alguém é inteligente, se diz: Ele conhece uma folha.³

– Mas o tema precisaria de um Proust.

Verger silencia.

– Eu não tenho Proust pronto à mão.

– O senhor sabe que quando se fica sentado junto a seu ficheiro de 12 a 17 horas por dia, não se tem mais tempo para ler.

– Será que ele sabe o que faz?, perguntou-se Jäcki.

Ele poderia representar a consciência de duas partes da crosta terrestre como desenvolvimento do mundo das plantas.

O cérebro do africano como receita de jardim de ervas, como casca de noz

Ele poderia saber o que há nisso.

Ali, dentro

Os feijões do Dom Quixote de Dali⁴

Um outro conhecimento.

A consciência dos africanos

Computador como *Ars combinatoria* negra

O totalmente outro, exatamente, completamente.

Mas a etnologia pareceu a Jäcki ser sobretudo o confronto entre *serpentina* e *vomitória*.

A transformação do papiro em papel.

3. No original, “Er weiss ein Blatt”. A origem da suposta expressão e seu equivalente em português não puderam ser destrinchados; eventualmente, Fichte queira chamar a atenção para o mérito de se conhecer os nomes das folhas empregadas em rituais nas religiões afrobrasileiras. (N. do T.)

4. Provável referência ao quadro *Premonición de la Guerra Civil, Construcción blanda com judías hervidas* (“Premonição da Guerra Civil, Construção branda com feijões cozidos”), que no entanto não faz parte do célebre círculo de ilustrações do pintor ao *Dom Quixote* de Cervantes; já que feijões não puderam ser localizados em nenhum dos referidos quadros. (N. do T.)

4.

Um tanto em pânico, Jäcki arrasta Irma consigo

– Mas o que está acontecendo.

– Vem.

– Procurar condomblés

– Onde.

– Vamos pegar um táxi, ir até a Capelinha e procurar terreiros de condomblé

– Como?

– Simplesmente assim. A etnologia é como a pederastia: é preciso caminhar muito.

– Por quê?

– Tenho medo de me transformar também em uma folha em um herbário.

– Disso eu não tenho medo nenhum, responde Irma:

– E por que a Capelinha.

– Porque o nome é tão bonito.

Jäcki e Irma deixaram a casa semi-pronta que haviam alugado, foram para a rua, esperaram pelo ônibus, mas ele não veio, seus propósitos de economizar foram para o saco, eles resolveram pegar um dos táxis sacolejantes, Fuscas da Volkswagen, dos quais o assento do carona era arrancado para que o cliente pudesse embarcar com mais facilidade, um barbante para trancar a porta.

Não eram os bólidos elegantes na neblina mortal das oito autoestradas do Rio

Os Fuscas saltavam sobre o asfalto corroído de Piatã

Em busca da Bahia profunda, eixos estalando, pneus cantando

E, na maior parte das vezes, Irma e Jäcki viam um morto.

Um afogado, um desastrado, um assassinado.

Parecia a Jäcki que na Bahia se morria com mais frequência ou mais publicamente

Havia padarias que vendiam caixões de papel.

Capelinha de São Caetano era a paisagem de Jäcki.

Lokstedt, em Hamburgo.

A zona, conforme Apollinaire a teria chamado.

Onde a pequena-burguesia se desfia.

Aparecimento de Alex.

Sol – garganta cortada.

E motoristas de caminhão.

As lonjuras à beira da cidade, onde o vento vem de pântanos do Elba e da mata baixa de Niendorf.

Aqui as casinhas *fin-de-siècle* pintadas em cores berrantes

Mamoeiros ao lado de gaiolas de tábua no pátio dos fundos.

A fruta que tem gosto de meias usadas.

Esquisita, como se tivesse sido esboçada por um arquiteto manuelino.

Ali estava o morro, uma meia bola de futebol e, direto para ela, acima, a estrada principal.

Um riacho lodoso-esverdeado no meio.

– Ah sim, e todos são negros, claro.

– E eu sou branco.

Irma e Jäcki haviam se esquecido disso

Eles percebem tão pouco a cor da pele que muitas vezes falam durante horas sobre Djalma e, apenas devido às peculiaridades de seu comportamento, adquirem consciência do que se trata:

Eu sou preto.

Ou marrom.

Ou cafuzo, crioulo, caboclo,

ou o que quer que seja,

a coisa se revela, clara, veja:

Ah sim, mas Djalma é.

Sim, mas o que ele faz nas conversas de Irma e Jäcki?

Jäcki se acostumou a dizer, a pensar:

Afro-americano.

E a palavra lhe parece exatamente tão horrível, ao fim e ao cabo,
como quando entre os protestantes se fala de finados
para se referir aos mortos.

Jäcki tentou falar com uma criança em Capelinha de São Caetano

Mas isso não foi tão simples assim

A primeira saiu correndo.

A segunda começou a chorar.

A terceira ficou se encostando estupidamente a um moirão de cerca e nada
disse.

A jovem mãe não conseguiu afastar as arcadas dentárias uma da outra:

– Onde há um candomblé aqui

Ela disse:

– É

Ela está bancando a escrava, pensou Jäcki

– A abobada

– A preguiçosa

– Suja

– Limitada

Ela não entendia o que ele dizia:

– Ela provavelmente espera por frases em inglês, e tanto que nem sequer
ouve que estou falando português.

Então ela apontou, com um gesto asqueroso, para cima, para o monte.

Irma e Jäcki seguiram adiante.

– Ah sim, disse Jäcki.

– Nós somos brancos.

Havia moças de minissaias balouçantes, que haviam acabado de ser pas-
sadas a ferro e cores gritantes que apenas riam

E homens amistosos, cujos sacos escrotais formidáveis se desenhavam
debaixo de frisos de calças bem afiados.

Jäcki juntou tudo que pôde reunir em termos de sensibilidade de professor
de ginástica

E por fim acabou, mesmo assim, por estar de novo diante de um portão de ripas acorrentado e chamou outra vez e uma mulher em rechonchudas pantufas de *nylon*, camisola, rolos de cabelo no cabelo alisado abriu e disse que era a viúva. Que estava doente.

7 filhos.

Apontou para algumas moringas de argila sujas cheias de penas, ganchos enferrujados, uma bandeira em farrapos.

Ela não fez mais nada.

Seu candomblé estaria fechado.

Ela precisava fazer alguma coisa contra a pressão alta.

Será que Jäck e Irma não podiam arranjar alguma coisa para ela, da Alemanha.

Aqui. Vou ficar com isso

– Era um preparado de *Rauwolfia* feito por Ciba

– Outra vez *vomitória* ou *serpentina*.

Não era um princípio animador para os estudos independentes da cultura afro-americana que Jäck pretendia fazer.

As folhas de Verger haviam passado por cima dele.

A doente lhes indicou uma pintora, que moraria alguns passos adiante Celina Costa Rocha.

Uma senhora

Ela poderia ter sido governanta nos últimos anos do império

Aqui, agora, junto ao riacho verde.

Ela tem cinzentos olhos céticos.

Apenas pintava o que lhe pediam.

Havia 50 anos.

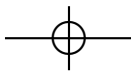
Todas as mães de santo encomendavam seus retratos com ela

Retratos de Deus, que em seguida desapareciam nas casinhas sagradas.

Ela conheceria todos. Todos os cavalos. E todos os deuses. Também um Ogum dos mares, que ficava sentado lá embaixo, em sua caverna. E o terrível índio para o qual, durante a iniciação, cada centímetro da pele é aberto com uma incisão na qual é enfiada uma pena.

– Cada centímetro.

– Cada.
– Eles transformam o pobre cavalo em galinha.
E Jäcki fareja a chance
Ali está a retratista da corte
Ela conhece mais do que o papa.
Será que ela, Celina Costa Rocha, não estaria disposta a apresentar Irma e Jäcki.
Mas a discreta teme, como todos os discretos, por sua boa fama, e diz que ela jamais daria uma entrevista.
Ela seria apenas a retratista dos deuses
Nem mesmo um retrato de si mesma ela gostaria de ver
E, com toda a amabilidade, manda os dois saírem de novo
Irma e Jäcki estão outra vez entre casinhas bonitinhas e coloridas, junto ao riacho verde.
No pátio dos fundos, um mamoeiro
– Andando, diz Jäcki.
– É preciso andar, assim se chega a algum lugar.
Ele toma a bolsa com as Leicas do ombro de Irma.
Agora ela não protesta mais.
E ela pisca ao sol que se encontra diagonalmente a frente deles e dá um suspiro.
Eles passaram por cima da fenda de água do morro.
Em uma construção barroca, em forma de barraca, há uma placa:
Centro de Desenvolvimento Espiritual.
Professor Manuel Roosevelt Ribeiro
Divindades africanas
Número de aprovação tal e tal.
Algo assim, Jäcki jamais havia visto.
Um sacerdote submisso, que não expressa nada a não ser rejeição.
Não, ele não faria absolutamente nada.
Não, fotografar menos ainda.
O banho de sangue, pelo amor de Deus.



Alguns garotos de cabeça raspada, robustos, menores de idade, o envolvem dando risadinhas

Eles estão preparando algo terrível

Vassouras de ervas jazem sobre a mesa.

Tesouras e facas são buscadas.

Bacias cheias de uma gosma fedida.

Não, não.

Talvez a Professora Norma, do outro lado

Onde?

Na rua paralela

Para cima, à direita, depois de novo à direita, e então a casa à esquerda.

Impossível de errar

Vocês ouvirão os tambores

Adeus

Sempre às ordens.

E então, como se um peso na consciência tomasse conta do brasileiro por causa de sua falta de hospitalidade ante os desconhecidos que vieram de tão longe, ele os leva até um altar ao ar livre. Debaixo de uma redoma de vidro, uma imagem da Virgem Maria coberta de bolor, em cinzento e azul.

Em torno dela, decoração de ouriços-do-mar e corais brancos.

Eu te saúdo, estrela do mar –

– Número de aprovação!

– A clareza das pessoas que tem algo minuscilamente ruim a esconder por trás de tanta abertura.

Foi como Roosevelt Ribeiro disse,

a rua paralela provinciana com seu riacho verde e reto,

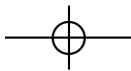
as fachadas de torta coloridas, os mamoeiros

acabou no soçobrar dos tambores.

Jäcki ainda o percebeu como algo que nem sequer o tocava

Ele tentou se recordar dos ritmos, reconhecer os contrapontos dos diferentes tambores.

Com o pulsar de seu próprio coração, aquilo não tinha nada a ver



Ele o comparou com Safo, o hendecassílabo sáfico com o enóplio, com o coriambo, o espondeu e o *ionicus minore vel maiore*.

– Isso eu não vou estudar, disse Jäcki a Irma.

– Por que não.

– Não é o mais interessante?

– Não sou musicólogo.

– Se começarmos com os ritmos do tambor, com os tambores dialogando, estaremos perdidos e precisaremos do resto de nossa vida, e você não vai chegar nunca mais a seu banho de sangue

– Pelo menos é o que eu acredito.

Diante da torta, da qual vinha o som dos tambores, os vizinhos se amontoavam.

Senhores selvagens corriam de um lado a outro.

Moças de camisola.

Jäcki ainda não conhecia a cerimônia africana do chocalho para entrar no templo

Ele tentou se ajudar com o ato da crisma de Lokstedt.

O códex da avó bastou, ao que parecia.

A mãe lhe comunicara algo de *upper class* antroposófica.

Deu certo.

A assaz clara Professora Norma recebeu Jäcki e Irma como se esperasse ambos para fotos posadas

conduziu-os através do *living afro*, poltronas artísticas, televisão cega, rococó do horror, flores de cera na área de serviço

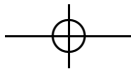
Ali estava tudo lotado como em um boteco de mineradores

As mães de santo como condessas cuidadas de uma apresentação beneficente

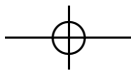
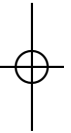
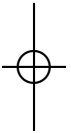
Os gângsteres semicegos e o arcanjo negro Gabriel – ah, voar com ele através do paraíso – batem como alucinados nos tambores. A porta ao lado da máquina de lavar roupa – ali há uma pequena estátua de Lázaro com dois cãezinhos em cima –, a porta dupla saburmenta e enfeitada de folhas de palmeira se abre

E dela saem duas meninas pretas cobertas de pontos brancos

Elas tremem de leve
E Irma pode fotografar
Jäcki ergue os braços automaticamente e os *flashes* funcionam
E ninguém prende os dois.
O calcário também não cai das faces das encantadas
Elas não explodem sob o *flash* e se dissolvem em pó como um cogumelo,
um peido limoeiro.
Jäcki nem está presente enquanto ela fotografa, e provavelmente faça tudo
errado com o *flash*.
Elas são mais bonitas do que o arcebispo em Scheyern.
Agarram Jäcki mais do que “estrela do mar, eu te saúdo” e “uma rosa bro-
tou”.
Mais terríveis do que o rosado dos tapetes de bombas
Elas são as damas da corte no “Copo D’água”.
Elas são os cadáveres magros nas fotos dos jornais do governo militar
Elas são o totalmente outro.
Aqueles meninas, tremendo em outro mundo debaixo da maquiagem
Surdas e despertadas.
Mudas e falando em línguas.
Visionárias cegas.
Elas nadam como insetos no cristal.
O Velho Mundo desmorona para Jäcki
O Novo Mundo vai ao encontro de Jäcki
Na área de serviço da professora Norma, Lázaro.
Proust, adeus.
Teatro, adeus,
Até mesmo Alex, adeus
Pozzi, adeus.
Grupo 47, adeus.
Isso.
E a ideia de Jäcki de registrar tudo.
Com mais exatidão.



Sim.
Ciência.



5.

O papa se mostrou amistoso com Jäcki.

Fez longas conferências a Jäcki acerca dos três templos mais importantes do iorubá. Casa Branca, Menininha do Gantois, Senhora.

Nomes.

Esses nomes surrealistas

De canções sentimentais e tangos e pomadas maravilhosas. –

Eles são pronunciados fluentemente.

Pois todo mundo se relaciona na maior intimidade com o estranho.

Estes são os mais antigos, os únicos que valem a pena estudar, aqueles que, conforme todo mundo saberia, naturalmente não têm trezentos anos de idade, mas apenas 130, pois os iorubás chegam só depois de 1830 à Bahia.

O preço na época era algo como 10 mil dólares, 20 mil hoje.

Depois da proibição do comércio de escravos.

Como mercadoria de contrabando.

Como os deuses.

Quase um dedinho de imaginação, pensa Jäcki

– Na Bahia há quase um milhão de pretos, disse Verger.

– E 600 ou mais candomblés

– Cerca de três quartos da população vão ao candomblé

– Oficialmente eles são católicos

– Mesmo aqueles que fazem de conta que não acreditam, fazem trabalhos com pais e mães de santo através de recadeiros

Verger parabenizou Jäcki por ter brigado com Hansen Bahia.

Verger não conseguia suportar o entalhador alemão.

Que havia viajado até ali

E se intrometido na cultura baiana

E a abatia e trinchava em seu próprio trabalho.

Naqueles entalhes de madeira grosseiros e terríveis.

Tudo o que os europeus acabam fazendo dessas culturas é mais grosso, mais grosseiro.

Assim como a música americana.

Ela é lamentável.

A Bahia é alegre.

Hansen Bahia era encantador, há 30 anos, quando chegou à Bahia sem um centavo no bolso.

Como eu, na época.

Agora ele já faz parte do jogo.

E o governador aluga sua casa quando a rainha da Inglaterra é recebida.

Jäcki comparou, em pensamentos, a casa de Verger com a casa de Hansen Bahia.

O asceta com um pano de batique, suas fichas de papel na caixa de sapatos, e os ovos cobertos de poeira vermelha

O papa Pierri não tinha nenhum tapete de macaco do imperador Haile Selassie.

Verger estava tão encantado com a antipatia de Jäcki, que lhe mencionou como que de passagem três plantas.

Uma trepadeira na praia.

Ipomoea, como a batata inglesa.

Pes caprae

Pé de cabra.

Mimosa pudica.

A terceira Jäcki esquecera, ainda que fosse claro para ele que se tratasse de plantas importantes, chaves para os ritos, pois do contrário o papa não as teria pronunciado de modo tão aparentemente casual, de lábios cerrados.

E o papa não teria sabido seus nomes de cor.

Pierri se mostrou afável com Irma, a namorada do rapaz alemão um tanto magro demais.

O papa saiu para comer com Jäcki e Irma.

No Novo Continental.

Ao final, prometeu levá-los a uma princesa genuína.

A Mãe Olga de Alaketu.

Ele também levava Sartre e Simone de Beauvoir até ela, e Olga dançara para os dois existencialistas.

Jäcki não conseguia dimensionar o que significava ser levado a passear por aí por Pierri, se ainda fosse Dulu, que jamais apresentava amigos a amigos, jamais mencionava um nome; mas na França isso parecia natural a Jäcki.

Quando se conhecia Sartre na França, ou então Braque ou Picasso, e se achava o rapaz da Alemanha interessante, ele era apresentado, a ligação era estabelecida.

Jäcki também tentara isso com Dulu, mas apenas colhera uma recusa violenta.

Dulu fingia hábitos ingleses

Ou hábitos que se entendiam como hábitos ingleses na condição de alemão do Sul em Hamburgo.

O inacessível:

– Sartre se mostrou completamente insensível ante o candomblé, disse Verger.

– Ele apenas perguntava sem parar:

– Quanto o senhor ganha.

– Como se isso tivesse o mais mínimo significado para o transe.

– O transe permite justamente que uma pobre lavadeira, que descende de um rei africano, se torne uma heroína, uma deusa no candomblé

– Sartre só se interessa por pessoas quando elas são miseráveis.

– Eu acho que ele faria de tudo para procurar pessoas na miséria, apenas para poder se curvar até eles.

– Eu acho Sartre um bobo.

Jäcki não tinha a menor vontade de pensar outra vez sobre Sartre ante a boa comida do Novo Continental, aqueles caranguejos engraçados, que se comia com a casca mole, siri mole.

Mas isso da lavadeira e da filha do rei e da deusa ocupou sua mente.

Será que as lavadeiras no Brasil eram realmente todas princesas, filhas de reis, assim como os refugiados da Prússia Oriental nos maus tempos possuíam todos uma propriedade cavalheiresca?

Jäcki tinha noções assaz dicotômicas e contraditórias acerca dos reis na África, gigantes gordos, altos, pretos, que tinham de saltar atrás das viúvas ao túmulo, que mandavam seus filhos à corte real portuguesa para que aprendessem o comércio de escravos e que hoje em dia ocupavam, todos, posições de chefia na Unesco.

Reis africanos haviam trocado seus escravos com os portugueses por uma espingarda cada cabeça

Jäcki, que considerava o imperador Guilherme, Umberto da Itália e a rainha da Inglaterra não mais do que caricaturas – por que ele agora desmaiaria de admiração diante de Haile Selassie e Olga de Alaketu!

O magro papa Pierri, fazendo barulho com a boca de tanta devoção, quando falava do filho de Olga como se fosse um príncipe negro.

E esses fantoches que imperavam e dominavam o modo de imperar, não erigiram eles mesmos um reino das sombras como escravizados entre os escravos?

Sim, Olga tinha algo de eleito, uma máscara, como as que eram admiradas por Apollinaire e Picasso e Ernst Ludwig Kirchner, de ébano, como se escrevia então em algum relato de viagem.

Ela nem sequer respondeu à saudação de Irma; apenas para o papa Pierre ela sussurrou e murmurou sua tralha sagrada.

E o magro se ufanou todo como se tivesse visto um passarinho verde, porque a escrava, que era filha de um rei, se aproximou dele toda dadivosa, executou algumas medidas e saracoteios complicados, aliás na condição de mulher diante do homem, pensou Jäcki – sem contar que se trata de uma mulher negra diante um homem branco.

E o papa se curvou sobre a nuca da mãe de santo e de sua parte também saracoteou algo com dedos velhos e brancos.

– O tolo, pensou Jäcki.

– Ele se apresenta, ereto e francês, com os privilégios da ciência, e imagina que a filha do rei se ajoelha diante dele, só porque ele detém algum posto obscuro na hierarquia negra junto à Senhora, Casa Branca, Menininha, em alguma festa de palhoça lhe é permitido cortar um rabinho e algo africano Com uma raiz de madeira, cantarolando raiz, raiz, raiz enquanto isso; e isso embora a filha de reis africanos apenas esteja querendo se aproximar de seu Sartre, de seu Foucault, de seu Leiris, do Musée de l'Homme e do CNRS, quer dizer do Ministério das Finanças francês, e este fica no Louvre,

e justamente agora está sendo limpo com jatos de areia por Malraux, a fim de que esteja branco e imaculado como à época do Rei Sol, quando se andava de carruagem por aí sem poluir o ambiente.

A pedra está sendo carcomida pela lepra e precisa receber injeções de cimento.

Mas isso é fugir do que interessa, confundir pensamentos.

O etnólogo Pierre havia levado as pedras da deusa Oyá da Bahia de volta à Nigéria.

– Sim, isso pode coroar uma vida de pesquisador, quando não apenas se casa duas posturas uma com a outra, a mímica da sujeição da imagem de mundo científica e a rigidez cataléptica do mágico, mas também se volta a fazer com que dois continentes se desposem, África e América do Sul.

– Como se o seco Pierri empurrasse as duas massas de terra em forma de pinto sobre o planeta, fazendo com que voltassem a se encaixar

Nesse caso São Luís, Bahia e Rio ficariam exatamente no canto de Togo, Daomé e Benim.

– Você consegue explicar por que Verger se mostrou tão terrivelmente devoto diante de Olga.

– Também ele se mostrou devoto diante dela?

Eu tinha a imagem inversa em minha recordação.

– Apenas observei a devoção dela diante dele.

De modo assim tão diferente duas pessoas vivenciam a mesma cena.

E ainda assim dizem que existe algo como a etnologia.

O papa mencionou três plantas a Jäcki, a *Mimosa pudica* e uma trepadeira da praia, *Ipomoea pes caprae* e uma terceira que Jäcki logo voltou a esquecer.

Irma e Jäcki haviam ficado tão eufóricos com seus sucessos etnológicos iniciais – as meninas cobertas de pontos brancos com Professora Norma, a reverência rala de Pierri, tanto que Irma e Jäcki pretendiam encorajar o papa a uma foto em pé na casa vermelha coberta de poeira da Liberdade.

O fotógrafo francês se desviou diante da fotógrafa alemã ocidental como uma mãe do deus serpente Oxumaré na dança de iniciação.

Ele estava atrás da mesa vazia, na qual se encontrava apenas a caixa de sapatos coberta de poeira vermelha com as anotações em bilhetes, e levam-

tara de um salto dizendo, hesitante, pois com certeza compreendia todo o teatro absurdo da cena, fotógrafo europeu se nega ante fotógrafa europeia por suas obrigações de culto em religiões sincréticas, e acabou encontrando uma fórmula artesanal, típica de guilda, para se recusar a atender seu pedido.

Ele escrevera um ensaio sobre a fotografia no candomblé para uma revista suíça

uma fábula mentirosa, acerca da abertura do artesanato europeu e da sensatez das mães e filhas negras, algo para avançados diretores suíços de museus, ele explicara a Jäcki como se transformara num animal selvagem no início de suas pesquisas e, na corrida alucinada de sua profissão, jogava para o ar garotinhos e garotinhas que se encontravam no lugar errado ou olhavam de modo errado para ele

– Eu não gostava de mim como fotógrafo, disse o papa:

– Quanto mais se sabe, quanto mais se conhece, quanto mais se penetra nas religiões afro-americanas, tanto menos se fotografa, dissera Verger a Jäcki

E com isso expressava exatamente a sufocação da consciência, o fechar de olhos, os haustos que turvavam os corpos de vidro, que por certo havia acontecido com ele, o filho de uma rica família de comerciantes de Lyon, Bordeaux ou Metz, École Normale Supérieure, CNRS

Agora, diante de Irma, ele se recordava de um ditado dos parisienses e disse, a fim de não tornar a recusa demasiado chamativa e exótica

Eu estou sempre deste lado, e não daquele.

– Isso é bonitinho, achou Jäcki.

– O jornalista, que tem consciência de sua classe, o fotógrafo, que jamais aparece de terno preto no jantar do presidente de um país.

Ele não se deixa fotografar.

Irma achou isso ridículo.

– Talvez ele sinta ciúmes, disse Jäcki, da sua Mamiyaflex e da sua Leica

– Ele sente ciúmes de mim, porque eu, quando tudo termina, vou junto com você para casa.

– Você acha?

Verger os levou junto a um candomblé, a Vicente

Diante de seu templo, um adolescente formidável fazia piruetas com uma bicicleta tinindo de nova.

Este é um príncipe africano, disse Verger, e através de seus olhos azuis, craquelê do mais fino, cascas de ovo quebradas, no verniz estremeceu um raio frio.

– Um jovem gigolô, foi o que Jäcki viu de cara.

Sexy.

E já tem uma barriga. –

De Vicente, se murmurava que havia participado de sacrifícios humanos.

Ele pertencia a toda uma estirpe de sacerdotes de Ogum.

Castrações

E esfolamento de bebês

Verger desmentia isso.

Lá embaixo, na Baixa do Tubo

na baixada do grande canal de esgoto que era puxado entre a floresta virgem e os morros de argila avermelhada, era ali que Ogum havia ordenado que o bebê fosse sacrificado e jazesse na encruzilhada, salpicado de folhas, e os sacerdotes de Ogum haviam se juntado, e a polícia, o Serviço de Segurança Interna e o exército teriam sido chamados, em vão, porque pontualmente, à hora aprazada, o bebê dessangrado jazia na encruzilhada com salsinha na boca e não apenas uma vez, na sexta-feira seguinte outra e no ano seguinte, agora, novamente.

Eles se reúnem no barraco de tábuas e papelão, no quartinho terrível estaria deitado o adolescente ao qual torcem o saco escrotal enquanto ainda vivo, fazendo cortes em seu lombo até que ele morra debaixo de folhas, coroas, laços.

– Vicente diz que faz um culto jeje, um culto da corte de Abomei, mas isso naturalmente é bobagem.

Existe apenas um culto jeje na Bahia inteira.

E é o de Emiliano do Bonfim.

Mais um desses nomes.

Cultos dos reis de Abomei não existem na Bahia.

No máximo na Amazônia, mas isso está em outra folha

– Por que ele vai até ele, se o ridiculariza, pensou Jäcki.

- O que sai por trás das sagas oficiais de etnólogos, quando se arranha um pouco a superfície delas
- Por trás das informações aos visitantes de Sartre e embaixador e delegação do Instituto Cultural Francês.

O pequeno barraco de tábuas estava entupido de gente na festa.

Não apenas os enjambrados moradores da Baixa do Tubo, em seus mini-vestidos gritantes, cujas costuras se abaulavam um pouco, e os notáveis brancos, pessoas da universidade, de institutos que se caracterizavam pelo amontoado de letras de suas siglas, alguns com a assustadora brancura produzida pelo pano de fundo africano.

Também empregados bem pretos, que haviam se maquiado com *pancake* e pareciam atacados por uma terrível doença de sangue

Eles pareciam se conhecer, todos eles, se beijavam generosamente em muitos cantos ou se davam de ombros de modo repentino

ciciavam uns sobre os outros, se evitavam, alguns claros flácidos se desvelavam em torno do papa

Um baixote carregado de infortúnio com a cabeça grande de uma travesti abriu caminho aos cotovelos até a primeira fila

- Este é o padrinho do príncipe de Ketou, sussurrou o papa.

Os batuqueiros discutiam.

Um já havia dado o fora e foi trazido de volta

E então tudo começou

Uma negra, que Jäcki chamou consigo mesmo de afro-americana, ainda que soubesse que essa palavra jamais poderia ser usada de modo rítmico em um texto poético.

- Mas a ideologia.
- Ora, mas aí se vê, pensou Jäcki.
- Devido a considerações rítmicas, invoca-se inclusive uma palavra do colonialismo, como negro ou preto
- E os críticos revolucionários do Grupo 47 logo classificam a gente de reacionário.
- Embora no fundo tudo seja apenas uma questão de *beat*.
- Será que revolução é uma questão de ritmo.
- Isso seria realmente bonito.

– Isso é que seria uma revolução.

– E preta!

Lancem os membros da idade da pedra para o alto

Transformem-nos em uma escultura de deus cinética, alucinada e de múltiplos braços.

Pobre Fonteyn

Pobre Nureiev

Pobre Mary Wigman

As juntas de Jäckel começaram a coçar

Irma fazia o disparador à distância tremer

O *flash* açulava os possesos

As feições de Irma se transformaram em uma máscara

Jäckel via tudo e teria preferido se abrir ao meio

Ele via a indignação de Vicente, a vítima das fúrias

O embaraço do papa.

A provocação alucinada das dançarinas

A concentração de Irma que pulsava debaixo de sua pele fina, nas proximidades dos olhos.

O pouquinho de maquiagem que ela usava à noite era levada abaixo pelo suor.

Jäckel viu a gorda, de braços formidáveis, que se contorcia diante dos que haviam vindo de longe e estragava algumas das mais belas fotos de Irma.

E ele sentiu que todos esperavam dele que interviesse

Jäckel se sentiu responsável pelos ritos, pelas fotos, pela ciência e pelo romance.

Não dava para aguentar.

Um dos antropólogos moles, claros e gays tocou na bateria do *flash* e disse

– Isso é adarrum¹

– O quê.

– A dança. Ela se chama adarrum

– Ah, sim.

– E aqui o senhor conhece logo a expressão científica.

1. Aqui Hubert Fichte escreve “Adarun”. (N. do T.)

– Obrigado.

Uma gorda caiu em torno do pescoço de Irma e nos olhos de vidro da Mamiyaflex e melou a foto.

E quando Irma conseguiu ser mais ou menos arrancada de seu transe pelas mulheres sagradas e também a menina tomada pelo adarrum desabou, Verger disse:

– O filho de Olga do Alaketu², o príncipe africano, o senhor sabia que ele também é fotógrafo

– Ah é.

– Mas não muito a sério

– É mais um sanguessuga, se o senhor quiser saber.

– Na condição de sacerdotes e familiares de uma das melhores famílias, eles até que tem uma vida bem boa.

Eles não precisam trabalhar.

Para os trabalhos e a iniciação são pagas somas bem polpudas.

Vicente tem um carro americano dos grandes diante da porta.

Ah, e como!

Eles se aproveitam um bocado dos crentes

Seu poder vai tão longe que quando uma filha não paga pontualmente, eles caem em transe e o deus diz: meu cavalo enganou o senhor

E ele tem o dinheiro no bolso.

– O cavalo tem o dinheiro no bolso.

– O deus cavalga o possesso como se fosse seu cavalo.

– Ou como se fosse sua filha

– Também homens são filhas do deus.

– Na África, os homens usam cabelos de mulher para a iniciação.

– A iniciação como homossexualização total do cosmos, pensa Jäcki, mas não diz, para não deixar o papa confuso e afastá-lo de suas explicações.

– Essa dança aí, esse adarrum, conforme o colega lhe disse.

– O senhor sabe que quanto mais selvagem um transe, tanto mais superficial ele é

– Na África muitas vezes é apenas um rasgo, um salto minúsculo

2. No original, “Olga de Alaketu”. (N. do T.)

- Às vezes o senhor fala com alguém e nem sequer percebe que ele já caiu em transe há tempo
- E ele é profundo, profundo.
- Quanto mais se sabe, disse Verger, tanto menos se pergunta.
- Eu nem fotografo mais, disse Verger.
- Ele com certeza acha que eu também devo parar agora, perguntou Irma
- Talvez indiretamente sim. Como os de Dithmarschen.
- No candomblé é como em Dithmarschen diante do chefe superior de ataque do Leibstandarte Adolf Hitler.
- Mas por que eu deveria permitir que ele me prescrevesse alguma coisa
- Ele nos trouxe até aqui.
- Na verdade nós não podemos nos apresentar no candomblé seguindo as leis da hospitalidade europeia.

Verger começou a piscar os olhos.

Ele ajeitou seu pano de batique com alguns nós

E o procurador branco, alto e seco começou a bambolear,

o Maître des Etudes do CNRS começou a dançar uma dança terrível.

Jäcki não conseguiu nem olhar.

Jäcki viu em si a própria dança que havia executado, seguindo os passos da juventude hitlerista, tapetes de bombas, cadáver encolhendo no porão e foto de campo de concentração na capa nas peças de câmara, meu coração foi às alturas açulado pelo senhor Wiemann, o diretor, pela *souffleuse* incipiente, assistentes de direção e iluminadores, um bambolear, saltitar, algo fino que se elevava, gutural

Eles não queriam mais olhar para ele, nenhum deles

Tão embaraçoso ele era.

– Os etnólogos são os santos, pensa Jäcki

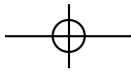
A idade da descrição de pesquisadores principiou.

– O senhor viu o cachorro, perguntou Verger ao ir embora.

– Que cachorro.

– O salsicha sobre o altar de Ogum.

Jäcki se incomodou por ter negligenciado a observação de um detalhe devido ao encanto das reflexões de caráter mais geral

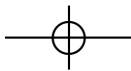


E que detalhe

Um cão-salsicha³ sacrificado debaixo de penas, velas, folhas, moscas.



3. O cão-salsicha (*Dackel*) talvez seja um dos símbolos mais profundamente alemães, na tradição cultural e inclusive literária. (N. do T.)



6.

E então ao banho de sangue.

Jäcki sabia que, se eles tivessem uma chance de ganhar sua aposta, então seria com a Dona Norma.

Com as distintas e idosas tias do iorubá, jamais.

Com Roosevelt Ribeiro?

Com o tratador de cachorros Vicente?

Jäcki fez tudo que pôde

Ele não chegou exatamente a bancar o rufião, oferecendo Irma à sacerdotisa Professora Norma ou então oferecendo o deus Lázaro, Omolú, Obaluaê, Sakpata, o deus da peste, lepra, varíola, sífilis a Irma

Jäcki tinha coragem

Jäcki não se vendia tentando comprar os deuses, os familiares dos posses-
sos, os batuqueiros, as condessas influentes

Mas uma caixa de cervejas ele pagava sem problemas.

E sentia vergonha.

Mas o medo de perder a chance.

Aquilo, há alguns dias, foi a primeira saída

botar o pé fora depois de três semanas de solidão de iniciado

Seguiu-se a segunda saída

A terceira.

Sábado à tarde, a quarta.

Quatro?

Sim, quatro!

E então, na manhã antes do nome

O banho de sangue.

O medo de Jäcki de perder algo.

De não observar com clareza suficiente.

De não ter visto o mais importante.
Esquecer o decisivo em suas anotações.
Ciência.
Nova ciência
Tudo.
Sobretudo saber.
Saber, o que acontece ali.
Não publicar alguns volumes quaisquer e dar palestras por aí
Mas saber
E isso como algo bem pequeno, preciso
O que se passa na cabeça.
Os feijões de Dali.¹
O cinema da cabeça
O discurso de Villon com seu coração
Para as coisas minúsculas, e tudo, realmente tudo!
Jäcki chegou inclusive a ajudar Professora Norma a regatear os animais
para o sacrifício no lodo da Feira de Água de Meninos
E pediu que Irma o fotografasse enquanto isso
Dieter E. Zimmer exigiu uma foto dele para o jornal Zeit, para a resenha
de seu último livro.
“Imitações de Detlev – Grünspan”
E Irma enviou aquela: Jäcki, o imitador, o pastor compra com Professora
Norma as cabras do sacrifício, as galinhas d’angola para o banho de san-
gue.
Na noite anterior um melindre bicontinental se espalhou, labirintos afro-
brasileiros, mentiras entre os três continentes
O tempo.
Quando?
O banho de sangue.
Eles disseram às sete.
Jäcki se preparou para as seis

1. Aqui Fichte abre mão da menção ao *Dom Quixote* e fica apenas com Dali. (N. do T.)

Pois ele sabia que jamais conseguiria ler o despertador na cabeça dos cren-tes negros

Pois às vezes ele andava adiantado, às vezes atrasado, às vezes no ponto Mas que a Professora Norma faria de tudo para que Irma e Jäcki chegas-sem atrasados estava mais do que claro

Então naturalmente não conseguiram encontrar nenhum dos táxis sacolejantes, que de resto costumam acabar com os nervos da gente.

Pontualmente às seis, eles dobraram lá em cima, na rua provinciana ainda dormindo.

Baixinho, murmúrios de batuque.

Mas Jäcki sabia.

Eles haviam chegado tarde demais.

Os gângsteres, o arcanjo Gabriel, as condessas reunidas não queriam nem ver Jäcki.

Professora Norma havia desaparecido

Mas a porta dupla caquética, enfeitada de folhas de palmeira ao lado da máquina de lavar roupa tremia

Ela tremia

e estava tão próxima que podia ser tocada.

Será que eles o teriam detido se ele invadissem o recinto, junto com Irma, a de seis olhos e sua Mamiya sacolejando atrás dele, derrubando a porta que dava para o lugar mais sagrado, o quarto santo com o altar sagrado², enquanto eles batiam fotos, disparando o *flash*, do banho de sangue?

A porta dupla tremia.

Por trás dela, acontecia o completamente inaudito, o jamais visto, o que nunca mais poderia ser trazido de volta

Ali era partida a cabeça.

Os corpos dilacerados

Ali as meninas eram mortas e em algumas eram enfiadas nozes-de-cola

O estranho.

O único.

2. Provável referência ao “Peji “ que é o altar sagrado, ou “Quarto de Santo”. Espaço sagrado onde ficam os assentamentos dos deuses e seus filhos. (N. do T. com a contribuição de Ayrson Heráclito).

O extremo.

Jäcki se sentiu mal.

Ele sabia que havia perdido a aposta.

A porta dupla abriu de supetão.

Pés de pato quebrados voaram para fora

A porta dupla se escancara

Professora Norma com pantufas cobertas de crostas de sangue olhou para Jäcki e Irma.

Será que ela pediria aos dois que ainda entrassem.

Não.

Tudo havia chegado ao fim.

Professora Norma olhava para eles, mas no fundo nem sequer se dava conta da presença deles.

Um mil-pés branco, todas as meninas da nave envolvidas debaixo de um grande lençol passaram voando pelas Mamiyas em direção ao banheiro.

Professora Norma pediu com toda a naturalidade que Jäcki entrasse no lugar mais sagrado.

Ali estavam os restos do horror

Cabritos decapitados, patos, a refeição dos deuses, bÍlis despejadas, globos oculares arrancados em um lago feito de sangue.

Jäcki intrigou um pouco, conseguiu com Professora Norma que Irma pudesse fotografar o monte de animais mortos, o mil-pés branco, quando ele voltou do banheiro no jardim.

Isso ainda não existia como foto.

Talvez.

Mas pouco lhe interessava.

Apenas o cheiro se incrustou, assim como os batuques nos tímpanos, nas mucosas de Jäcki.

Cheiro de cerefólio.

De comida do deus dos cães.

De chocolate Sarotti

E de cerveja.

7.

Foi lisonjeador para Jäcki ter acesso livre ao papa.

Hansen Bahia, o corpo diplomático, os professores do instituto cultural alemão, os antropólogos de diferentes institutos, que Jäcki de quando em vez interrogava, algumas mães e pais de santo não queriam acreditar.

Eles consideravam Jäcki um gabarola, um impostor, quando contava de suas visitas a Pierri, que o papa havia mencionado o nome de duas folhas para ele e em seguida mais três, que ele estivera com o antropófago Vicente e vira um cão-salsicha sacrificado.

Jäcki ultrapassava os obstáculos e as barreiras da comunidade do candomblé simplesmente por não vê-los

A confiança de Pierri era lisonjeira para ele, mas não significava muito para Jäcki

Ele considerava o homem magro com seus bilhetes de papel A4 um escritor cujos livros ele mal se mostrava disposto a ler

Eles eram secos

Mas pelo menos abriam mão de toda aquela bobajada balofa que Jäcki acreditava descobrir na etnologia francesa restante.

As referências do papa também pareciam estar corretas.

Ao contrário de outros compêndios de vários volumes, onde todas as datas estavam erradas, todos os rituais erradamente interpretados e todas as plantas eram uma mentira.

As caracterizações do papa eram cadavéricas

Ele não apenas se apresentava no Musée de l'Homme como bruxo e no Opó Afonjá como professor do CNRS, provido em todos os círculos com uma pilha dupla de privilégios, ele também era limitado e aleijado em cada um de seus mundos, com Vicente ele tinha de contar as feridas do esfolamento, determinar as frutas ao lado do cão-salsicha sacrificado com

o Schmeil-Fitschen a tiracolo, e no Musée de l'Homme ele por certo não podia registrar em gravação os segredos de iniciação de Menininha do Gantois.

Esse duplamente podado nem sequer permitia que uma fascinação pelo papa e seu trabalho sobreviesse.

Pierri deixava suas câmeras afundar no pó.

Isso Jäcki sentia como uma traição do francês a si mesmo.

O homem franzino e seus bilhetes de folhas estava cercado sempre por um mulato esguio

– Um cavalo de gente

– O mais bonito que eu vi na Bahia.

Mas Jäcki se mantinha completamente reservado com seus olhares e seus quadris

Ele não queria abusar da hospitalidade do papa, cortejando seu pedreiro preto.

Ele se chamava Antônio

E no decorrer das semanas se aproximou cada vez mais de Jäcki.

Ele vinha como que por acaso, depois da visita ao bairro da Liberdade, em direção a Jäcki.

Ele levava Irma para fotografar.

Jäcki ficou sabendo de suas condições de vida

E Jäcki as anotou, para o artigo da revista Spiegel, em um caderno de escola baiano

O pai era pintor de paredes

Duas irmãs.

Um irmão

Antônio se virava com trabalhos ocasionais.

Também para Pierri.

Antônio disse de si mesmo que era o único na família que não prestava para nada

Ele agora estava fazendo a carteira de motorista.

Depois, queria trabalhar como motorista de caminhão.

Com isso ele poderia ganhar 300 cruzeiros por mês.

Sua namorada se mudara.
Agora ela precisava de uma nova.
Homem ou mulher, para ele pouco importava.
Para muitos ali.
Na cidade, ele encontrava homens.
Dinheiro, naturalmente, o que mais.
Por algum tempo, ele vivera com um francês
Ah, sim, que idade ele tinha.
20.

Antônio visita Jäcki e Irma na casa sem reboco, semi-pronta, os fios das tomadas saindo da parede.
Antônio não quer comer nada.
Ele já comeu em casa
Feijão.
Sempre feijão.
Mas outra coisa ele também não quer.
Eles vão os três à praia
Antônio mergulha.
Ele executa movimentos lentos debaixo da água, para tentar esconder de Jäcki e Irma, que ele nem sequer sabe nadar.

Quando Jäcki visita Pierri na próxima vez, Antônio fica parado atrás do papa e faz um gesto como se quisesse estacionar um caminhão no corredor.
Jäcki faz de conta que não percebeu.
Jäcki percebeu que nem sequer pensara acerca da vida sexual do papa e Directeur d'Etudes.
E Jäcki se interessava, nas pessoas com as quais privava, sobretudo acerca daquilo que faziam na cama.
Mas apenas em relação àquelas que ele mesmo queria levar para a cama.
Ele não conseguia imaginar sem sexo o seu romance sobre o velho etnólogo e o jovem que se aproxima dele e apronta a maior confusão.

Jäcki teria de inventar como o jovem etnólogo, aliás alemão, começa a desejar como um louco um dos batuqueiros da Professora Norma.

Também ele se chamava Antônio e era um pai de família de idade mediana, ao qual faltavam alguns dentes.

Jäcki adivinhou, no corpo cansado, uma bunda maravilhosa e sobretudo um pau transcendental, lábios de um preto raro, o continente como berinjela

Mas aquilo existia ali aos montes.

Antônio, o batuqueiro, no entanto, se transformava quando batia os ritmos complicados e contrapontísticos de seu tambor –

isso fazia cócegas em Jäcki de colocar as medidas eólicas de Safo, os hexâmetros refinados e arcaicos de Homero em relação com os diferentes ritmos dos três batuqueiros da Professor Norma ao lado da máquina de lavar roupa e além disso unir a contrapontística estreita de Josquin des Prés e de Okeghem da época da Guerra dos Cem Anos com a contrapontística africana da época da fome no Estado da Bahia.

Agora.

Mas Jäcki não era musicólogo.

Antônio se transformava em um condutor de carro da antiguidade

Não seria um ateniense que o teria esculpido em pedra, mas sim um dos escultores pré-históricos de Benim.

Jäcki viu o sangue escorrer sobre Antônio

Viu as cicatrizes de pedra da iniciação

E viu os olhos grandes, luxuriosos, estúpidos do condutor de carro de Delfi.

Jäcki só ousava olhar de quando em vez para o batuqueiro.

Ele jamais tentaria botar a mão no globo saliente de sua bunda

Ou metê-la entre suas coxas de pedra

E erguer com a mão a berinjela de pedra, levando-a até a boca

Jäcki sonhava com o condutor de carro se precipitando sobre ele

com seu rosto riscado de cicatrizes,

abrindo suas pernas com força, como um arbusto,

que se atravessa e sacudia Jäcki,

carimbava-o, rasgava-o

Quando o raio perpassava as cicatrizes como um zigue-zague
a ferida da boca se acalmava, os olhos se fechavam
Jäcki perceberia que Antônio, o batuqueiro, perdia a consciência
Dentro dele.
Jamais.

Verger começou, através dos gestos do motorista de caminhão Antônio, a interessar sexualmente a Jäcki.

Não que ele quisesse ser cantado pelo papa magro de olhos azuis-claros e saltados ou lhe arrancar o pano de batique dos quadris de cabra e enfiar o nariz do sábio na caixa de sapatos.

- O que ele faz, pensava Jäcki
- Também um ancião tem uma vida sexual.
- Também isso é objeto da descrição etnológica da etnologia
- E de um romance.

Jäcki fez as coisas de modo tão jeitoso como se quisesse ganhar o papa para que este permitisse que Irma fotografasse o banho de sangue.

O procurador franzino de Lille ou Nantes passou a se tornar, durante semanas, o objeto de uma coqueteria etnológica para Jäcki.

Jäcki fazia de conta que queria descobrir algo sobre as mães e pais de santo. Eles eram de fato, todos, sapatões e bichas?

E o papa caiu prontamente na armadilha de Jäcki.

- O senhor veja o príncipe africano com a barriguinha.

É o favorito do sacerdote de Ogum Vicente, e não vive nem um pouco mal.

Na Bahia, é tido como másculo praticar o coito com várias mulheres.

Mas mais másculo ainda é meter com homens

E a coisa mais máscula imaginável é fazer com um pai de santo.

O príncipe africano não precisa trabalhar e tem uma bicicleta na Favela do Canal.

Todos os pais de santo são tias.

E toda as mães de santo são personalidades fortes, como se diz por aqui.

Daí, Jäcki conduz o velho pesquisador à África.

Como é por lá.

- Lá não há nada disso.
 - Ou se há, apenas de modo bem oculto.
 - De qualquer modo, pelo menos há uma expressão para as lésbicas na África.
- Moala.
- Friccionar.
- Como entre os gregos.
 - Tríbades.
 - Isso.
 - Não me lembro mais.
 - O senhor precisa saber que nem sequer fiz as provas de conclusão do ensino pré-universitário, disse o papa.
 - Eu também não, disse Jäcki.
 - Meu livro sobre Orixás e Voduns.. acabou sendo aceito como tese pela Sorbonne.
- Será que o homem magro em seu pano de batique era vaidoso?

E então o papa disse, bem sóbrio:

- Sim, eu sou fixado exclusivamente em negros.
 - Antônio, naturalmente.
 - Bem dotado
 - e pernas elegantes.
 - Mas bem tedioso na cama.
 - Com gosto.
 - Mas eu só posso desaconselhar ao senhor, nós todos já o tivemos.
 - Todos os franceses aqui, Pithex e o Abbé.
 - O senhor encontrará na cidade coisa bem melhor com seu dinheiro
 - Mas isso não chega a representar um problema
 - Faço isso bem rápido.
 - Não tenho mais disposição para investir tempo nisso.
 - É claro que exclusivamente por dinheiro.
 - Como branco e na minha idade.
- No Rio eu durmo sempre nos hotéis mais baratos.

São bibocas

Ali, de qualquer modo, posso levar os garotos comigo.

Isso eu lamentavelmente não posso fazer, disse Jäcki

– Por causa das câmeras da minha mulher. Elas significam a vida para ela.

– Minhas não mais.

– Uma mulher muda um bocado a vida de um *gay*.

Jäcki poderia ter sacudido o papa.

Por que viver uma vida inteira e os continentes

se é só isso que resta.

A nota de compras do supermercado Pão de Açúcar.

– Foi só por causa do preto Antônio, ele começou tudo aquilo das pedras, das ervas, dos continentes, do CRS+, do adarrum outra vez

– Por que ele não sabe nada sobre a homossexualidade na África, acerca da qual só se escreve bobagem, até mesmo no Spartacus Guide, pensou Jäcki.

– Não é a primeira entre as tarefas de um ser humano reconhecer a si mesmo e observar seu comportamento no mundo.

– Por que ele finge estar satisfeito.

– Uma pequena dancinha de embalo diante do cão-salsicha sacrificado por Vicente.

– Ovos cobertos de poeira vermelha.

– Uma caixa de sapatos coberta de poeira vermelha com bilhetes de folhas.

– E um motorista de caminhão que mudava sua marcha por alguns trocados.

– Foi o que restou do sonho da juventude com o preto.

– Dos soluços pela floresta virgem, do mundo selvagem, dos leões, do ouro que sacrificou tantas vidas humanas

– De toda essa conquista.

8.

Jäcki evita olhar para Antônio, o batuqueiro, na casa da Professora Norma.

– Já estou começando a sublimar.

– Como Freud.

– Ou o papa

– E por que eu faço tudo isso? Os programas, os artigos políticos, as ervas, o conteúdo do cérebro, a ciência, o conhecimento?

Por que agora ele desejava apenas negros.

Como o papa.

Desde Charles, o gordo coelho da Páscoa.

Desde que Eddie dançara o crocodilo no Saara.

– Será que estou querendo começar a recalcar por causa da ciência.

– Por que o sexo malvado perturba a religião e a revolução?

– A fina concepção da *littérature engagée* cientificamente fundamentada.

Que literatura seria essa?

– Gide!

– *La Double Méprise*.

Assim como no Rio, o Spartacus Guide ajudou Jäcki na Baía de Todos os Santos.

No ano de 1970, ele já se transformara em um compêndio grosso e alongado.

A Terra inteira em sua redondeza começou a se esboçar dentro dele como uma bunda grossa.

Ele indicava lugares na Bahia, cinemas, poucos banheiros, uma sauna, onde nada acontecia, a Torre do Farol, e um hotel que nem sequer existia.

Era tranquilizador o fato de Jäcki poder fingir consigo mesmo que sua avidez insaciável não passava de trabalho, de estudo das fontes e trabalho de campo para o ensaio estruturalista acerca das religiões afro-brasileiras, e como informações de fundo para o artigo da revista Spiegel.

Jäcki começou com os cinemas.

Guarani e Excelsior

Caixotes modernos nos quais ninguém suspeitava as antigas visões no banheiro e ao lado da cabine de exibição.

Quando ele sobe do corredor à plateia, não consegue identificar nada no público.

E para a tela ele mal chega a olhar

Para Alec Guinness no Sequestro do Trem Pagador

Jäcki creditou tudo ao sol tropical.

À claridade inclemente, como que mediterrânea, lá de fora.

Aos poucos, os véus diante do público se erguem.

Entre casais de namorados normais e apaixonados, um cigano é chupado.

De quando em vez, o lanterninha passa com sua lâmpada de bolso

No corredor, no alto, eles estão parados em fila um atrás do outro até o banheiro, enquanto olham para o Expresso do Oriente.¹

Jäcki conhece o ponto de ônibus e o Terreiro de Jesus, a bela vista ao lado do elevador da Cidade Baixa, os palácios decadentes do Pelourinho, nos quais as bibocas de encontros haviam se instalado com papelão e madeira de demolição.

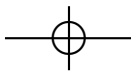
Os cantores e dançarinos do nordeste, que por um preço mais alto, digamos cem marcos, para poder abrir uma banca de doces, estavam dispostos a empinar suas bundas nas igrejas da cidade sagrada.

Jäcki visitou a Fonte do Amor, onde um rapaz de botas pretas fazia três vezes seguidas por amor e depois não conseguia mais, e o *voyeur*, o taverneiro, o sacerdote louco da Fonte do Amor vinha debaixo dos quartos de uma cripta com estalactites de cimento sagradas e perguntava:

Vocês o pagaram, despachado, como os deuses

E quando Jäcki confirma: sim, a Fonte do Amor não seca jamais

1. Não consta que Alec Guinness, grafado Guinness por Hubert Fichte, tenha feito qualquer dos dois filmes insinuados. (N. do T.)



Jäcki jurou que um dia escreveria um de seus mais belos capítulos sobre o quarto em uma biboca de encontros da Baía de Todos os Santos.

Jäcki foi até a estação, onde realmente acontecia alguma coisa, e perambulou pelo bairro das lojas para seduzir os guardas noturnos

Ele conheceu as ruas das travestis e as ruas das putas.

As mulheres decentes protestavam quando um taxista queria cortar caminho passando pelo Pelourinho.

Os moradores da cidade mediana e negra deviam achar que o branco alto de barba chamativa era um louco, um tolo, um *obsédé*, uma espécie de marciano,

que diariamente ouvia os cantores do Terreiro de Jesus

corria pelos cinemas e desaparecia entre os arruinados palácios renascentistas.

Certo dia Jäcki descobriu o Cine Pax, na Baixa dos Sapateiros

Ele teve de passar pelas igrejas, cujos ornamentos pareciam ter desabado sob o peso do ouro.

Os aleijados se amontoavam diante dos tabernáculos.

Irma fotografava por lá

Um homem gordo de terno impecável, cuja mulher belamente vestida havia jogado uma sacola cheia de crostas de pão diante dos mendigos

Gritou:

É uma falta de vergonha fotografar a miséria.

Jäcki achou que ele tinha razão.

Irma gritou de volta.

Não é a foto que é uma vergonha, mas sim a miséria.

Jäcki ficou estupefato.

Era preciso descer uma rua bem íngreme

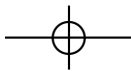
Da qual Jäcki começou a sonhar.

Ela se tornava cada vez mais íngreme e mais lisa

Jäcki corria cada vez mais e mais rápido

Até que acordou.

Também os baianos se seguravam à meia altura, à meia profundidade em um poste de telégrafo.



Lá embaixo, a Baixa dos Sapateiros à direita – não muito longe do pequeno mercado, onde as mães e pais de santo compravam suas ervas para as bebidas da iniciação, o Cine Pax.

Jäcki entrou dentro dele como na barriga de uma baleia.

Um salão largo

Só movimentos rápidos, troca de lugares, tocar ao lado, ficar parado na última fila, na balaustrada Ao Anjo do Inferno, Jeff com Delon, Jerry Lewis,

Um policial que interrompia os beijos dos casais normais.

Na semana da Páscoa

Em cima, Cristo no Horto das Oliveiras

Embaixo, vaselina

O cheiro da urina atraía os homens gordos de calções curtos demais, militares, policiais

As três cabines estavam sempre ocupadas

Alguns ficavam parados sobre a pia, para ainda ver algo da Paixão enquanto o índio chupava seus paus.

Na vez seguinte, um filme sobre cangaceiros

O peito de um policial é cortado com uma tesoura.

O salão largo uiva de tanto rir.

A baleia gargareja.

Então a cidade se esvazia

O Terreiro de Jesus, o elevador, as ruas principais

as praças são tomadas pelas travestis.

Em alguns cruzamentos, ainda estão sentadas as baianas.

Mães formidáveis de vestidos brancos engomados, as correntes coloridas dos deuses nos pescoços castanhos.

Elas peneiram bolinhos de feijão na banha

O trânsito diminuiu.

Ouve-se os gritos de pássaro das travestis que brigam por causa de um bandoleiro.

A tristeza dos *gays* quando as lojas fecham, portas encostadas

e também os caixas dos cinemas não vendem mais entradas.

Então só resta a esperança do taxista
Sim, esta seria uma nova etnologia
Seduzir todos os taxistas durante um ano inteiro.
Um relato de vida
Seus hábitos sexuais, seus desejos.
Todo taxista na Baía de Todos os Santos se deixava seduzir.
E, uma vez que eles pareciam normais a si mesmos, também se deixavam
foder.
Apenas por dinheiro.
Dinheiro significava: eu me deixo foder.
Então Jäcki perambulava, à noite, ainda uma vez por meia Baía de Todos
os Santos em busca de um lugar tranquilo.
Uma baía onde já não estivessem reunidos 100 Fuscas da Volkswagen ba-
lançando de leve na noite.
Os taxistas se mostravam todos, quase todos, prontos a participar,
Mas ninguém poderia ver
– Quando dois homens são surpreendidos pela polícia fodendo na praia,
eles acabam aparecendo no jornal.
Jäcki recortou um desses artigos:
A luxúria levou à sala do tribunal
Um rapaz um tanto leitoso de rastafári
No peito uma placa com os números 027
Diário de Notícias, 3 de março de 1971, escrevera Jäcki com a caneta-
tinteiro à margem.
O homossexual Antonio Cosme se apaixonava por todos os homens que
encontrava.
Ao final das contas, começou a roubar para poder comprar amantes.
Quando Jäcki voltava à casa semi-pronta, escrevia em seu diário.
Depois cozinhava com Irma
Mexilhões, por exemplo.
Aqui eles são chamados de lambretas²

2. Hubert Fichte grafa “Lamprettas”. (N. do T.)

Ele as preparava, como havia aprendido com os Fiori, em Montjustin, com cebolas e vinho branco.

Irma comprara champanhe brasileira para acompanhar.

Ficar deitado durante horas em cima de Irma e filosofar acerca do dia acabou se tornando um hábito agradável.

Irma não parecia desgostar disso.

– Isso seria maravilhoso, disse Jäcki.

– Vou fazer uma pesquisa de campo sobre sexo entre homens

– E se você fizesse o mesmo – poderíamos comparar os comportamentos dos homens.

– Então eu saberia enfim se os taxistas fazem diferente com mulheres.

– Melhor?, perguntou Irma.

– Se são menos tediosos.

– Sim.

– Mas você não vai querer

– Não, eu não vou querer.

– Que livro que isso daria!

– Mas isso seria uma pesquisa para a Anthropol.

– Pois ao final das contas o que importa é apenas o livro.

– O livro sobre a Bahia.

– Não, o livro da beleza dos homens.

– Eu esqueci do Nina, pensou Jäcki

– Isso tem de entrar, mesmo que Enzensberger diga mil vezes sobre o material:

L'embarras du choix.

A funerária com os caixões de papel.

Os cadáveres que são levados de ponta-cabeça por cinco quilômetros até o cemitério.

As dissecações.

As prostitutas e os garotos de programa que dão uma passadinha rápida no Nina nos domingos à tarde.

Para observar mortos.

Os anjos, que contemplam como o vovô é aberto com um bisturi.

Pithex, que enfia seu charuto entre os dentes dos cadáveres.

O livro da beleza do homem.

Jäcki hesitou por muito tempo antes de ir até o escritor de *best-sellers*, o comunista da casa maravilhosa lá em cima, na colina fresca, cuja carreira Sartre havia apoiado nos *Temps Modernes*, que agora esgotava a Bahia, vendendo-a na Feira do Livro.

Putinhas submissas em calças de linho, levemente queixosas, rapazes da pesada e com corações de ouro, exatamente isso que Hansen Bahia em seguida arrancava do tronco de madeira

Coleção folclórica

Entrada de serviço, era o que estava impresso nos azulejos da porta ao lado.

Dois dogues pequenos.

O escritor de *best-sellers* havia escrito um livro na juventude

Capitães da areia.

Garotos pobres nos entrepostos do porto.

Também andou um bocado pelo cosmos afora

As maravilhas das mães africanas

Sobre o candomblé, como ele sacudiria Jäcki

então era melhor fazer a coisa com a secura de osso dos ensaios do papa.

Etnologia como prosa úmida

Mas nos Capitães da Areia Jäcki sentia mais do que um mero engajamento político-partidário

Ali alguém havia sido jovem um dia

E sentira fome

E estivera sem dinheiro diante de um carrossel.

O escritor de *best-sellers*, o romancista dos bordéis, mais parecia uma mulherzinha machista.

Ele recebeu Jäcki amistosamente

Mostrou o jardim e a coleção de folclore

E disse

Eu gostaria de dormir com todas as mulheres do mundo.

Jäcki sentiu vontade até de abraçá-lo por causa disso.

Ah, se ele pelo menos escrevesse assim.

Mas o escritor de *best-sellers* por certo nem teria ficado feliz com um abraço desses.

Sim, era o que Jäcki queria

Se ele tivesse de mencionar um engajamento, uma utopia, um paraíso:

Jäcki queria dormir com todos os homens do mundo.

E Jäcki achou que isso seria a solução de todos os problemas.

Jäcki voltou a perambular pela noite depois da visita.

Passando junto ao monumento futurista, lá embaixo, de um membro da família baiana, que supostamente por 20 milhões de cruzeiros o trouxera para ser visto, colocando-o ali e emporcalhando completamente o porto com velas de barco da cor de farinha que vinham até ali da ilha dos mortos.

Jäcki foi ao estádio da Fonte Nova.

Futebol.

Ele custaria 40 milhões.

O frentista do posto de gasolina tirou uma mangueira grande e grossa das calças em meio à escuridão e disse:

Uma santa linda.

Jäcki ficou fascinado com a ideia de que o homem másculo desabava ao feminino devido ao peso de seu sexo.

A Baía de Todos os Santos de Jäcki era feita de membros negros

Ele palmilhou o mapa da cidade como se acaricia um corpo.

E ele traduziu tudo ao hamburguês

Escreveu em seu romance sobre a puberdade.

Uma Baía de Todos os Santos

Baía de Todos os Santos.

Baía de Todas as Santas.

9.

Jäcki ouviu falar de um templo na floresta virgem

Pedro de Batefolha

E o nome lhe agradou

Pedro de Batefolha – Peter von der Blätterhaue em alemão

Peter der Blätterschüttler

Jäcki pegou o ônibus para Amaralina¹.

O caminho abaixo da Liberdade ele seguiu a pé

Passando pela Casa Branca, à meia altura nas montanhas, na direção de algumas casinhas e barracos.

Quando se olhava apressadamente para elas, como um poeta em viagem, até se podia acreditar que se tratava de uma favela.

Diante da Casa Branca, no meio das árvores-do-céu, havia uma nau sagrada de cimento.

Jäcki passou pela entradinha que levava ao papa, subindo a estrada que ia pela direita

Então tudo passou a ser colonial

Ou imperial.

Tons de tinta que lembravam Richard Oelze a Jäcki

Ali, já a floresta

E uma capela branca trancada

Algo de Genoveva e o Dragão.

E então a burguesia e seu chão.

Casas de um andar, mais largas.

Ali se teria de ter um carro para chegar ao supermercado.

Ananás, em cujas pontas de folhas havia cascas de ovos vazios espetados como se fossem grandes frutos.

1. Hubert Fichte escreve “Amarelina”. (N. do T.)

Depois Senhora.
O templo africano.
De fora, não dava para reconhecer nada.
Construções em forma de silo, que estavam ordenadas em torno de pátios grandes.
Ali eram todos sócios.
Como os doze apóstolos, doze – como era mesmo que se dizia – obás
A família baiana inteira.
O governador, o escritor de *best-sellers*, o papa, professores.
Jäcki imaginou como eles faziam reverências diante dos escravos e saltitavam e exibiam, enciumados, cada pequeno favor da mãe negra diante dos outros.
Eu sou bom com o povo.
Eu sou bom com Xangô.
Na República Federativa da Alemanha se mantinha um boxer
Seguiam-se trechos em que a cidade ainda não havia sapateado a floresta virgem para longe da Baía de Todos os Santos.
Grandes moitas violetas de rícino sobre gargantas de argila cor de fogo
Debaixo das mangueiras gigantescas moravam os mil deuses e procuravam entre as ervas as ervas que haviam deixado para trás, na África.
Devia ter chovido muito.
O caminho enlameado era recruzado por valas profundas.
Uma casa de argila junto à rua havia sido simplesmente levada pela corrente.
As paredes escorriam por baixo das traves de madeira
Depois de tudo, apenas o esqueleto.
Troncos prateados, galhos, ramos, que percorriam a construção na forma de veias e mantinham firme a argila das paredes na época da seca.
Era o modo africano de construir.
O esqueleto da casa era um esqueleto africano.
Em meio ao ermo, uma árvore.
Queimada a oco pela tempestade.
Mas ela sobrevivera

No oco negro e escamoso havia garrafas, pequenos pratos de porcelana e, entre as folhas, havia lenços pendurados

Esses ingredientes um tanto femininos e caseiros mostraram a Jäcki que eles haviam transformado a árvore em um deus.

– Eles vão dizer que deus tomou posse da árvore.

– Iroko.

– Loko.

– Ou a árvore é deus.

Em seguida, vinham povoados da pequena burguesia, favelas

Nos postes de telégrafo havia alto-falantes, mas que durante o dia inteiro borrifavam samba sobre todas as casas

Crianças de barrigas grossas

O riacho verde

E outra vez mangas

Montes de galhos, folhas, dentro dos quais as frutas grandes estavam penduradas como a fios.

No meio de um muro branco, um portão aberto.

Até ali os alto-falantes não chegavam mais.

Devia ser o templo.

Ali morava Pedro de Batefolha, que Jäcki estava procurando.

Árvores altas

Diversas grandes construções

Algumas viradas pela chuva.

Em uma delas, eram executados trabalhos de reforma nas paredes

Algo como uma casa de moradia.

A varanda.

Jäcki bateu palmas com cautela.

O ruído de peça de câmara, quando o aplauso termina

Uma mulher preta e mal humorada resmungou na varanda

Ela ainda se mostrava cortês

O pai estaria trabalhando.

Jäcki devia esperar.

Jäcki esperou.

Ele espiou uma família, mais ao fundo do terreno,
que se encontrava em pé diante de uma árvore cercada.
Na árvore, havia um pano branco pendurado
Atrás da cerca tudo se mexia, um farfalhar, o vento soprava as folhas
Jäcki não conseguiu reconhecer ao certo o que se passava ali.
Ele não queria se levantar de novo da cadeira de balanço,
sabia que isso seria entendido como indiscreto por parte da mulher preta e
mal humorada, que com certeza se encontrava por trás de uma veneziana,
de olho no estrangeiro.
Jäcki mexeu a cabeça para a direita e para a esquerda.
Também atrás da cancela da árvore sagrada havia ocorrido um deslocamento.
Jäcki viu um homem que estava parado ali, como uma tábua de pijama,
as mãos nos botões da camisa como se estivesse no exército e um homem
baixo e preto
meneava duas vassouras de sauna grandes e frescas acima e abaixo no
homem paralisado.
Os dois deixaram a cancela
O rígido se soltou, puxou, como em Wilhelm Busch, o pijama por cima
da cabeça e, já na condição de empregado de médio escalão, entrou na
varanda em um terno de domingo amarelo com gravata violeta
Por último, chegou o homem baixo e amável em um terno cinzento discreto.
Ele sacudira as vassouras de folhas.
Ele não deu atenção a Jäcki.
Entrou na casa.
A família se despediu da mulher mal humorada.
As cigarras voltaram a cortar o silêncio com suas serras.
Os insetos cintilavam em torno de Jäcki, zumbindo.
Ele contemplou as plantas da varanda.
Quase uma sacada de flores típica do Lácio.
Vasos, potes, dentro deles gerânios, fúcsias, manjericão,
como Jäcki os admirara também em Montjustin.

Se ele poderia expressar um desejo:
Queria ter uma casa mediterrânea de pedra calcária,
que apenas se destacasse saindo das montanhas em torno
de pisos irregulares e um jardim daqueles
com manjerição, alecrim e oleandro.
Aquilo ali não era um jardim mediterrâneo.
Também não havia manjerição ali.
Jäcki não conhecia as plantas.
Chamava a atenção uma que subia para o alto, trepadeira, como a frisa
decorativa do
Pescador e sua mulher, de Runge,
Algo de Pompeia.
Antes Second Empire.
Uma flor, artificial ou venenosa
Como se tivesse sido esboçada, e não meramente crescido.
O homem baixo e amável estava em pé atrás de Jäcki.
Havia mudado de roupa.
Vinha de linho branco.
Devia ser Pedro de Batefolha
Ele não se apresentou.
Deu a mão a Jäcki.
Diante da seriedade tímida e preta própria do homem, Jäcki nem sequer
sabia o que deveria dizer.
Ele não tinha dor nenhuma.
Mal conhecia os ritos de Pedro.
Sabia apenas que Pedro era Kongo.
E ele não poderia vir assim no mais com o banho de sangue
na varanda, diante dos potes de flores
Que ele dissesse a verdade:
Eu acho seu nome tão bonito.
Jäcki disfarçou um pouco
Ele disse:

– Ouvi tanto sobre seu templo.

Isso era verdade.

E:

– Acho as árvores tão bonitas.

Pedro sorriu, acanhado.

Jäcki e o batedor de folhas ainda trocaram algumas saudações baianas.

As crianças.

E a Alemanha é muito longe.

Minha família mora na cidade.

Nós moramos em Piatã.

Ah, na praia.

Meus filhos estão todos na universidade.

Ah, sim.

Eu sou funcionário do município.

Em seguida, silêncio de novo.

Jäcki sentia um rasgar dentro de si.

Só queria ir embora o mais rápido possível.

Jäcki era tímido

Tão tímido que não deixou a chácara em Ostrohe durante seis semanas antes de ir para a cidade, em Heide. Se não houvesse aquela conversa estúpida com os *gays* e os nacional-socialistas na Alemanha, ele teria vivido junto com Trygve, e apenas com ele, ou nem sequer teria se tornado aquilo que se chama *gay*

E viveria com Irma.

Jäcki precisava de apenas poucas pessoas, mas destas, muito.

Também bem entediante,

Irma por certo também faria gato e sapato dele, o domesticado.

Irma apenas era tão boa, disso Jäcki estava convicto, porque ele era tão complicado.

– Eu sou tímido, pensou Jäcki.

– O que será que foi que me levou a essa falta de tato profissional.

– Ir com homens até quatinhos de papelão com a virgem Maria na parede e fazer porcarias com eles por dinheiro.

- E arrancar segredos de senhores velhos acerca de elixires de ervas.
- Perambular por mil templos.
- Apenas para fotografar o banho de sangue.
- Um programa monstruoso, sanguinário, que os homens fazem porque não sabem mais o que fazer.

Jäcki quis se despedir às pressas.

Mas Pedro fez um sinal com sua admirável mão preta, que por dentro era completamente pálida e mostrava linhas pretas.

O batedor de folhas buscou uma chave no interior de casa e foi com Jäcki para uma construção alongada do outro lado.

Ele bateu três vezes na porta de madeira, abriu, eles entraram na sala comunitária do tempo, a área de serviço de Professora Norma, apenas maior e sem máquina de lavar roupas, também poderia ser um templo shaker ou o salão comunitário da igreja evangélica luterana do Pastor Roager em Hamburgo-Lokstedt.

Pedro se virou para a direita, tirou os sapatos e bateu em uma porta de madeira próxima, três vezes, e falou em voz baixa antes de abri-la.

Jäcki não ouviu resposta.

O batedor de folhas abriu a porta, entrou.

Também Jäcki tirou os sapatos, levantou os olhos e viu machados de pedra gigantescos, gotejantes, brilhantes, negros.

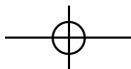
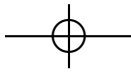
Um espaço cheio de rochas ancestrais

Embaixo, do tamanho de crianças, cada vez menores e empilhados uns sobre os outros

Alimentados com gordura ou de sangue

Pessoas, cães-salsicha, embriões

Era a câmara terrível



COLEÇÃO HEDRA

1. *Iracema*, Alencar
2. *Don Juan*, Molière
3. *Contos indianos*, Mallarmé
4. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
5. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
6. *Triunfos*, Petrarca
7. *A cidade e as serras*, Eça
8. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
9. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
10. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
11. *Dos novos sistemas na arte*, Malévitch
12. *Mensagem*, Pessoa
13. *Metamorfoses*, Ovídio
14. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
15. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
16. *Carta sobre a tolerância*, Locke
17. *Discursos ímpios*, Sade
18. *O príncipe*, Maquiavel
19. *Dao De Jing*, Lao Zi
20. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
21. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
22. *Fé e saber*, Hegel
23. *Joana d'Arc*, Michelet
24. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
25. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
26. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
27. *Apologia de Galileu*, Campanella
28. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
29. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
30. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
31. *Poemas*, Byron
32. *Sonetos*, Shakespeare
33. *A vida é sonho*, Calderón
34. *Escritos revolucionários*, Malatesta
35. *Sagas*, Strindberg
36. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
37. *O Ateneu*, Raul Pompeia
38. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
39. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
40. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
41. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
42. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
43. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
44. *O gato preto e outros contos*, Poe
45. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
46. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
47. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
48. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
49. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
50. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
51. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
52. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
53. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
54. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
55. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
56. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
57. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
58. *No coração das trevas*, Conrad
59. *Viagem sentimental*, Sterne

60. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
61. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
62. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
63. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
64. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
65. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
66. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
67. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
68. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
69. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
70. *O chamado de Cthulhu e outros contos*, H.P. Lovecraft
71. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
72. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
73. *Entre camponeses*, Malatesta
74. *O Rabi de Bacherach*, Heine
75. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
76. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
77. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
78. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
79. *A metamorfose*, Kafka
80. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
81. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
82. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
84. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
85. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
86. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
87. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
88. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
89. *Gente de Hemsö*, Strindberg
90. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
91. *Correspondência*, Goethe | Schiller
92. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
93. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
94. *Poemas da cabana montanhosa*, Saigyô
95. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
96. *A volta do parafuso*, Henry James
97. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
98. *Teatro de êxtase*, Pessoa
99. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
100. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
101. *Inferno*, Strindberg
102. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
103. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
104. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
105. *A carteira de meu tio*, Macedo
106. *O desertor*, Silva Alvarenga
107. *Jerusalém*, Blake
108. *As bacantes*, Eurípides
109. *Emília Galotti*, Lessing
110. *Contos húngaros*, Kosztolányi, Karinthy, Csáth e Krúdy
111. *A sombra de Innsmouth*, H.P. Lovecraft
112. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
113. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
114. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
115. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
116. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
117. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
118. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
119. *Sobre a liberdade*, Mill
120. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí

121. *Pequeno-burgueses*, Górkí
122. *Um sussurro nas trevas*, H.P. Lovecraft
123. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
124. *Educação e sociologia*, Durkheim
125. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*,
Bernardo Guimarães
126. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
127. *Lisístrata*, Aristófanes
128. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
129. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
130. *A última folha e outros contos*, O. Henry
131. *Romanceiro cigano*, Lorca
132. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
133. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
134. *Anarquia pela educação*, Elisée Reclus
135. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
136. *A cor que caiu do espaço*, H.P. Lovecraft
137. *Odisseia*, Homero
138. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
139. *História da anarquia (vol. 2)*, Max Nettlau
140. *Eu*, Augusto dos Anjos
141. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
142. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena (v. II, t. II)*,
Schopenhauer
143. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
144. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
145. *A arte da guerra*, Maquiavel
146. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
147. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
148. *Oliver Twist*, Dickens
149. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
150. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

«SÉRIE LARGEPOST»

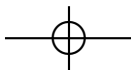
1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Cadernos: Esperança do mundo*, Albert Camus
3. *Cadernos: A desmedida na medida*, Albert Camus
4. *Cadernos: A guerra começou...*, Albert Camus
5. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
6. *O destino do erudito*, Fichte
7. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
8. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

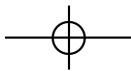
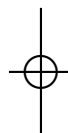
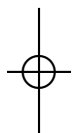
1. *Tudo que eu pensei mas não falei na noite passada*, Anna P.
2. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
3. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
4. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
5. *perversão: a forma erótica do ódio*, oscar wilde
6. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]

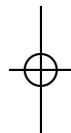
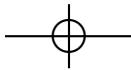
COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber



2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima





Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas, em 5 de setembro de 2017, em tipografia Libertine, com diversos softwares livres, entre eles, Lua^aTeX, git & ruby.
(v. 16531f4)

